

ALINE RODRIGUES DA SILVA

**ESTUDO DISCURSIVO SOBRE A
(IN)EXCLUSÃO DE MULHERES COM
DEPENDÊNCIA QUÍMICA**

Três Lagoas – MS
2019

ALINE RODRIGUES DA SILVA

**ESTUDO DISCURSIVO SOBRE A
(IN)EXCLUSÃO DE MULHERES COM
DEPENDÊNCIA QUÍMICA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras (Área de concentração: Estudos Linguísticos), do Câmpus de Três Lagoas da Universidade Federal de Mato grosso do Sul - UFMS, como requisito final para obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. **Celina Aparecida Garcia de Souza Nascimento.**

Três Lagoas – MS
Março/ 2019

ALINE RODRIGUES DA SILVA

**ESTUDO DISCURSIVO SOBRE A (IN)EXCLUSÃO DE MULHERES
COM DEPENDÊNCIA QUÍMICA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras (Área de concentração: Estudos Linguísticos), do Câmpus de Três Lagoas da Universidade Federal de Mato grosso do Sul - UFMS, como requisito final para obtenção do título de Mestre em Letras.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a Celina Aparecida Garcia de Souza
Nascimento (Orientadora)
Universidade Federal de Mato grosso do Sul –
UFMS

Profa. Dra. Claudete Moreno Ghiraldelo
Universidade de Taubaté – Unitau

Prof. Dr. Fabrício Tetsuya Parreira Ono
Universidade Federal de Mato grosso do Sul –
UFMS

Prof^a. Dr^a Silvelena Cosmos Dias (Suplente)
Universidade Federal de Mato grosso do Sul -
UFMS

Três Lagoas, 27 de março de 2019

AGRADECIMENTOS

À Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), que me acolheu durante quatro anos na graduação e dois no mestrado. Agradeço, também, ao PIVIC (Programa Institucional de Iniciação Científica Voluntária) e à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), agência de fomento que me auxiliou com bolsa pelo BIBID e pelo mestrado.

Às mulheres participantes da pesquisa, que se dispuseram a conversar e escrever sobre suas histórias, expondo seus pensamentos e sentimentos.

Ao CAPS ad, que me recebeu, me apresentou às mulheres participantes e possibilitou a realização da minha pesquisa.

À minha querida orientadora, professora doutora Celina Aparecida Garcia de Souza Nascimento, que me acompanha no mestrado e participou dos principais momentos da minha formação acadêmica desde o início da graduação e com a Iniciação Científica do terceiro ao quarto ano da graduação.

À professora doutora Claudete Cameschi de Souza, que foi minha orientadora no PIBID (Programa de Iniciação à Docência), durante os dois últimos anos da graduação.

À professora doutora Joceli Catarina Stassi Sé, que também foi minha orientadora no PIBID, durante o meu segundo ano de graduação. Por isso e pelo meu desenvolvimento como professora, agradeço ao PIBID.

Ao professor doutor Armando Marino Filho, pelas caronas e hospedagens, pelas conversas e pela orientação no grupo de pesquisa “Implicações da teoria histórico-cultural para o ensino e aprendizagem” no qual tive a oportunidade de estudar sobre psicologia do ensino e da aprendizagem, além das disciplinas da graduação e assistir/participar de aulas lecionadas no segundo ano do ensino fundamental.

Aos professores doutores Solange de Carvalho Fortilli, Vania Maria Lescano Guerra, Taísa Peres de Oliveira, Sebastião Carlos Leite Gonçalves, Claudete Cameschi de Souza, Fabrício Tetsuya Parreira Ono e Celina Aparecida Garcia de Souza Nascimento, que, por meio das disciplinas do mestrado, contribuíram para o meu desenvolvimento acadêmico e pessoal.

Aos professores doutores Silvelena Cosmo Dias e Fabrício Tetsuya Parreira Ono por comporem a minha banca de qualificação do mestrado, se dedicarem à leitura desta dissertação e contribuírem com suas críticas e elogios.

Aos meus amigos Gabriel Lúcius dos Santos, Letícia de Almeida Barbosa, Matheus de Mello Lopes e Raul Leme Medeiros. Ao Gabriel, por estar ao meu lado durante todo o desenvolvimento da minha pesquisa e me apoiar em todos os momentos. À Letícia, por ser uma amiga que passou da graduação ao mestrado junto comigo e dividiu medos e felicidades. Ao Matheus, por assistir comigo as melhores séries, ouvir as melhores músicas e por me proporcionar alegria, principalmente, quando estou triste. Ao Raul, por ser meu amigo confidente e compartilhar os melhores lanches da cidade.

Aos meus pais, Sônia Rodrigues Pereira Correia e José Bezerra da Silva Rodrigues, por me apoiarem nas minhas decisões pessoais e profissionais, por zelar pelo meu estudo e serem minha maior motivação, junto com minha irmã.

E, principalmente, à minha irmã e melhor amiga, Vitória Rodrigues da Silva, que compartilhei os melhores momentos da minha vida, que senti saudades quando eu estava longe e por ser uma pessoa fantástica e carinhosa.

SILVA, Aline Rodrigues da. *Estudo discursivo sobre a (in)exclusão de mulheres com dependência química*. Três Lagoas, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 2019. 93 p. (Dissertação de Mestrado)

Observa-se um histórico de estigmatização em relação às mulheres que são dependentes químicas a partir da discriminação e exclusão social (ALVES, ROSA, 2016). Essa exclusão integra processos discursivos que constituem relações de poder, produzindo efeitos de verdade sobre as mulheres com dependência química. Isto posto, nossa hipótese é que, nos dizeres das mulheres dependentes químicas, articulam-se marcas discursivas de (in)exclusão a partir da sua construção como anormal diante do olhar de si e do outro. Esta pesquisa tem como objetivo compreender a constituição dos processos de (in)exclusão, hos(til)pitalidade e (a)normalidade nos dizeres das mulheres com dependência químicas. Como objetivos específicos, buscamos interpretar questões referentes aos discursos, às formações discursivas e efeitos de sentidos advindos dos dizeres das mulheres com dependência química. Também procuramos compreender esses discursos no campo de relações de saber e poder, bem como problematizar a relação entre hospitalidade, hostilidade e anormalidade nos modos como a mulher dependente química se vê e acredita que é vista. Para tanto, partimos de uma perspectiva teórica discursiva-descontrutiva (CORACINI, 2007) com contribuições dos filósofos Foucault (1979, 2010), sobre anormalidade e exclusão, e Derrida (2003), sobre hos(til)pitalidade. A partir desse olhar analítico, ressaltamos a perspectiva teórica-metodológica da arqueogenealogia com base em Foucault (1988, 2005). Para a realização da pesquisa, adotamos como procedimento visitas ao Centro de Atenção Psicossocial álcool e drogas (CAPS ad), de Três Lagoas (MS), coleta do corpus pelo contato com a instituição e com as mulheres participantes, seleção dos recortes enunciativos e análise e interpretação desses recortes. A análise do corpus se desenvolveu por meio da seleção dos recortes enunciativos extraídos dos sete textos escritos pelas mulheres atendidas na instituição e da transcrição de uma conversa, que aconteceu no primeiro semestre 2018. A partir da constituição do corpus, questionamos: como os sentidos de exclusão e inclusão são construídos nos dizeres das mulheres dependentes químicas em recuperação? De quais formas a hospitalidade e a hostilidade se cruzam nesses dizeres? Como acontece o processo de normalização das mulheres com dependência química? A exclusão das mulheres que são dependentes químicas envolve a vontade de verdade desenvolvida por um “guia” (como a “família”, “amigos”, “empresa” e “Deus”) que constrói um efeito de verdade sobre elas a partir da inclusão. Em outras palavras, a vontade de verdade é um sistema de exclusão que inclui pelo cuidado de si, construindo efeitos de poder que formam traços de si pelo olhar do outro. Por meio do *pharmakon*, materializado pela família e pelas drogas como remédio e veneno, as mulheres que são dependentes químicas tornam-se, ao mesmo tempo, hóspedes reféns e hospedeiras hostis. Por fim, notamos que seu processo de normalização perpassa o silêncio como interdição no discurso e a corrigibilidade pela correção e disciplinarização do corpo pela norma. Esta dissertação está dividida em três capítulos: “Condições de produção: gênero, representação e arqueogenealogia”, no qual discutimos as condições de produção dos dizeres das mulheres que são dependentes químicas e a perspectiva teórica-metodológica da pesquisa; “Um percurso teórico para entender a (in)exclusão”, sobre as noções basilares da Análise do Discurso; e “Mulheres, fronteiras e dependência química”, organizado em três eixos analíticos sobre (in)exclusão, hos(til)pitalidade e (a)normalidade.

Palavras-chave: Análise do discurso; (In)exclusão; Mulher dependente química.

SILVA, Aline Rodrigues da. *Estudo discursivo sobre a (in)exclusão de mulheres com dependência química*. Três Lagoas, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 2019. 93 p. (Dissertação de Mestrado)

ABSTRACT

There is a history of stigmatization against chemical dependents women, including discrimination and social exclusion (ALVES, ROSA, 2016). This exclusion integrates discursive processes that constitute relations of power, producing truth effects on the chemical dependent woman. Therefore, our hypothesis suggests that there are articulated marks of the (in)exclusion by means of construction as abnormal before the self and the other on the discourses of the chemical dependent women. This research aims to understand the constitution of the discourses of (in)exclusion, hospitality (hostility) and (ab)normality of chemical dependent women. As specific objectives, we seek to interpret questions related to discourses, discursive formations and sense effects derived from the discourses of chemical dependent women. Furthermore, we seek to understand these discourses in the field of knowledge and power relations, as well as to problematize the relationship between hospitality, hostility and abnormality in the ways in which the chemical dependent woman sees herself and how she believes she's seen. To this end, we are based in the discursive-deconstructivist perspective (CORACINI, 2007) with contributions by the philosophers Foucault (1979, 2010), on abnormality and exclusion, and Derrida (2003) on hospitality and hostility. From this analytical perspective, we point out the theoretical-methodological perspective of archeology and genealogy based on Foucault (1988, 2005). In order to carry out the research, we adopted as procedure the following steps: visits to *Centro de Atenção Psicossocial álcool e drogas* (CAPS ad), Três Lagoas (MS), collection of the *corpus* through the contact with the institution and the participating women, selection of enunciative excerpt and analysis and interpretation of these excerpts. The analysis of the *corpus* was developed through the selection of enunciative excerpts extracted from the seven texts written by the attending women at the institution and from the transcripts of one conversation that happened in the first semester of 2018. From the constitution of the *corpus*, we questioned: how are the meanings of exclusion and inclusion built in the words of chemical dependent women on recovering? In what ways do hospitality and hostility intersect in these discourses? How is the process of normalization chemical dependent women? The exclusion of women who are chemical dependents involves the will of truth developed by a "guide" (such as the "family", "friends", "company" and "God") that builds a truth effect on them from inclusion. In other words, the will to truth is a system of exclusion that includes by self-care, constructing effects of power that form traits of self through the eyes of the other. By *pharmakon*, materialized by family and drugs as remedy and a poison, the women who are chemical dependents become hostage guests and hostile hosts at the same time. Finally, we note that its normalization process cross the silence as a prohibition in discourse and correctability by correcting and disciplining the body by the norm. This dissertation is divided into three chapters: "Production conditions: gender, representation and archeogenealogy", in which we discuss the production conditions of the discourses of women who are chemical dependents and the theoretical-methodological perspective of the research; "A theoretical course to understand (in)exclusion", on the basic notions of Discourse Analysis; and "Women, Boundaries and Chemical Dependency", organized into three analytical axes on (in)exclusion, hospitality, hostility and (a)normality.

Keywords: Discourse analysis; (In)exclusion; chemical dependent woman.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
CAPÍTULO I	
CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO: GÊNERO, REPRESENTAÇÃO E ARQUEOGENEALOGIA	17
1.1 Nas margens das drogas e do gênero: ser mulher e dependente química	17
1. 2 (Des)caminhos teóricos-metodológicos para a construção do corpus e da análise	24
1.3 Discurso e representação	27
1.4 Para além do “jogo entre grandes homens e países”. Nas trilhas da arqueogenealogia e da desconstrução	30
CAPÍTULO 2	
UM PERCURSO TEÓRICO PARA ENTENDER A (IN)EXCLUSÃO	33
2.1 Do enunciado à constituição da identidade	33
2.2 Para entender a constituição identitária: saber e poder	39
2.3 Algumas fronteiras: (in)exclusão, hos(til)pitalidade e (a)normalidade	43
CAPÍTULO 3	
MULHERES, FRONTEIRAS E DEPENDÊNCIA QUÍMICA	51
3.1 Da (in)exclusão	51
3.2 Da hos(til)pitalidade	59
3.3 Da(a)normalidade	65
CONSIDERAÇÕES FINAIS	70
REFERÊNCIAS	73
MEMORIAL DESCRITIVO: DO PERCURSO ACADÊMICO AO (DES)ENVOLVER DA ESCRITA DE SI	80
APÊNDICE	84

INTRODUÇÃO

De acordo com estudos anteriores, como de Gomes (2010), o uso de drogas por mulheres se apresenta de forma escondida da sociedade, ao passo que são concebidos papéis sociais para as mulheres, a maternidade, por exemplo. Com isso, a autora afirma que a dependência química em mulheres é concebida como o intolerável na feminilidade, pois essa está relacionada à construção de certos estereótipos e valores morais.

Além dessas construções, a pouca visibilidade das mulheres com dependência química resulta na sua estigmatização e vulnerabilidade a partir do gênero e do uso de drogas (GOMES, 2010). Posto isto, entendemos que há processos de subjetivação hegemônicos que envolvem o gênero e as drogas, o que contribui para a invisibilização dessas mulheres no sistema de saúde.

Na tentativa de correção, a mulher dependente química se encontra como hóspede, na exigência de compreensão da língua do outro, da verdade do outro, o que de acordo com Derrida (2003) se caracteriza como uma violência. A hospitalidade é uma relação recíproca entre o eu que acolhe o outro, porém, este é chamado para um confronto em uma relação de hostilidade. Por conseguinte, questionamos: 1) Como os sentidos de exclusão e inclusão são construídos nos dizeres da mulher dependente química em recuperação? 2) De quais formas a hospitalidade e a hostilidade se entrecruzam nesses dizeres? 3) Como acontece o processo de normalização das mulheres dependentes químicas?

Para essas problematizações, partimos da hipótese que, nos dizeres das mulheres dependentes químicas, articulam-se marcas discursivas de (in)exclusão a partir da sua construção como anormal perante o olhar de si e do outro. Essa relação pode existir como forma constitutiva das relações de poder, que tornam as mulheres dependentes químicas in(ex)cluídas, reprimidas a um poder que se torna positivo (FOUCAULT, 1988) ao (re)incluir-las em centros de recuperação.

A ordem social desigual tem como condição a transmutação do excluir para incluir, uma vez que a exclusão existe em relação à inclusão (SAWAIA, 2008). Nesta relação recíproca, é possível observar processos de formações identitárias, nos quais sempre se busca a homogeneidade ilusória do sujeito, manifestada, de acordo com Coracini (2007), em como ele se vê e como acredita que é visto. É na relação com o outro que a identidade do sujeito é definida, na construção imaginária a partir do outro e do discurso outro (CORACINI, 2007).

Argumenta-se, então, que a inserção das dependentes químicas, sujeitos de múltiplas identificações imaginárias, nos centros de recuperação constitui essa transmutação do excluir

para incluir, uma vez que a inclusão não combate à exclusão enquanto perturbação da ordem social, mas, de acordo com Sawaia (2008), enquanto resultado do funcionamento do sistema.

Logo, há uma forma de in(ex)clusão da mulher com dependência química, pois trata-se de excluí-la para poder incluí-la por meio da recuperação, assim, a (in)exclusão da dependente química seria uma forma de condicionamento da ordem social desigual. Acreditamos que essa transmutação do excluir para incluir acaba por constituir os processos identitários da mulher dependente química, que na constituição da hipótese deste projeto ocupa um lugar fronteiro no discurso, porque se encontra na subalternidade, sendo hóspede, hostilizada pela norma e vista como anormal.

Por conseguinte, consideramos como objetivo compreender a constituição dos processos de (in)exclusão, hos(til)pitalidade e (a)normalidade nos dizeres das mulheres com dependência química, sendo os objetivos específicos interpretar questões referentes aos discursos, às formações discursivas e efeitos de sentidos; compreender esses discursos no campo de relações de saber e poder; e problematizar a relação entre hospitalidade, hostilidade e anormalidade nos modos como a mulher dependente química se vê e acredita que é vista. A importância de uma especificidade de gênero se constrói a partir da compreensão de que existem interpretações quando falamos em sociedade e discurso, uma vez que uma pessoa dependente química não é apenas dependente química, porque é interseccional em diferentes categorias.

O corpus da pesquisa se constituiu por sete textos escritos e um texto transcrito, totalizando oito mulheres participantes. São analisados dez recortes enunciativos escritos por oito mulheres que são atendidas no CAPS ad (Centro de Atenção Psicossocial álcool e drogas) de Três lagoas, MS, cada recorte é nomeado com a letra R, o número do recorte e, em seguida, a letra S (sujeito) e o número correspondente, são, respectivamente, R1 (S7), R2 (S6), R3 (S1), R4 (S4), R5 (S2), R6 (S2), R7 (S3), R8 (S5), R9 (S6) e R10 (S8).

A análise dos recortes enunciativos foi realizada a partir da visão discursivo-deconstrutiva, por meio da perspectiva teórico-metodológica da arqueologia e genealogia, discutida por Foucault (1979, 1988). Propõe-se o estudo acerca das relações de (in)exclusão (FOUCAULT, 2005), hos(til)pitalidade (DERRIDA, 2003) e (a)normalidade (FOUCAULT, 2010), nos dizeres de mulheres com dependência química, mediante as relações entre poder, saber e verdade.

Concebida “como trabalho, como produção”, a linguagem é um trabalho simbólico e o seu modo de produção é parte da produção social geral, além de ser interação entre os sujeitos. Esse sujeito está submetido às condições de produção, que o envolve em relação à situação

imediate e sócio-histórica ideológica funcionando conjuntamente (ORLANDI; LAGAZZI-RODRIGUES, 2006), em um movimento de dupla constituição, o da alteridade: a relação do eu com um exterior que o determina (ORLANDI, 2012, p. 21).

Dessa forma, o discurso é o lugar social no qual a linguagem está em interação, além de ser resultado da relação da linguagem com as condições de produção (CARDOSO, 2005). De acordo com Orlandi (2012), ao retomar Pêcheux (1995), o discurso é efeitos de sentido entre os interlocutores, assim como é objeto histórico e ideológico produzido socialmente por meio da sua materialidade, a língua.

É compreensível que as formações ideológicas precisam ser analisadas como práticas discursivas, conjuntos de enunciados que se interpelam em um sistema de regras em uma dada época e espaço definindo as condições para a função enunciativa (FOUCAULT, 2009). Para isto, perpassa-se pela formação discursiva, regularidades e dispersões, resultantes do processo de formação dos discursos, sendo essas regras de formação as condições a que os objetos, a enunciação e conceitos se submetem. Faz-se necessário, também, uma análise da relação estabelecida de uma formação discursiva com a outra e perceber os seus efeitos de sentido.

A linguagem como ordem simbólica é a materialidade do discurso, que, de acordo com Foucault (1979), é a reverberação da verdade. Esta pressiona os discursos em uma luta pela verdade, produzindo efeitos de poder que constituem os sujeitos (FOUCAULT, 1979). Como nas instituições, pelos enunciados das mulheres que são dependentes químicas também manifesta-se uma vontade de verdade que, de acordo com Foucault (1988), também, é poder. Por meio da linguagem, o inconsciente, o Outro do discurso da mulher dependente química, se materializa.

Para entender melhor o que é o inconsciente, Lacan (1998) afirma que há uma sintaxe própria do inconsciente, pois os acontecimentos psíquicos são determinados por uma lógica manifestada por meio da linguagem. O sujeito surge, então, a partir da linguagem, sendo esta a articulação principal do inconsciente encontrada na palavra. Para Lacan (1998), o sujeito é efeito da linguagem, porque é constituído na relação com o Outro por meio da linguagem, determinando-se através da função simbólica e pelas regras de convenções do registro simbólico. Nota-se que é por meio da inserção na ordem simbólica que se constitui o sujeito, a mulher dependente química não é uma exceção, pois se constitui por meio da linguagem e integra uma ordem discursiva.

Traçamos um breve levantamento bibliográfico acerca da dependência química em mulheres envolvendo discursos e representações. Corradi-webster (2009), USP de Ribeirão Preto, defendeu a tese “Consumo problemático de bebidas alcoólicas por mulheres: discursos e

histórias”, para o programa de doutorado em Psicologia, a fim de problematizar o vocabulário em torno da significação de situações que envolvem o uso de álcool, analisar implicações identitárias e desenvolver interpretações referentes ao uso de álcool por mulheres.

Participaram do estudo duas mulheres com dependência de álcool atendidas em um serviço ambulatorial para tratamento de farmacodependência, que foram entrevistadas sobre sua história de vida. Para a realização da análise, houve leitura do caderno com anotações de campo e escuta da entrevista selecionando discursos para a construção de práticas sociais e identitárias.

Como resultado, notou-se que (Miriam), participante da pesquisa de Corradi-webster (2009), se vê como impotente diante do consumo e como sem problemas referentes ao consumo, porém, seus filhos contam versões alternativas das histórias de suas mães. Desse modo, a partir do discurso construcionista, a autora entende que sempre há diferentes histórias, que estão, por exemplo, no diagnóstico, na psicanálise, na motivação para mudança, na religião, no paciente e no terapeuta. Esses discursos são validados de acordo com as relações e contam uma história de modos diferentes.

Em relação à dependência de drogas, na tese “Dependência química em mulheres: figurações de um sintoma partilhado”, de Gomes (2010) – USP, de São Paulo – busca-se privilegiar as especificidades do feminino, considerando o aporte teórico da Psicanálise sobre a dependência química como um sintoma partilhado. Este trabalho integra a área da Psicologia, do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, e investiga os processos psíquicos que envolvem a produção de sintomas em mulheres dependentes químicas, considerando-se a produção de discursos e investiga as formações intermediárias e as modalidades de negatividade relacionadas ao sintoma e ao laço social.

A pesquisa de Gomes (2010) envolveu um grupo psicoterapêutico em um Centro de Atenção Psicossocial álcool e drogas (CAPS ad), observando-se a interdiscursividade e a linearidade dos enunciados. Foram elaboradas categorias de análise a partir da Análise do discurso em situação de grupo, entre elas, as formações intermediárias, as modalidades de negatividade e o complexo fraterno.

Com a pesquisa, entendeu-se a dependência química em mulheres como uma formação intermediária e como o que é intolerável na feminilidade. A formação intermediária se configura como um porta-sintoma, que mantém e sustenta o laço social por meio de um pacto denegativo, atribuindo lugares e funções determinadas para cada participante do grupo, por isso, um sintoma partilhado.

Pela Universidade federal de Pernambuco, o livro “Gênero e drogas: contribuições para uma atenção integral à saúde”, organizado por Moraes, Castro e Petuco (2010), contém estudos que buscam refletir sobre gênero e usos de drogas e contribuir para a integralidade na atenção às pessoas que usam drogas no contexto da área de saúde coletiva. No livro, há textos que preparam o leitor para um olhar de gênero sobre as relações das pessoas com o uso de drogas.

Os textos que integram o livro podem contribuir para os olhares de trabalhadores da saúde, educação e áreas que produzem diálogos com essas. No primeiro texto, “Gênero e usos de drogas: por que é importante articular esses temas?”, de Moraes (2010), pretende instigar o olhar do leitor sobre o tema, explicando sua concepção de gênero e a necessidade dessa abordagem em relação às drogas.

No texto “Educação Popular em Saúde e o cuidado de pessoas que usam álcool e outras drogas”, de Petuco (2010), notamos que discute uma perspectiva freireana sobre a educação em saúde a fim de entender a ação de redutores de danos como o que organiza as relações culturais entre pessoas que usam drogas. O próximo texto do livro, “Álcool e outras drogas”, também de Petuco (2010), fez parte da IV Conferência Nacional de Saúde Mental - Intersetorial: reminiscências de uma observação muito participante. Esse texto discute o tema das drogas e como este é e poderia ser discutido no país em relação às políticas públicas de saúde mental e outras políticas.

Em “Marchas da Maconha: para além da neblina sensacionalista”, de Medeiros e Cecchin (2010), também compõe o livro apresentado e enuncia a partir do lugar dos movimentos sociais e discute a saúde pública por meio das práticas culturais. O capítulo também instiga reflexões acerca de alternativas às políticas proibicionistas e possibilita a compreensão das multiplicidades de fatores e contextos dos usos de drogas.

O quinto texto do livro, “Trabalho de campo e a construção de políticas para usuários de drogas - a questão dos usos de crack na atualidade: um olhar sobre usuários e usuárias”, de Malheiro e MacRae (2010), trata-se do uso de crack, conhecido como produtor de pânico social e alvo de ações emergenciais. Para continuar esse assunto, apresenta-se também o capítulo “Crack, pânico social e desafios atuais”, de Granja (2010) e, em seguida, o texto “Álcool e Outras drogas na Atenção primária”. Este foi desenvolvido por Santos e Rameh-de-Albuquerque (2010), que propõe perceber a Atenção Primária como lócus de ação e intervenção, além de refletir sobre um modelo de atenção integral à saúde.

O capítulo “Homens, violência contra mulheres e atenção em saúde mental: algumas reflexões sobre interfaces complexas”, de Moraes, Medrado, Lyra e Granja (2010), busca refletir sobre relações de causa e efeito e contribui para a prevenção e superação de formas de

violência. O último texto que compõe o livro, “ ‘Pra não dizer que não falei de drogas’: O cuidado de pessoas que usam drogas e a luta antimanicomial”, de Petuco (2010), é um relato crítico e reflexivo sobre como é o tratamento das pessoas que usam drogas e são atendidas em determinadas instituições. Esses textos que integram o livro “Gênero e drogas: contribuições para uma atenção integral à saúde” são, em geral, desenvolvidos para proporcionar uma incitante reflexão crítica sobre os contextos de uso de drogas a partir de uma perspectiva de gênero.

Na Universidade Federal da Bahia, foi defendida tese intitulada “(In)visibilidade do consumo de drogas como problema de saúde num contexto assistencial: uma abordagem de gênero”, por Oliveira (2008), que buscou investigar as representações e abordagens de profissionais da saúde de Salvador (BA) tem em relação ao uso de drogas e como essas representações influenciam na assistência. Essa pesquisa integra a área de saúde coletiva e adotou como aporte teórico a Teoria das Representações sociais e o gênero como categoria de análise a partir de uma metodologia qualitativa e etnográfica, com entrevista de vinte um profissionais da saúde e observação participante no serviço de saúde.

Com esse estudo, notou-se que os profissionais da saúde representam o consumo de drogas como uma doença entendida como dependência, o que demonstra a hegemonia do modelo biomédico. Outra representação discutida foi a visão de que as drogas sempre causam sofrimento, tristeza e depressão. Essas representações sociais estereotipadas contribuem para a visibilidade do uso de drogas como problema de saúde.

A dissertação “O fundo do poço pode se transformar em fundo de posso!: trabalho com um grupo de mulheres alcoolistas sob a perspectiva de redução de danos” foi desenvolvida por Barbosa (2008), da Universidade Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca, para a obtenção do título de mestre em Saúde Pública. Esse estudo envolve um lugar terapêutico para mulheres alcoólatras da cidade do Rio de Janeiro a partir de uma leitura social sobre o alcoolismo e as práticas de saúde, com foco nas representações de doença.

Para a coleta do corpus, foram realizadas entrevistas semi-estruturadas com seis mulheres e a análise envolveu o processo e os significados do tratamento a partir de questões de gênero e saúde. Esse estudo possibilitou a compreensão do contraste entre as experiências que envolve o álcool e após a entrada no grupo de tratamento, com reflexão sobre a auto-estima e as práticas de cuidado sobre si.

Pela mesma universidade, ENSP, foi defendida em 2005 a dissertação “O beber feminino: a marca social do gênero feminino no alcoolismo em mulheres”, de Cesar (2005). Essa pesquisa problematiza o beber feminino por meio de uma perspectiva de gênero a partir

de entrevistas com nove mulheres que participam de um grupo que tem como abordagem o modelo de redução de danos.

Observou-se que o beber feminino envolve ser mulher no espaço social e alcoolista, na relação entre o plano identitário e as subjetivações hegemônicas de gênero. Também foram discutidas contradições em seus dizeres e como se relacionam com experiências adversas e com a fuga do sofrimento a partir de um beber solitário.

Como podemos notar, as pesquisas expostas envolvem a dependência química em mulheres, duas delas a partir da área da psicologia em perspectiva discursiva e quatro da área de saúde pública em perspectiva de gênero, sendo que duas destas também discutem no âmbito das representações.

Até o momento, não encontramos pesquisas concluídas que abordem os discursos e suas relações de (in)exclusão das mulheres dependentes químicas a partir da perspectiva da Análise do Discurso de orientação francesa e da desconstrução. Por conseguinte, entendemos que é na ordem simbólica que os dizeres das mulheres dependentes químicas se materializam, pela língua será possível compreender os efeitos de sentidos que perpassam o seu discurso.

Para que as perguntas de pesquisa sejam problematizadas, articulamos esta dissertação em três capítulos. O primeiro, “Condições de produção: gênero, representação e arqueogenealogia”, abrange discussões sobre a perspectiva do gênero abordada nesta pesquisa, explicitando o que é gênero e mulher, sobre a noção de representação e como se desenvolveu a partir de uma perspectiva foucaultiana e sobre as noções de arqueologia e genealogia na constituição da perspectiva teórica-metodológica arqueogenealógica.

No segundo capítulo, “Um percurso teórico para entender a (in)exclusão”, apresentamos e discutimos noções teóricas que envolvem a área da Análise do Discurso, como enunciado, discurso, formações discursivas, sujeito, identidade, identificação, silêncio e interdiscurso. Mais especificamente, foram traçadas relações entre poder e saber e entre as fronteiras discursivas que envolvem a (in)exclusão, a hos(til)pitalidade e a (a)normalidade.

O terceiro capítulo é intitulado “Mulheres, fronteiras e dependência química”, organizado em três eixos analíticos: “Nas trilhas da (in)exclusão: vontade de verdade, interdição e silêncio”, “Nas trilhas da hos(til)pitalidade: verdade, subjetividade e silêncio” e “Nas trilhas da (a)normalidade: (in)corrigibilidade, subjetividade e silêncio”. Neste capítulo, são analisados oito recortes enunciativos selecionados de textos escritos e transcritos de sete mulheres que são atingidas pela dependência química, considerando as formações discursivas, os discursos, as representações e as noções de “verdade”, subjetividade e silêncio.

Com este trabalho, ressaltamos problematizações acerca das verdades (re)produzidas sobre o que é ser mulher dependente química a partir da perspectiva discursiva e da desconstrução de identidades pré-estabelecidas. Em relação aos trabalhos apresentados, este trabalho também se destaca, por entendermos de modo rizomático as formas de (in)exclusão das mulheres com dependência química e como são materializadas a partir da escrita de si, do olhar que elas têm sobre o mundo.

CAPÍTULO I

CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO: GÊNERO, REPRESENTAÇÃO E

ARQUEOGENEALOGIA

As condições de produção envolvem os sujeitos e a situação de enunciação, compreendendo o contexto sócio-histórico e ideológico (ORLANDI; LAGAZZI-RODRIGUES, 2006), que entendemos como a memória discursiva, constituída pelo já-dito, sendo o Outro do discurso que determina a formação discursiva.

Trata-se de um viés situado no campo teórico-metodológico da arqueogenealogia com base em Foucault (1979; 2005), que elaborou uma crítica à história tradicional, propondo uma história genealógica como descontinuidade, uma história que não busca a origem. Neste trabalho, uma história que envolve mulheres com dependência química que são atendidas pelo CAPS ad, e, neste capítulo, propomos percorrer possíveis (des)caminhos das histórias dessas mulheres, mantendo como foco o gênero e a dependência química por meio, também, da noção de representação.

Ressaltamos que, a partir da proposta rizomática de Deleuze e Guattari (2011), tratamos a escrita como um rizoma, deste modo, o cópua não se localiza apenas em capítulo específico, capítulo III, o cópua permeia todo o processo de escrita, afinal, a escrita é uma conversa com o leitor e com a própria pesquisadora e não se faz por etapas completamente segregadas, não são várias etapas que se tornam uma dissertação, é uma multiplicidade em capítulos que se cruzam e formam uma rede complexa. Posto isso, no decorrer deste texto, nos deparamos com recortes (R) e sua sequência (R1, R2, R3, R4, R5, R6, R7, R8, R9 e R10) em todos os capítulos, em toda a costura discursiva da dissertação.

1.1 Nas margens das drogas e do gênero: ser mulher e dependente química

A partir de contribuições das epistemologias feministas, tentamos construir novas relações e formas de operar na construção do conhecimento por meio da descrição das dispersões e da desconstrução das identidades entendidas, por muitos, como naturais. Segundo Rago (1998), é preciso abrir novos espaços para discutir campos antes não problematizados, pois a pluralização é necessária para a construção de um ser humano menos binário entre um lado supostamente masculino e outro feminino.

Essa superação do binário contribui para a constituição de um novo olhar receptivo às diferenças, pois “é importante que possamos perceber a construção das diferenças sexuais histórica e culturalmente determinadas, desnaturalizando as representações cristalizadas no imaginário social” (RAGO, 1998, p. 93).

As epistemologias feministas contribuem para uma nova ideia da produção do conhecimento como construído pela interação entre sujeitos. Ademais, a historiografia feminista contribui e dialoga com a desconstrução, de Derrida (1995), e com a arqueologia e genealogia, de Foucault (2009), uma vez que apresenta uma perspectiva metodológica receptiva à possibilidade de construção de diferenças.

A “tecnologia sexual”, discutida por Foucault em “história da sexualidade”, considera as regulamentações das condutas sexuais reguladas por autoridades religiosas, legais ou científicas, que produziram a sexualidade como a máquina industrial que fabrica bens e artigos e, concomitantemente, relações sociais (LAURETIS, 1994).

Para Lauretis (1994), a noção de gênero como diferença sexual acaba limitando o pensamento feminista, é necessário discutir uma noção de gênero que não se limite à diferença sexual. Semelhante à Foucault (1988), que entende a sexualidade como “tecnologia sexual”, Lauretis (1994) entende que gênero é resultado de tecnologias sociais, como o cinema e outras práticas cotidianas.

A autora concorda com Foucault (1988) quando afirma que a sexualidade, a autora atribui também ao gênero, é efeito que é produzido em corpos, como em comportamentos e relações sociais, assim, entendemos o gênero como resultado de um processo de tecnologias sociais. Para Lauretis (1994), gênero também é representação, com implicações sociais e subjetivas reais, sendo uma representação uma construção. Como na música, nas escolas, nos tribunais e na família, a construção de gênero também ocorre na academia, nas artes, nas teorias e no feminismo.

Além de ser efeito da representação, é excesso, é o que também está fora do discurso como potencial trauma que pode desestabilizar a representação, sendo que a construção do gênero é produto e processo das representações e da auto-representação, além de ser afetada pela sua construção subjetiva e afetá-la ao mesmo tempo (LAURETIS, 1994).

Diferente dos poderes positivos discutidos por Foucault (1988), Lauretis (1994) afirma que também são produzidos efeitos opressivos do poder. A partir dessa afirmação, a autora explica uma proposição de que, hoje, o gênero é construído por meio de diversas tecnologias e discursos institucionais, controlando significados e implantando representações de gênero. A

autora confirma que a construção do gênero, fora do contrato heterossexual, inscreve-se em práticas micropolíticas e em nível “local”, considerando-se como resistências.

A ideia de gênero se constituiu como base na construção social do caráter humano da identidade, na década de 1960, entendeu-se gênero como distinção entre feminino e masculino dominada a partir de “fatos biológicos” (NICHOLSON, 2000). Após essa fase, gênero passou a ser entendido, por feministas, como expressão das diferenças na personalidade e no comportamento de mulheres e homens.

Durante o século XVIII, a compreensão da mulher como inferior ao homem foi substituída pela compreensão da relação entre mulheres e homens como binária, tendo como fonte desse pensamento o corpo, o que resultou nas ideias de uma essência masculina e uma essência feminina que tem base no corpo (NICHOLSON, 2000). Para a autora, é preciso renunciar o fundamentalismo e o determinismo biológico, e entender, de formas variadas culturalmente, o corpo, que se torna uma variável, não um controle.

Na história das mulheres, começou-se a discutir sobre a categoria do gênero em torno das décadas de 1980 e 1990 com as teorias pós-estruturalistas (RAGO, 1998). A partir desse momento, passou-se a entender que as subjetividades são históricas, não são naturais. De modo semelhante, é possível afirmar que o gênero não é biológico e a-histórico, é relevante por entendermos como uma posição da qual é possível agir politicamente.

Ou seja, a mulher não é uma essência biológica pré-determinada, é construída social e culturalmente e está no jogo das relações sociais e sexuais (RAGO, 2012). Não são as relações econômicas que constroem a diferença sexual, são os discursos que fundam e legitimam essa diferença. Também discutimos mulher como posicionalidade, que, como afirma Alcoff (1993), é uma posição do sujeito a partir de uma localização social, cultural, geográfica, econômica, sexual, entre outras.

A posicionalidade é um termo relacional no qual as posições podem ser lugares de engajamento como a constituição de significados, um lugar de interseccionalidade, na qual percebe-se mulheres, não mulher, uma vez que existem diversas camadas que intersectam o campo social, por exemplo, raça, etnias, classe, idade, entre outros (ALCOFF, 1993). Estas camadas estão mutuamente imbricadas de forma a produzir efeitos que articulam umas às outras em determinados espaços históricos e geográficos. Com uma noção de interseccionalidade, a noção de gênero é reformulada a partir de um conjunto heterogêneo de relações que não são imóveis.

Segundo Costa (2002, p. 83), um grande desafio na teorização dos interstícios é “encontrar linguagens apropriadas ou tropos discursivos através dos quais se possa representar

ou simbolizar as posicionalidades e experiências múltiplas, variáveis e conflitantes do sujeito”. Nessa discussão, para Butler (2017), ser mulher não é a completude do sujeito, pois o gênero não é sempre coerente em relação aos diferentes contextos históricos. Pela perspectiva discursiva, uma vez que o sujeito é constituído a partir do interdiscurso (PÊCHEUX, 2009), notamos que é preciso percorrer as especificidades das histórias dos sujeitos e seus múltiplos espaços de enunciação.

Nesta pesquisa, partimos dos lugares de enunciação das mulheres envolvidas, transpassando sua inscrição de gênero, raça, classe, política e cultural. Os conhecimentos construídos e desconstruídos neste trabalho são compreendidos como um diálogo entre diferentes lugares de enunciação, como o que sugere Mignolo (2003).

Ao discutir o lugar de enunciação, discute-se experiências concretas que se transformam em um modelo teórico-crítico que investiga categorias analíticas e, concomitantemente, seus usos hegemônicos (COSTA, 2002). O lugar de enunciação não é apenas um espaço definido anteriormente que demonstra uma identidade fixa do sujeito, é construído por meio de narrativas, sendo entendido como história. Os lugares são ocupados simultaneamente, eles se cruzam e constituem fronteiras.

Nicholson (2000) propõe entender o sentido de “mulher” como o sentido de “jogo”, uma rede complexa de características, são sentidos de mulheres interligados entre si. Essa rede complexa de características impede a atribuição de um sentido uno às coisas, Deleuze e Guattari (2011), ao falarem sobre o livro, apontam que esse não possui nem objeto e nem sujeito, mas que é composto por diferentes matérias de tempos e espaços também diferentes.

Os autores acrescentam que se atribui ao livro um sujeito ou um objeto, do mesmo modo, é possível relacionar a mulher ao jogo, “negligencia-se esse trabalho das matérias e a exterioridade de suas correlações” (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 18). Em outras palavras, ao atribuir-lhes um único significado, perde-se todos os outros juntamente com a cadeia de relações que os formam.

Ao se opor a ideia de “mulher” com um significado definido, Nicholson (2000) explica que Wittgenstein discutiu a palavra “jogo” como algo que não possibilita a compreensão de aspectos comuns a tudo. O que notamos nos jogos são correspondências e relações possíveis, são redes de correspondências conjuntas ou específicas que se cruzam como uma complexa rede de características (NICHOLSON, 2000).

Essa perspectiva que a autora supracitada utilizou para atribuir à ideia de “mulher” um significado múltiplo, ao utilizar a palavra “jogo” como exemplo de uma palavra que não se define a partir de apenas um significado, pode ser expandida por meio da perspectiva rizomática

que Deleuze e Guatarri (2011) apresentaram a partir da discussão da palavra “livro”. Esse, como “jogo” e “mulher”, não tem significado uno e definido, e sim, estruturam seus múltiplos significados a partir de diversas conexões diferentes e interligadas.

É possível notar que essas relações estabelecem uma rede, na qual o que importa são as linhas que a unem, as conexões, e não os pontos, as palavras em si, é a partir dessa relação de rede que a noção de rizoma se forma. Uma rede rizomática é aquela que é definida pela relação do todo como um todo, o múltiplo elevado a substantivo (DELEUZE; GUATTARI, 2011). Ao contrário de uma rede arbórea, que ainda apresenta centralizações e pontos de partida, a rede rizomática define seus elementos a partir das relações que eles têm uns com os outros e, a cada novo elemento adicionado na rede, toda rede muda e se renova.

Descartamos a concepção de mulher como uma categoria vazia, uma construção discursiva que resultava na sustentação de relações opressivas de poder. Com base nessa concepção anterior, as mulheres que consomem drogas são invisibilizadas a partir de uma etiologia masculina que as coloca em posição de intervenção tardia e dupla estigmatização, como ser mulher e usar drogas.

Enquanto a maioria dos sujeitos estudados são homens, as mulheres são negligenciadas a partir de diagnósticos e outras intervenções baseadas no “padrão” masculino (ALVES; ROSA, 2016). Além dos efeitos de discriminação e exclusão social, as mulheres que usam drogas também podem estar em situação de vulnerabilidade.

De acordo com Lauretis (1994), somos históricos e governados por relações sociais que envolvem o gênero. Esse está relacionado às relações de poder como um sistema de desigualdade, uma vez que não é autônomo, ele se cruza com outras formas de desigualdades como a social, econômica, de classe e racial (BRANDÃO, 2010), como no decorrer da história, que a mulher ficou submetida a condições de acusação e marginalização, assumindo lugares de bruxa, histérica e demoníaca (CHAGAS, 2003). Existem relações de poder referentes ao uso de drogas que determinam como acontece o acesso e consumo perante os gêneros (OLIVEIRA; NASCIMENTO; PAIVA, 2007), como a introdução no consumo de drogas, seus distintos padrões de uso e seus efeitos e consequências.

A visão de gênero e mulher como jogo é importante quando discutimos as distintas realidades das mulheres com dependência química que são atendidas no CAPS ad (Centro de Atenção Psicossocial álcool e drogas). Essa instituição integra o CAPS (Centro de Atenção Psicossocial), lugar no qual são atendidas pessoas com psicoses, transtornos mentais, neuroses graves e com outros quadros, que tem por objetivo realizar o atendimento e a reinserção social

dos atendidos por meio do acesso ao trabalho, lazer, exercícios de direitos e fortalecimento familiar e comunitário (BRASIL, 2004).

Para o tratamento da dependência química em instituição pública, há o CAPS ad, uma estratégia que integra o processo de reforma psiquiátrica que pretende substituir o modelo hospitalocêntrico, sendo, a dependência química, entendida como um transtorno causado por uso e abuso de substâncias psicoativas, um transtorno que pode ser controlado (BRASIL, 2004). Segundo a coordenadora do CAPS ad de Três Lagoas-MS, de janeiro a abril de 2017, foram atendidas mil cento e trinta e quatro pessoas na instituição, com quatrocentos e noventa e oito consultas psiquiátricas e quase oitocentos acolhimentos ativos no CAPS ad.

No Centro de Atenção Psicossocial álcool e drogas de Três Lagoas, há reuniões semanais às quintas, entre psicóloga e pacientes, e às sextas, entre psicóloga, pacientes e seus familiares, além de outras atividades laborais e artísticas que ocorrem durante o dia. Os sujeitos atendidos no CAPS ad são atingidos pela dependência química, situada entre os transtornos mentais resultantes do uso excessivo de substâncias psicoativas (ROCHA; NICOLAU, 2015).

Consoante com Gomes (2010), nas reuniões dos centros de recuperação, as mulheres são estigmatizadas, dizem que é feio uma mulher usar drogas, já seria feio para os homens, imagina para uma mulher. Esses preconceitos e estereótipos estariam, então, ligados a pouca presença das mulheres nas instituições de recuperação.

O uso/abuso de drogas por mulheres se mostra, na pesquisa de Gomes (2010), como algo que acontece escondido da sociedade, pois o uso de bebida alcóolica, por exemplo, não seria de conhecimento das pessoas com as quais se convive, é escondido. Nas pesquisas sobre dependência química, a participação da mulher é mínima, pois há uma ênfase no padrão masculino, considerado como a norma (BRASILIANO; HOCHGRAT, 2006).

Consoante com Cesar (2006), a mulher esconderia o ato de beber e usar outras drogas, por consequência dos papéis sociais concebidos para as mulheres, como a maternidade e a postura adequada a fim de preservar a autoimagem. Nota-se, com isso, que a dependência química em mulheres é o intolerável na feminilidade e está ligada à estereótipos e valores morais construídos social e historicamente, pois no século XIX beber era visto como um hábito da classe baixa, as mulheres dessa classe que bebiam foram associadas à negação dos valores morais (GOMES, 2010).

Como o “beber feminino”, estudado por Cesar (2005), o uso de outras drogas por mulheres envolve o espaço social e identitário, no qual há processos de subjetivação hegemônicos de gênero, processo onde se desenvolveu a violência doméstica. Esse uso é entendido como duplamente desviante, pois envolve o uso de drogas e a possibilidade de

negligenciar papéis estabelecidos socialmente para as mulheres. Essas questões contribuem para a pouca procura dos serviços de saúde e para invisibilizá-las perante o sistema de saúde física e mental. Muitas mulheres são vistas como objetos sexuais e são desqualificadas como mãe e marcadores de desigualdade como raça e gênero aumentam os estigmas e as dificuldades para as pessoas que usam drogas (ALVES; ROSA, 2016).

Em um gesto de interpretação, discutimos sobre os fios que conectam o gênero e as drogas pelos dizeres de S7 (designação de um dos sujeitos da pesquisa), pela escrita sobre sua relação com o CAPS ad, com a família e com si mesma. Quando nos referimos às margens, reconhecemos que há um “centro silencioso e silenciado”, “um circuito marcado” pela “violência epistêmica” (SPIVAK, 2010, p. 54). Essa noção contribui para entendermos que para além do uso de drogas, já marginalizado nas práticas hegemônicas¹, há um recorte de gênero que, como podemos ver a seguir em R1, está nas margens das drogas.

R1: Eu estou aqui apesade esito muito bem pareire de bebe e me tenho vontade de bebe eu estou aqui por que eu tome veneno e estava com muita depressão mais eu jasuperei tudo e estou muito beblé mais du que antes e me senti outra mulher e me dou muito bem com meu filho são os meu melhor amigo eu com tivemo um poblema com ele por eu bebia mais a agora não tenho mais a união mais umide e amor pelo todo. (S7)

Por considerarmos que a análise do corpus de pesquisa não é uma parte estritamente separada de uma dissertação, pois esta pode ter múltiplas entradas, o texto exposto é uma ramificação do corpus que constitui o primeiro recorte (R1) enunciativo a ser analisado junto às discussões sobre as condições de produção dos dizeres das mulheres dependentes químicas.

Em R1, notamos que, no enunciado “me senti outra mulher”, o item lexical “outra” nos possibilita entender que não é mais a mesma mulher, é diferente, não é a mesma mulher que tomou veneno, nem que “estava com muita depressão”, a partir dessas marcas, notamos que há uma fronteira discursiva entre o passado e o presente. O passado como vivido em meio a anormalidade e o presente em torno da considerada normalidade, S7 marca em sua escrita uma fronteira fixa entre o passado e o presente, estabelecendo um limite entre a mulher de antes e a “outra mulher”, a do presente. Quando S7 enuncia “mais já superei tudo” e, em seguida “me senti outra mulher”, nota-se que superar é ir além das drogas, o que resultou no sentimento de ser outra mulher, estar em outro lugar considerado por S7 como melhor, pois enuncia “e estou muito beblé² mais do que antes”.

¹ As práticas hegemônicas resultam em determinada ordem e na fixação do significado das instituições sociais. Toda ordem é afirmada a partir da exclusão de outras possibilidades, expressando relações de poder.

² De acordo com o contexto de enunciação, entendemos “estou muito bem”.

Em R1, notamos que a partir do enunciado “Eu estou aqui apesade esito muito bem”, o dêitico “aqui” caracteriza o CAPS ad e que S7 mantém certa relação, materializada pela marca de sua presença “estou”. Também é possível notar que o item linguístico “apesade” possui um efeito de sentido de oposição, significando negativamente o dêitico “aqui”, uma vez que está no CAPS ad, mas opõe sua presença nele ao fato de estar bem. Constitui-se um olhar sobre o CAPS ad como lugar do anormal no qual o sujeito é avaliado para saber se está de acordo com as normas de saúde, como uma tecnologia positiva de poder.

Entendemos que há um olhar discursivo que permeia a representação sobre o CAPS ad como lugar no qual há a anormalidade (noção mais discutida no capítulo 2). O saber médico, junto com o poder judiciário, integra a instância do controle do anormal (FOUCAULT, 2010). De acordo com o autor, ao contrário do modelo de segregação, há a aparente inclusão por meio de certo policiamento para controlar a população a partir de um poder político que atinge os sujeitos por meio de ramificações capilares.

É possível notar que o CAPS ad forma saberes sobre a dependência química e multiplica efeitos de poder e se apresenta como um aparelho disciplinar que provoca efeitos de normalização, a partir dos quais se funda e legitima certo exercício de poder. O poder aqui não é considerado como um mecanismo negativo de exclusão, é uma técnica positiva de intervenção e produção de saber a partir de um “indivíduo a ser corrigido”, a mulher dependente química.

A anormalidade nesse contexto se constitui a partir do “indivíduo a ser corrigido”, que é um fenômeno frequente. O sujeito dependente químico se torna “regular na irregularidade” (FOUCAULT, 2010, p. 49), é exposto ao jogo de corrigibilidade e incorrigibilidade. Com essa introdução aos dizeres das mulheres com dependência química, passemos, no próximo item, à descrição teórica-metodológica basilar para a análise.

1. 2 (Des)caminhos teóricos-metodológicos para a construção do corpus e da análise

Elucidamos, agora, os caminhos e descaminhos - os caminhos não são certos, são percorridos de modo diferente por você(s), leitor(es) - da construção da teoria-metodologia. Esta pesquisa tem sua base teórico-metodológica na análise discursiva, que é atravessada por pressupostos teóricos do materialismo histórico, da linguística e da psicanálise, caracterizando-se enquanto transdisciplinar. A partir desse lugar teórico, nosso olhar analítico é atravessado pela perspectiva discursivo-desconstrutiva, que permeiam os estudos de Derrida (1995, 2003,

2005), Foucault (1979, 1984, 1987, 2006, 2009, 2010, 2014) e algumas contribuições dos estudos de Lacan (1985, 1987, 1998, 2003) sobre a noção de sujeito.

Ressaltamos que partimos também da perspectiva metodológica da arqueogenealogia com base em Foucault (1988; 2005), com a compreensão de discurso enquanto regularidade que permite a visibilidade de algo como verdade por meio da prática discursiva; e com um caráter político ao entender que todo discurso manifesta e produz poder.

Sobre a história tradicional, tenta-se reconstruir uma linha linear e homogênea, traçar linhas de continuidade e ter uma lógica evolutiva de causalidade. Ao contrário dessa, Foucault (1979) defende a consideração da nova história, que são recortes, desníveis e deslocamentos, ao invés de continuidade é descontinuidade com múltiplas causalidades e diferentes temporalidades sociais. Pode-se pensar que é nas práticas discursivas que os sentidos são construídos, eles não são dados, pois os sujeitos constituem posições plurais (NAVARRO-BARBOSA, 2004).

Para investigar as relações de poder nos dizeres das mulheres dependentes químicas, colocam-se três perspectivas de análise: (1) da imanência, na qual o objeto é passível de se tornar domínio a conhecer a partir de relações de poder e se investe “técnicas de saber e de procedimentos discursivos” (FOUCAULT, 1988, p. 93); (2) das variações contínuas, em que as correlações múltiplas de força resultam em modificações, transformações; (3) da polivalência tática dos discursos, na qual o discurso deve ser percebido como descontínuo, pois não é estável e uniforme, além disso, pode ser uma estratégia de poder, um ponto de resistência e/ou um ponto inicial para reformulações de estratégias de poder (FOUCAULT, 1988).

Esta pesquisa se realizou por visitas ao Centro de Atendimento Psicossocial álcool e drogas (CAPS ad) da cidade de Três Lagoas (MS) para coletas do cópús, que foi selecionado a partir de recortes enunciativos advindos de textos escritos por mulheres dependentes químicas, conforme a autorização dos dirigentes da instituição e das mulheres entrevistadas a partir da assinatura do termo de livre consentimento. As coletas aconteceram no primeiro semestre de 2017 e de 2018, permitindo transcrição, leitura, reflexão e discussões sobre as entrevistas realizadas.

Em 2017, para a realização da coleta do cópús, foi assistida uma reunião, que ocorre semanalmente, entre psicóloga e pacientes a fim de ouvir suas histórias, após essa reunião, conversamos com as únicas duas mulheres que estavam presentes mediante cerca de vinte pacientes. Poucas mulheres participavam das reuniões e, partir de uma conversa com elas, escreveram sobre suas histórias de vida.

Após esse momento de poucas coletas, realizamos outras visitas durante o ano de 2017 e 2018, porém, houve muitos empecilhos em relação à burocracia, como três trocas da coordenação da instituição. Somente nos meses de junho e julho de 2018 foi possível terminar a coleta com mais cinco mulheres, sendo que uma mulher não se sentiu à vontade para escrever, mas se disponibilizou a falar sobre sua história. Dessa forma, também foi realizada uma entrevista (entendida como conversa), que possibilitou a busca de traços da equivocacidade da língua(gem) na enunciação (ANDRADE, 2008). Em outra visita aos CAPS ad, a mulher que realizou entrevista se disponibilizou a produzir um texto escrito também, assim, foram coletados sete textos escritos e um texto falado que foi transcrito.

A transcrição da entrevista envolve uma transformação de materialidade linguística, por isso, precisamos olhar para as transcrições do texto oral de forma diferente dos textos desde o início escritos, sendo a transcrição uma interpretação (DA ROSA, 2013). Como a transcrição, a análise pode ser realizada de diferentes modos, por meio de determinado aporte teórico e determinados objetivos de pesquisa.

Como afirma Coracini (1991), a subjetividade da pesquisadora também é articulada no processo de pesquisa, uma vez que o tema é recordado e o corpus é constituído e analisado, a constituição do corpus é um processo de construção de uma enunciação (AGUSTINI; BERTOLDO, 2011).

Dessa forma, trata-se de uma pesquisa de caráter discursivo, uma vez que se adota como procedimentos: (1) visita ao CAPS AD para contato e assinatura do termo de livre consentimento; (2) realização das coletas, pelo contato direto na instituição com as mulheres participantes; (3) seleção dos recortes enunciativos e; (4) análise e interpretação dos recortes enunciativos a partir dos objetivos e da proposta teórica-metodológica apresentada.

A descrição e análise dos recortes enunciativos selecionados são simultâneas e a sua interpretação não é atribuir sentido, é explicitar como o texto significa, como produz sentido (ORLANDI; LAGAZZI-RODRIGUES, 2006). Os dispositivos de interpretação são dois: o dispositivo teórico da interpretação, as noções-conceitos dos princípios da Análise do Discurso; e o dispositivo analítico, que orienta a observação do funcionamento discursivo e é determinado pelo dispositivo teórico. O dispositivo analítico é construído em cada análise específica, dependendo do objetivo e do dispositivo teórico que está inscrita a analista. Após a análise, esta não interpreta o texto, mas os resultados da análise (ORLANDI; LAGAZZI-RODRIGUES, 2006).

Durante a análise, são marcados sistemas de regularidade e dispersão no discurso (FOUCAULT, 2009) que permeiam o corpus e possibilitam a discussão de eixos de análise

(ANDRADE, 2008). De acordo com Da Rosa, Rondelli e Peixoto (2015 p.277), o “critério de escolha dos recortes a serem problematizados se dá a partir daqueles que a pesquisadora julga serem mais significativos para as discussões que busca apreender”. Assim, como buscamos problematizar a constituição dos discursos de (in)exclusão das mulheres dependentes químicas, os recortes enunciativos foram selecionados de modo que possibilitam essas discussões a partir da subjetividade e lócus enunciativo da pesquisadora.

Tais discursos são constituídos pela escrita, que segundo os estudos de Derrida (1995), a linguagem é como a escritura, por meio da noção de *différance*. A escritura é um “suplemento de origem” que tem a desconstrução como estratégia argumentativa, na desconstrução, desarticulam-se dicotomias e transformam-se o fixo em deslocado (DERRIDA, 1995). Por meio da compreensão de que os textos se desconstroem, a *différance* é traço originário, não no sentido tradicional, é suplemento necessário, sendo que suprir é “acrescentar o que falta, fornecer o excesso que é preciso” (DERRIDA, 1995, p.200). Essa escrita é origem não determinada no tempo, por isso é arquiorigem. O autor entende a escrita como um sistema de traços, sendo que a escrita não é pronta e acabada, é transformação do texto, é múltipla, pois o texto é tecido de traços de diferenças, transcrições e sentidos que não estão presentes, são construídos de forma suplementar.

Como mencionado, temos como perspectiva filosófica a desconstrução derridiana, que não é entendida como destruição, é o questionamento de saberes dicotômicos entendidos como verdade sem questionamento, problematizando e deslocando saberes cristalizados. Nesta pesquisa, questionamo-nos, com a teoria, as dicotomias da inclusão-exclusão, hospitalidade-hostilidade e normalidade-anormalidade, que, com base na *différance* (DERRIDA, 1995), há uma coexistência múltipla.

1.3 Discurso e representação

Para problematizar as relações entre (in)exclusão, hos(til)pitalidade e (a)normalidade, articulamos a construção de representações, como em R1, quando notamos a representação do CAPS ad como lugar da anormalidade e, em R7 (Capítulo III), a representação da mulher dependente química como incapaz.

Na discussão elaborada por Foucault (1987) sobre a noção de representação, na obra “As palavras e as coisas”, o autor afirma que após o século XVI, surgiu a crítica cartesiana da semelhança, excluindo a semelhança como o que essencialmente constrói saber e mostrando

que pode ser analisada a partir de “identidade e de diferenças, de medida e de ordem” (FOUCAULT, 1987, p. 67).

Na idade clássica, houve uma forte relação do Renascimento com a interpretação como conhecimento da similitude colocada em ordem, do simples ao complexo. Surgiu, então, a teoria geral dos signos, que divide e classifica o problema das semelhanças, e, entre esses, os novos saberes. No fim da idade clássica, o signo não mais marcava liames firmes da semelhança (FOUCAULT, 1987).

São três as variáveis dos signos em substituição da semelhança: 1) Com o século XVII, o signo não mais espera alguém para o reconhecer, “ele se constitui por um ato de conhecimento” (FOUCAULT, 1987, p. 74), a linguagem instaura a função significante; 2) “a forma de sua ligação com o que ele significa” (FOUCAULT, 1987, p. 75), o signo se caracteriza pela dispersão, ele pode ter duas posições: fazer parte ou não daquilo que designa; 3) o signo pode assumir os valores de natureza e convenção, natural quando é subtraído às coisas e construído a partir do conhecimento e o signo de convenção pode ser escolhido, separa o homem do animal, é pleno.

O signo natural só é concluído pela instauração do arbitrário, que possibilita a análise das coisas, revelando as possíveis combinações para chegar em uma gênese ideal. Foucault (1987, p. 79) afirma que para a *Lógica de Port-Royal* o signo apresenta a ideia de uma coisa que representa e da coisa representada, o que implica nos seguintes elementos: “o que era marcado, o que era marcante e o que permitia ver nisto a marca daquilo”.

Assim, substitui-se a semelhança pelo pensamento binário. Para o signo ser dualidade, o elemento significante se torna signo e manifesta como está ligado àquilo que significa, precisa representar nele. Em sua essência própria, a representação é sempre perpendicular a si mesma: é, ao mesmo tempo, *indicação e aparecer*; relação a um objeto e manifestação de si.

A teoria binária do signo se liga a uma teoria geral da representação, sendo que a relação entre significante e significado só pode se estabelecer no elemento da representação e o significante e o significado se ligam quando são representados um pelo outro (FOUCAULT, 1987). De acordo com Foucault (1987), nos séculos XVII e XVIII, entendia-se a riqueza, a natureza ou as línguas por meio de uma disposição geral que marca um jeito de ser da linguagem, chamado representação. A representação está no corpo do desejo, que enuncia, sempre, por meio de um discurso representativo.

Na arqueologia, percorre-se o acontecimento mostrando como ocorreram as modificações nas configurações da positividade, como ocorre a modificação dos seres empíricos que estão nas positivities, o deslocamento das positivities entre si, e mostrando

que espaço do saber é feito de organizações, relações internas de elementos que têm uma função (FOUCAULT, 1987).

Em contraparte, quando representação e o ser se encontram, onde a natureza e a natureza humana se cruzam, surge o poder do discurso. A linguagem representa, recorta, combina, articula e desarticula as coisas de maneira que se tornam visíveis nas palavras. As percepções são transformadas em quadro pela linguagem “e, em retorno, recorta o contínuo dos seres em caractere. Lá onde há discurso, as representações se expõem e se justapõem, as coisas se reúnem e se articulam” (FOUCAULT, 1987, p. 326-327).

Enquanto a representação aparece como elemento geral do pensamento, a teoria do discurso é a base das gramáticas possíveis e se dá como teoria do conhecimento. Mas sem o primado da representação, a teoria do discurso se encontra em dois níveis: no nível empírico, no qual o que funcionou na relação entre as coisas (como são representadas) e as palavras (que representam) se retoma na linguagem e é responsável por garantir-lhe a legalidade interna; e no nível dos fundamentos, que passa a atuar na dimensão da exterioridade (FOUCAULT, 1987).

Dessa forma, para entender as práticas identitárias por meio de representações, é preciso compreender os discursos, “que constituem e conferem existência histórica ao sujeito” (GUERRA; SOUZA, 2013, p. 62). Ao invés de semelhança, temos a representação, as palavras não estão ligadas diretamente às coisas. As representações sociais emanam da cultura e dos valores de um grupo social, das formações discursivas nas quais os sujeitos se inscrevem (FOUCAULT, 1987).

De acordo com Lacan (1998), as representações de si e do outro são imagens advindas da relação com o outro, surgem na esfera social moldando o comportamento e criando uma ilusão de completude do sujeito. Coracini (2007) chama essa ilusão de identidade, uma vez que o sujeito se vê pelo olhar do outro, um bebê, por exemplo, se vê quando alguém lhe mostra sua imagem no espelho e lhe atribui características.

Neste tocante, entendemos que o indivíduo não existe independente da sociedade, como afirma Mouffe (1996, p. 130), é constituído pelo conjunto de “posições de sujeito” numa multiplicidade de relações e na pluralidade de formas. Assim, pensa-se o outro de forma agonística, ou seja, por meio da compreensão das diferenças.

Consoante com Coracini (2015), as representações passam do registro simbólico e se fixam no sujeito, o que possibilita o reconhecimento do sujeito, por exemplo, como honesto ou desonesto. As imagens que se tem do outro surgem da mesma forma, com a possibilidade de ver o outro por meio de rótulos. Coracini (2015, p. 141) também afirma que “as representações - de si, do outro e do outro de si - se constroem, sempre e inevitavelmente a partir do outro, que

vê, julga, define, afirma características que podem evidentemente, mudar com o tempo, mas que podem também deixar marcas”.

Discutida por Lacan (1998), a metáfora do espelho se refere a identidade do sujeito, que se ilude com a atribuição de determinados traços para a constituição de si. Dessa forma, a identidade é construída por representações ou imagens, “é possível dizer que traços de mim representam traços do outro, que traços do outro me representam: o modo como o outro me vê pode se tornar o modo como me vejo, ou seja, como me represento” (CORACINI, 2015, p. 142).

Assim, nota-se que o imaginário é constituído por um conjunto de representações ou imagens. Na perspectiva discursivo-desconstrutiva, entendemos a representação como o jeito de cada um se ver e ver o outro, construindo a ilusão de identidade e percebendo as identificações (CORACINI, 2014). Neste estudo, também buscamos problematizar a construção de determinadas representações sobre a mulher dependente química, pois essas representações existem como fios outros que constituem a rede da (in)exclusão.

1.4 Para além do “jogo entre grandes homens e países”. Nas trilhas da arqueogenealogia e da desconstrução

Neste item, (des)enlaçamos fios metodológicos que envolvem a arqueogenealogia e, para além da metodologia, a perspectiva da desconstrução, observando o discurso como uma prática social que obedece a regras e se encontra enquanto um conjunto de enunciados apoiados na(s) formação(ões) discursiva(s), produz efeitos de sentidos diversos, considerando a verdade como possibilidade, e possui história, uma história vista como descontinuidade (FOUCAULT, 2009). Logo, de acordo com Foucault (2009), o discurso é um produto das relações de força da sociedade.

Antes, a história era vista somente como um jogo de poder entre grandes homens e países. Após esse momento, com o movimento chamado “Nova história”, iniciado por Marc Bloch e Lucien Febvre nas décadas de 1910-1920, passou-se a situar a história nos campos de forças estruturais, com um olhar que permite capturar a heterogeneidade das ações humanas no jogo histórico (GREGOLIN, 2004). Assim, substitui-se a narrativa tradicional por uma história problema, sendo essa o próprio devir.

A partir de Nietzsche, Foucault (1979) critica a história tradicional, que não considera a dispersão e as descontinuidades, propondo uma história genealógica, problematizando o

passado a fim de falar sobre o presente. Retoma o conceito de genealogia a partir da história como descontinuidade, opondo-se à pesquisa da origem,

é como se aí onde estivéramos habituados a procurar as origens, a percorrer de volta, indefinidamente, a linha dos antecedentes, a reconstituir tradições, a seguir curvas evolutivas, a projetar teleologias, e a recorrer continuamente às metáforas da vida, experimentássemos uma repugnância singular em pensar a diferença, em descrever os afastamentos e as dispersões, em desintegrar a forma tranquilizadora do idêntico (FOUCAULT, 2009, p. 14).

Logo, entender a história por meio da noção de descontinuidade é buscar compreender os jogos de correlação entre os documentos e o que é seu espaço de dispersão. Doravante, entende-se que a história pode ser contada de várias maneiras, pois é interpretação, tornando o sentido uma montagem inconsciente da história. Neste estudo, trabalhamos com documentos escritos por mulheres dependentes químicas, uma vez que, para Foucault (2006), a escrita é exercida se revelando como uma confissão e apresentando um papel de prova da verdade e de exercício pessoal.

Entendemos, com isso, que a escrita se relaciona ao exercício do pensamento de duas formas, de forma linear e circular. Para Foucault (2006), a forma linear se desenvolve da meditação à escrita e desta à situação real e à experiência, enquanto que a forma circular acontece da meditação à escrita, permitindo a releitura, que oferece forças a uma nova meditação.

No exterior dessas duas formas, outras formas estão localizadas, a hupomnêmata e a correspondência. Como hupomnêmata, Foucault (2006) apresenta as cadernetas pessoais, lembretes e anotações que formam uma memória sobre o que foi lido. A forma hupomnêmata é importante para a subjetivação do discurso, uma vez que tem sua constituição a partir da coleta do discurso do outro.

O autor afirma que essa forma se trata do movimento de dizer o já-dito, ao passo que a prática de si necessita da leitura, sendo importante separar leitura e escrita a partir de uma escolha de elementos heterogêneos. A hupomnêmata se constitui, também, em anotar para si e em um contexto de uso, o que não exclui a unificação, pois se unifica esses fragmentos heterogêneos por meio da sua subjetivação durante a escrita pessoal, constituindo, assim, a escrita como um corpo.

Além da hupomnêmata, tem-se a correspondência, um texto enviado para outra pessoa (cartas), mostrando a si por meio da introspecção (descrevendo a si mesmo para o outro) falando sobre a vida cotidiana. Dessa forma, escolhe a si mesmo como objeto a partir da subjetivação do já-dito, que é fragmentário. É como correspondência que se considera a escrita dos

documentos analisados nesta pesquisa, pois é para o outro que a dependente química, neste caso, mostra a si pela introspecção, tendo em vista que o texto é entregue ao outro, à pesquisadora.

A escrita de si resulta em um documento que pode ser transformado em monumento e, em sua análise, descreve-se o discurso como prática a partir da denominada arqueologia. A arqueologia não tenta definir pensamentos manifestados nos discursos, mas mostrar os próprios discursos; não entende o discurso como documento, mas como monumento; seu problema é definir os discursos em suas especificidades; é uma reescrita regulada, “é a descrição sistemática de um discurso-objeto” (FOUCAULT, 2009, p. 158). Assim, compreende-se que a arqueologia analisa a discursividade local e, a partir da descrição desta, a genealogia ativa os saberes emergidos desta discursividade.

Os conceitos de arqueologia e genealogia constituem a perspectiva teórica-metodológica de análise arqueogeológica, discutida por Foucault (1979; 2009). Para a análise dos recortes enunciativos selecionados neste texto, descreve-se a discursividade local reescrevendo sistematicamente os discursos manifestados pelas mulheres dependentes químicas atendidas no CAPS ad, relacionando com os saberes dessa discursividade a partir da história genealógica.

CAPÍTULO 2

UM PERCURSO TEÓRICO PARA ENTENDER A (IN)EXCLUSÃO

Este capítulo busca a realização de um percurso teórico sobre conceitos basilares para a Análise do Discurso de orientação francesa a partir de linguístas como Coracini (2007) e Orlandi, do filósofo e historiador Foucault (2009), do filósofo Derrida (2003) e de algumas contribuições do psicanalista Lacan (1998).

Durante a primeira seção desse percurso teórico, são discutidos conceitos que têm como base Foucault (2009) sobre o que é enunciado, formação discursiva, discurso e sujeito; Coracini (2007) sobre identidade e interdiscurso, com contribuições de Sargentini (2006) acerca deste; Lacan (1985, 2003), que contribui com a visão psicanalítica de sujeito da linguagem e com o conceito de identificação; e Orlandi (2007) acerca das noções de sentido e silêncio.

Na segunda seção, intitulada “Para entender a constituição identitária: saber e poder”, discutimos como as relações de poder são constituída a partir do saber. Posteriormente, na seção “Algumas fronteiras: (in)exclusão, hos(til)pitalidade e (a)normalidade”, explicitamos algumas relações fronteiriças entre as noções de inclusão/exclusão, normalidade/anormalidade e hospitalidade/hostilidade. Apresentamos a seguir, o recorte enunciativo (R2) para subsidiar as reflexões teóricas e servirá enquanto um fio condutor das próximas seções.

R2: Estou retornando pela terceira vez ao tratamento no Caps AD. Pois na primeira e na segunda vez não levei o tratamento a sério como deveria.

Agora dessa vez estou disposta a recuperar o tempo perdido, levar à sério tanto é que já fazem três meses que estou aqui e não tive nem uma recaída. Isso é um grande avanço pois eu não ficava se quer um dia sem alcool e drogas.

Participo das oficinas 2 vezes na semana. Bem que eu gostaria de participar todos os dias pois além do medicamento que me ajuda bastante a oficina é o que mais me insentiva e cada vez que eu venho saio melhor do que cheguei.

Mas não é possível porque tenho uma filha de 4 anos que é uma responsabilidade muito grande. (S6)

Este recorte enunciativo é parte inicial do texto escrito por S6, descrito aqui para oferecer mais possibilidades de compreensão das noções expostas ao(à) leitor(a), para que o(a) leitor(a) possa conversar com o texto e oferecer possibilidades outras de interpretação. O(a) leitor(a) também constitui esse rizoma que é uma dissertação e cruza os fios discursivos junto à analista. Considerando sua importância, leitor(a), convido-o(a) a responder junto ao texto a seguir: o que é enunciado?

2.1 Do enunciado à constituição da identidade

Para nós, analistas do discurso, é difícil reconhecer que o enunciado não tem definição adequada, um caráter próprio, porque é matéria que determina o objeto nas análises da linguagem. Os signos, que constituem as línguas, se impõem aos enunciados, pois sem enunciado não tem língua, apesar de um enunciado ser dispensável nela, por poder ser substituível por outro. Entendemos que a língua existe porque se constrói enunciados possíveis, mas também porque há descrição de enunciados reais. Por outro lado, o enunciado não existe no mesmo nível que a língua e nem de algum objeto, apesar de ter certa materialidade (FOUCAULT, 2009), o enunciado é uma função, não é uma estrutura,

é uma função de existência que pertence, exclusivamente, aos signos, e a partir da qual se pode decidir, em seguida, pela análise ou pela instituição, se eles “fazem sentido” ou não, segundo que regra se sucedem ou se justapõem, de que são signos, e que espécie de ato se encontra realizado por sua formulação (oral ou escrita) (FOUCAULT, 2009, p. 98).

De acordo com Foucault (2009), o enunciado não é estrutural, porque não é uma unidade, é uma função que se liga a estruturas e possíveis unidades, resultando na sua materialidade. O que é preciso descrever é essa função junto às suas condições e suas regras (FOUCAULT, 2009). Não há um correlato ao enunciado, ou a sua ausência, pois está ligado às leis de possibilidade.

O enunciado está relacionado à diferenciação, às possibilidades de sentido, é por meio de domínios de possibilidade que as características da função enunciativa são: a descrição enunciativa não pode ser realizada por uma análise formal, nem semântica, mas por uma análise de como acontece a relação entre enunciado e espaços de diferenciação; não se analisa a relação entre o autor e o que disse ou quis dizer, mas a posição ocupada pelo indivíduo para ser seu sujeito; a função enunciativa não existe sem um domínio associado (FOUCAULT, 2009). No recorte 2 (R2), por exemplo, notamos o enunciado “tanto é que já fazem três meses que estou aqui e não tive nem uma recaída” (linha 4), que é significado como um enunciado reforço que valida o enunciado anterior no qual S6 afirma estar disposta a “recuperar o tempo perdido” (linha 4). O que possibilita entender que há uma estigmatização sobre a pessoa dependente química não “levar a sério” o tratamento, por isso é preciso enunciados reforços para desconstruir esse estigma.

Por conseguinte, sabe-se que o enunciado não é geral ou neutro, ele faz parte de um conjunto, está em um jogo enunciativo. O que descreve uma proposição não descreve um enunciado. A frase e o enunciado não são totalmente equivalentes, uma vez que nem todo enunciado corresponde à estrutura da frase, um gráfico, por exemplo (FOUCAULT, 2009).

Para Foucault (2009) com a arqueologia, descreve-se enunciados, considerando que seus conjuntos são caracterizados pelas Formações Discursivas (FD), definidas quando se estabelece um conjunto semelhante de enunciados, elas mostram que o objeto estudado tem seu lugar e sua lei de aparecimento e realça que o objeto pode dar origem a outros que se excluem. Isto posto, sucedem-se observações e consequências como o fato de não ser permitido falar sobre qualquer coisa em qualquer momento e das relações entre instituições, os sistemas de normas não definem o objeto, definem o que permite o aparecimento do objeto e o que permite o seu lugar na exterioridade (FOUCAULT, 2009).

Também é preciso articular as relações que estão no próprio discurso, relações discursivas, que não são externas nem internas ao discurso, estão no limite do discurso. Na relação proposta por Foucault (2009), não se interpreta o discurso com o propósito de fazer uma história do referente, trata-se de recusar as “coisas” e relacionar o objeto, com suas condições de aprimoramento histórico. Os discursos são um entrecruzar de coisas e palavras, seus laços até se desfazem no discurso e o que se destacam são as regras da prática discursiva. Consoante com Foucault o discurso é “a reverberação da verdade nascendo diante de seus próprios olhos, e, quando tudo pode, enfim, tomar a forma do discurso, quando tudo pode ser dito a propósito de tudo” (FOUCAULT, 2014, p. 46).

O discurso é um conjunto de escritura, de leitura e de troca colocando em jogo os signos. A partir do enunciado “tanto é que já fazem três meses que estou aqui e não tive nem uma recaída” (linha 4), entendemos que a expressão “levar a sério” (linha 4) é significada como estar em um lugar, que inicialmente foi passagem e que agora é fixo, um lugar benéfico no qual acontece “avanço” e não aconteceu “recaídas”. Lugar que é visto como instituição normalizadora, uma instituição que mediará sua passagem da anormalidade para a normalidade, configurando um discurso institucional.

Ainda sobre enunciado, sua descrição acontece no campo do discurso e das relações a que são sujeitos. Diante da afirmação de que há enunciados que surgem como concernente à economia política e à psicopatologia, por exemplo, Foucault (2009) constituiu quatro hipóteses acerca de relações entre enunciados. A primeira hipótese se refere ao fato de que “os enunciados, diferentes em sua forma, dispersos no tempo, formam um conjunto quando se referem a um único e mesmo objeto” (FOUCAULT, 2009, p. 36).

Em outras palavras, quando se tem um objeto, determinados enunciados formam um conjunto em relação a esse objeto, porém, esse conjunto não se refere apenas a um único objeto, pois unidade de um discurso é feita em relação a diversos objetos, não a singularidade em um. A segunda hipótese é de que é necessário caracterizar e individualizar o sistema que controla a

repartição dos enunciados e entender como se excluem, se apóiam, se transformam, se revezam, se posicionam e se substituem (FOUCAULT, 2009).

Foucault (2009) desenvolveu uma terceira hipótese, na qual estabelece uma unidade discursiva a partir da busca da emergência simultânea ou sucessiva dos conceitos, na distância entre eles, não na coerência dos conceitos. A quarta hipótese diz que a unidade e a persistência dos temas contribuem para a descrição do encadeamento e reagrupação dos enunciados e para explicar sua unidade.

Quando podemos descrever sistemas de dispersão em um conjunto de enunciados, definir uma regularidade entre os objetos por meio da enunciação, dos conceitos e dos temas, temos uma Formação Discursiva. Suas regras de formação são as condições nas quais os elementos (“objetos, modalidade de enunciação, conceitos, escolhas temáticas”) estão submetidos, essas regras são necessárias para a existência da FD em determinada repartição discursiva (FOUCAULT, 2009, p. 43).

Segundo Coracini (2007), as FDs contribuem para a construção da identidade, que precisa ser discutida a partir da discussão da noção de arquivo e memória para Foucault (2009). Logo, arquivo é aquilo que é permitido dizer em um sistema de discursividades, é o que rege o que pode ser dito, rege os enunciados como acontecimentos singulares (FOUCAULT, 2009), por isso, o arquivo atribui sentido ao dizer.

Para Coracini (2007), o arquivo vai definir o que (não) pode e o que (não) deve ser dito, ele permite (ou não) a modificação de dizeres ao longo do tempo, garantindo a memória e sendo garantido por ela. Referindo-se à memória como esquecimento, é por ela que se interpreta o que passou e, concomitantemente, se faz presente (CORACINI, 2007).

Não se discute o arquivo em sua totalidade, ele acontece por fragmentos, regiões e níveis (FOUCAULT, 2009). É no arquivo que se materializam as práticas discursivas, constituídas por relações de poder, onde o poder se exerce, mas também onde há espaço para resistência do sujeito, que é uma construção social que se elabora e se transforma constantemente (CORACINI, 2007).

Consoante com Lacan (1998), o sujeito da linguagem é uma função discursiva, lugar no discurso, é heterogêneo e, conseqüentemente, fragmentado, cindido, enquanto o indivíduo “(indiviso, uno)” é resultado do poder disciplinar, que permite a construção de uma totalidade ilusória que integra o imaginário, a identidade do sujeito, uma ilusão de homogeneidade (CORACINI, 2007, p. 17).

O substantivo identidade é derivado de *identicus* (latim), que significa “semelhante” e que deriva do termo *idem*, cujo significado é “o mesmo”, o substantivo também designa

características que podem individualizar uma pessoa (UYENO, 2013, p. 159). A identidade é construída pelo imaginário social e pode ser problematizada a partir do discurso de si e do outro, no qual podemos notar “momentos de identificação que permitem a ilusão da permanência de uma certa identidade” (CORACINI, 2007, p. 23).

Assim, Foucault (2009) entende a noção de sujeito como função e lugar no discurso e que por meio da formação discursiva constrói parte de sua identidade. Relacionada à esta, Lacan (2003) aborda a noção de identificação formulada por Freud para considerar a constituição do sujeito. Para Freud (1990), existem três formas de identificação, o laço com o objeto, uma regressão diante de um traço e uma qualidade que se compartilha.

Entendemos a identificação como um traço, um processo que instaura o sujeito. Essa noção freudiana é retomada por Lacan (2003) quando afirma que a identificação acontece via traço, não concebe a identificação, simplesmente, como a identificação com um outro. Essa noção, para Lacan (2003), está ligada à cadeia significante, ao ideal do eu.

É na identificação que o valor do significante aparece, devido a isso que é preciso pensar a relação da identificação do sujeito com o significante, uma vez que este é entendido como diferença baseada na função de unidade, sendo um traço distintivo (LACAN, 2003). É dessa forma que o sujeito se constitui em relação ao Outro, que é representado pelo significante, um traço do Outro (LACAN, 2003).

Por ser o significante um traço distintivo em relação ao Outro, notamos que a identificação marca uma falta, é por esta que se busca um traço do Outro, a unidade do sujeito (LACAN, 1985). Para Lacan (1985), a falta é condição de inscrição na língua(gem) a partir de um significante do Outro e de uma perda do eu, uma vez que não existe significante que complete o ser.

Dessa forma, compreendemos que a identidade de um sujeito está ligada às identificações significantes, nas quais assume-se traços do Outro. Lacan (1987) descreve a diferença entre o Outro e outro, sendo este a imagem do eu e aquele a função da fala. O sujeito se vê no outro, por isso tem um eu imaginário, um espelho do outro. Lacan (1985) também estuda o processo de surgimento do sujeito por meio do Outro, campo no qual está a cadeia do significante do sujeito, um lugar da palavra, assim, para o autor, somos efeito da linguagem.

A identidade não é natural, é naturalizada por meio de processos inconscientes, estando sempre em processo, em formação. Dessa forma, entendemos que o sujeito é resultado de múltiplas identificações que carregam traços do outro se entrelaçando como fios e constroem uma rede do inconsciente e da subjetividade (CORACINI, 2007).

Segundo Coracini (2007, p. 61), a identidade só existe no imaginário do sujeito, é construída “nos e pelos discursos imbricados” que constituem o imaginário e a partir da inscrição em determinadas Formações Discursivas por meio de identificações, o que atribui sentido às palavras. Nesse tocante, de acordo com Orlandi (2007), o sentido existe porque o silêncio significa, uma vez que é elemento constitutivo do sentido.

O Outro é constitutivo do sujeito, sendo que não há centro na constituição deste, pois há sempre uma ligação com o Outro. Assim, na constituição do sujeito por meio do silêncio, esse interfere no pensamento narcísico, do sujeito como centro, o silêncio não permite o *non sense* de forma a produzir o lugar de movimento da materialidade significante, uma vez que se precisa do não dito para entender o dito.

Orlandi (2007), então, discute acerca de duas formas de silêncio, o silêncio fundante e a política do silêncio, que é entendida como silenciamento. Esta existe em relação à produção do sentido a partir de um lugar, uma posição sujeito que diz algo e, conseqüentemente, não dizendo algo, enquanto o silêncio fundante existe em relação ao processo de significação.

O silêncio não cala, ele faz dizer de uma forma que recorte o dizer em uma dimensão política, que se baseia na dimensão fundante do silêncio, construindo os processos de significação. Nas palavras de Orlandi (2007, p. 54), “sem silêncio não há sentido porque o silêncio é a matéria significativa por excelência”.

Sendo o silêncio constitutivo, entendemos que o sentido é múltiplo, quando neste se diz algo para não dizer outro, apagam-se sentidos que poderiam demonstrar uma “outra” formação discursiva. “O silêncio trabalha assim os limites do dizer” (ORLANDI, 2007, p. 74). Esse processo que coloca em funcionamento o que é preciso não dizer para poder dizer é denominado, pela referida autora, como “forclusão”.

Para Orlandi (2007), junto ao silêncio constitutivo, tem-se o silêncio local que é a manifestação da interdição ao dizer, a censura é um exemplo desse silêncio. Esta acontece quando se interdita a inscrição do sujeito em uma formação discursiva, ao passo que sujeito e sentido se constituem juntos e, assim, o sujeito é proibido de ocupar determinadas “posições”.

O silêncio permite o trabalho com os limites das Formações discursivas resultando na polissemia e no já-dito. O que orienta os deslocamentos entre as fronteiras da Formação Discursiva é o interdiscurso, que é integrado pelos elementos pré-construídos que formam o efeito do já-dito (ORLANDI, 2007).

De acordo com Coracini (2007), o interdiscurso é um conjunto de múltiplos discursos que fazem parte da memória discursiva, são as vozes advindas dos textos, do outro, “que se entrelaçam numa rede em que os fios se mesclam e se entretecem” (CORACINI, 2007, p. 09).

Mesmo com o interdiscurso, temos a ilusão de que cada um tem uma identidade, que é constituída de representações imaginárias que se fazem no e pelo olhar do outro.

Para Sargentini (2006), interdiscurso não é apenas a repetição de elementos linguísticos, é um entrecruzar de discursos que constroem efeitos de sentido no interior de uma Formação Discursiva. Sargentini (2006, p. 132) afirma que a “discursividade passa, então, a ser compreendida como um espaço regrado de dispersão de enunciados”, possibilitando a criação de novas significações.

Substanciando a discussão sobre identidade, embora o sujeito seja cindido, ele vivencia sua identidade como se fosse unificada como forma de fantasia de si, resultando em um modo contraditório da identidade. Constrói-se a identidade socialmente por quem foi atribuído maior poder e, logo, por quem é autorizado a dizer verdades, essas verdades constituem os seres humanos em sujeitos do discurso (SILVA, 2000). Quando pensamos nessa atribuição de poder, indagamos: estamos falando do poder institucional tão discutido por Karl Marx?

2.2 Para entender a constituição identitária: saber e poder

Para entender a constituição identitária, nesta subseção, relacionamos as discussões sobre saber e poder com base em Foucault (1979). A partir do citado, compreendemos a existência de lutas que questionam o estatuto do indivíduo, afirmando o direito à diferença e a individualidade e, por outro lado, combatendo tudo que isola o indivíduo, sua vida comunitária. Essas lutas têm como objetivo a busca da identidade, atacando o poder que é exercido cotidianamente sobre a vida, não atacam um grupo ou uma instituição (FOUCAULT, 1979).

Pêcheux (2009) argumenta que há uma interpelação ideológica em todo sujeito, o autor propõe, também, que os sujeitos são assujeitados, momento no qual ideologia e inconsciente se cruzam, mas que há a possibilidade dos sujeitos assujeitados resistirem, afirmando a importância de Foucault. Ao contrário de Pêcheux e Marx, Foucault (1979) não corrobora com a noção de classes, pois trabalha com a noção de “micro-poderes”, ultrapassando o poder institucional, pois há relações de poder que estabelecem de forma micro, em circunstâncias específicas entre sujeitos, não somente entre instituição e sujeito. Um efeito de sentido para o enunciado “são muitos olhares” envolve o olhar institucional, do corpo médico, outro efeito de sentido envolve os olhares entre sujeitos que vigiam, S3 parece compreender que esses olhares lhe impõe limitações.

Nas sociedades disciplinares, o poder é exercido sobre os corpos por meio de técnicas e mecanismo que visam organizar o sistema de poder. Para Foucault (1984), o poder está ligado

ao corpo, impondo sobre estas limitações. Por meio da disciplinaridade, constitui-se uma maquinaria de poder, na qual a vigilância é contínua, é presente em tudo, é um olhar que deve adentrar quem é vigiado de forma que o veja como quem o vê (FOUCAULT, 1984), como no enunciado “são muitos olhares... ficam me vigiando por/porque to grávida” (comentário de S3, seu texto escrito está disposto no capítulo 3 no recorte 6). Assim, constitui-se uma técnica de vigilância aberta, não é velada, é de conhecimento da pessoa vigiada, uma vigilância colaborativa da qual S3 também exerce sobre si.

Essas técnicas disciplinares de vigilância garantem a subordinação, há a vigilância geral, por meio da qual temos o *panóptico*, um sistema de câmeras, estatísticas e sistemas de segurança, no caso de S3, por meio de um sistema médico, com consultas e diagnósticos frequentes. Para Foucault (1984), o *panóptico* pretendia produzir sujeitos obedientes a regras e ordens de forma internalizada e automática.

Os sujeitos lutam, não aceitam comandos do poder, por isso se desenvolveu a “disciplinarização” com mecanismos de controle e vigilância, desse modo, entendemos que o poder é transitório e circular (FOUCAULT, 1984). A partir da relação entre sujeito e poder, Foucault (1979) analisa as formas de resistência, entendendo onde é sua inscrição, seus pontos de aplicação e métodos.

As relações de poder implicam em estratégias de luta, que são três os seus tipos: 1) opostas às formas de dominação (como étnicas); 2) que acusam a exploração que segrega o indivíduo do produto que produziu; 3) combatem tudo que resulta na submissão aos outros (FOUCAULT, 1979). O que coloca em questão o que rege os enunciados e como estes regem entre si por meio da compreensão de quais são os efeitos de poder que estão entre os enunciados científicos em forma de regime de poder.

O autor desconsidera a noção de ideologia, porque está em oposição a algo identificado como verdade. Outra noção refutada por Foucault (1979) é a de repressão, que não consegue abarcar o que há de produtor no poder, tendo uma percepção apenas jurídica deste. Sobre a repressão, o filósofo questiona: se “o poder fosse somente repressivo, se não fizesse outra coisa a não ser dizer não você acredita que seria obedecido?” (FOUCAULT, 1979, p. 08). O poder não é simplesmente uma força repressiva, é uma força que permeia, produz, induz, forma saber e produz discurso, é uma rede produtiva que permeia o corpo social (FOUCAULT, 1979).

Produzidos por coerções, os efeitos regulamentados de poder são o que conhecemos como verdade, que só existe no e com o saber. Toda sociedade tem um regime de verdade, mecanismos que possibilitam a distinção entre enunciados verdadeiros e falsos. A verdade está situada na forma do discurso científico e em instituições que produzem esses discursos, é objeto

de difusão e consumo. Existe uma luta pela verdade, que se constitui por regras que determinam o que é verdadeiro do que é falso por meio de efeitos específicos de poder (FOUCAULT, 1979).

A “verdade” é produzida e apoiada por sistemas de poder e reproduzida pelos efeitos desse poder, há um “regime” da verdade. Trata-se de libertar a verdade, que é poder, das formas de hegemonia. Um corpo social surge a partir do exercício de poder sobre o corpo dos indivíduos, não surge a partir de um consenso (FOUCAULT, 1979).

Foucault (1979) se abstém de estudar os efeitos de poder pela ideologia, pois se interessa acerca dos efeitos de poder sobre o corpo. O autor explica que o que lhe incomoda “nestas análises que privilegiam a ideologia é que sempre se supõe um sujeito humano, cujo modelo foi fornecido pela filosofia clássica, que seria dotado de uma consciência de que o poder viria a se apoderar” (FOUCAULT, 1979, p. 148). O poder não age apenas de modo negativo, não apenas reprime e exclui, o poder é forte “produz efeitos positivos a nível do desejo” (FOUCAULT, 1979, p. 148) e no nível do saber. O poder está em um nível cotidiano, elementar, não está localizado apenas no aparelho de Estado.

Para analisar um dispositivo de seleção entre normais e anormais, Foucault (1979) explica que a coerência é resultante de estratégias sobrepostas umas as outras. É preciso localizar os pontos frágeis e fortes que se ligam aos poderes para ver como as peças se dispõem. O poder é exercido, existe somente na ação, é uma relação de força, o poder não é dado, não é trocado, nem retomado.

Existe o exercício desse poder consciente, a partir das hipóteses propostas por Foucault (1979), em mecanismos repressivos e em “termos de combate, de confronto e de guerra” (FOUCAULT, 1979, p. 176), confronto de forças. O filósofo coloca as hipóteses como características do poder segundo o esquema dominação-repressão, que se opõe ao poder político com o esquema contrato-opressão, cujo poder está ligado a soberania. O esquema dominação-repressão é constituído pela repressão como forma de continuar uma relação de dominação.

Ao estudar as origens da medicina, Foucault (1979) pesquisou sobre a arquitetura hospitalar do século XVIII e discutiu sobre o *panóptico*, algo que assegura a vigilância separando os indivíduos a serem vigiados por uma luz e um vigia, o contrário da masmorra. Há também um lugar de exercício do poder e registro do saber que está em um ponto central, descobrindo-se, assim, uma tecnologia de poder em relação aos problemas de vigilância. Passou-se a utilizar a arte de construir para obter vantagens econômicas e políticas.

Bentham foi quem criou o *panóptico*, Foucault (1979) afirma que Rousseau tem seu complemento em Bentham, uma vez que Rousseau sonhava com uma sociedade transparente, onde se vê todas as partes. No entanto, além disso, Bentham pensa na visibilidade em uma

forma organizada a partir do dominador e vigilante. A questão não é punir, é que ninguém faz mal preocupando-se com a opinião dos outros, exerce-se o poder porque as coisas serão vistas e sabidas por um olhar coletivo baseado em opiniões (FOUCAULT, 1979).

Em uma conversa, S3 comentou que as pessoas a investigam porque está grávida e afirmou “São muitos olhares... ficam me vigiando por/porque to grávida”, o que nos remete ao *panóptico* como modelo de controle sobre a vida, neste caso, da mulher dependente química que está grávida. Esse olhar não tem despesas, não precisa de materiais como armas, é apenas um olhar. Esse olhar vigia e resulta na vigilância de cada um sobre e contra si mesmo, o poder se torna uma maquinaria de ninguém. As instituições começaram a aderir essa maquinaria de vigilância e disciplina, a escola e as oficinas, por exemplo, uma vez que ninguém é confiável no *panóptico*, porque todos se vigiam e se desconfiam. Necessitou-se, então, da disciplina para se obter uma nova distribuição do poder a partir de uma hierarquia (FOUCAULT, 1979).

De acordo com o autor, ao se analisar os mecanismos de poder, é preciso investigar as posições e modos de ação do sujeito e suas possibilidades de resistência. As lutas precisam ser analisadas como presentes em uma guerra, decifrando-as por meio da estratégia e da tática. Sobre isso, Foucault (1979, p. 226) afirma que “a pura e simples afirmação de uma “luta” não pode servir de explicação primeira e última para a análise das relações de poder”.

Foucault (1979) percorre uma história da produção de “verdade” sobre o sexo, na qual a sexualidade sempre esteve no centro da “verdade” do sujeito, vigiava-se e confessava-se o sexo. O autor afirma que a nossa sociedade busca e vive em torno da verdade, produzimos discursos que ditam a verdade a partir da detenção de poderes específicos.

As relações de poder se encontram no corpo social, sendo a resistência coextensiva, é como o poder, tem as mesmas características de mobilidade e produção, distribuindo-se estrategicamente (FOUCAULT, 1979). Em relação ao liame entre poder e resistência, declara-se que

a partir do momento em que há uma relação de poder, há uma possibilidade de resistência. Jamais somos aprisionados pelo poder: podemos sempre modificar sua dominação em condições determinadas e segundo uma estratégia precisa (FOUCAULT, 1979 p. 241).

Regras de conduta que escondem a multiplicidade de pontos de vista são criadas pelo poder, resultando em contradições e conflitos (CORACINI, 1995). Enquanto a identidade se liga à significação do ator social, os papéis sociais resultam de instituições e organizações. O conceito de identidade se liga ao conceito de representação, pois “o que somos e o que pensamos ver estão carregados do dizer alheio” (CORACINI, 2007, p.59). Assim, o sujeito “se constrói

nos e pelos discursos imbricados que o vão constituindo” (CORACINI, 2007, p. 61), o entrecruzar desses discursos constituem fronteiras que os distinguem e que os ligam. Podemos entender a constituição dessas fronteiras de forma mais eficaz na próxima seção, quando problematizamos as dicotomias inclusão/exclusão, normalidade/anormalidade e hospitalidade/hostilidade.

2.3 Algumas fronteiras: (in)exclusão, hos(til)pitalidade e (a)normalidade

A partir das múltiplas fronteiras discursivas que envolvem os dizeres de mulheres com dependência química, nesta subseção, refletir sobre a (in)exclusão, (a)normalidade e hos(til)pitalidade é nosso objetivo. Geralmente, o termo fronteira está ligado à geografia, pautado em território, porém, é um termo que migrou epistemologicamente.

Desde a etimologia latina - “*frons*: o que está na frente”, o campo semântico do termo *fronteira* tem alargado sua zona de contato e, com isso, possibilitado o diálogo profícuo entre saberes diversos. Daí, também ser possível, quando se pensa em *fronteira*, também pensar em *limite*, *intertício*, *liminaridade*, *entre*, *horizonte*. Enfim, palavras-conceito que transitam por um espaço comum e caro ao pensamento contemporâneo: o espaço da tensão, do questionamento das *fronteiras*, e não do apagamento, como apressadamente creem alguns (GUIDA, 2013, p. 117).

Nolasco (2016) defende uma epistemologia fronteiriça, propondo adotar o pensamento liminar a fim de provocar rupturas epistemológicas por meio da compreensão do discurso crítico fronteiriço ou epistemologia fronteiriça como um lócus de enunciação.

A fronteira é lugar de conflitos, é realidade de inter-relações constantes, é periférica e composta por sujeitos subalternos, que são negados e silenciados historicamente (SPIVAK, 2010). Enquanto a fronteira é perpassada por multiplicidades culturais, também é vista pelo discurso hegemônico como periférica de maneira a entendê-la como um lugar sem as categorias que imperam nos grandes centros (NOLASCO, 2016). Estabelece-se um lugar fronteiriço que propõe a não rigidez de fronteiras epistêmicas e territoriais, descolonizando o discurso teórico que prevalece nas margens do mundo. Uma forma de decolonizar³ a fronteira-sul é privilegiar as suas histórias, reinscrevendo-as (NOLASCO, 2016).

Além da concepção territorial de fronteiras, entendemos que elas estão marcadas na língua, lugar de conflitos no qual são materializados discursos. Os sinais de pontuação são grandes exemplos, uma vez que marcam limiares entre palavras. Neste estudo, os parênteses

³ Decolonizar é se desvencilhar das principais micro-narrativas ocidentais, “o pensamento fronteiriço é a singularidade epistêmica de qualquer projeto decolonial” (MIGNOLO, 2017, p. 16).

revelam uma fronteira marcada nos conceitos de (in)exclusão, (a)normalidade e hos(til)pitalidade.

Os parênteses marcam a intercalação e a metaenunciação, as manifestações metaenunciativas marcam um retorno sobre o dizer (AUTHIER-REVUZ, 1998). De acordo com Monserrat (2017), os parênteses são utilizados para se referir a algo fora do tema e para atribuir ao enunciado uma ênfase. A autora também afirma que os parênteses também são considerados como “sinal de inclusão”, caracterizando-se como o que não é necessário no discurso, mas possibilita maior entendimento sobre o assunto. Entendemos, com Monserrat (2017), que existem possibilidades de interpretação dos parênteses, oferecendo realce e marcando outra voz.

Silva (2011) explica que os parênteses constituem o que não foi dito, o que é necessário investigar além do que é aparente. Com os parênteses, a homogeneidade do texto é questionada, porque notamos que os sentidos fazem surgir outros (SILVA, 2011). Os parênteses também possibilitam a percepção da subjetividade presente na materialidade linguística, tem como função libertar a escrita a partir de explicações e informações que não estão aparentes no texto (SILVA, 2011). Assim, entendemos que as palavras inclusão, normalidade e hospitalidade carregam em si sentidos, respectivamente, de exclusão, anormal e hostilidade, o que será discutido neste subcapítulo.

De acordo com Foucault (2014), desde o século VII, a verdade passou a estar no que se diz, no enunciado, não mais no discurso ou no que fazia, não mais no ato de enunciação. Com Esíodo e Platão, houve uma separação entre o discurso verdadeiro e o discurso falso, que resultou na vontade de saber. O deslocamento dessa vontade de saber perdura e antecipa conteúdos, esboça planos e impõe ao “sujeito cognoscente” uma posição, olhar e função (FOUCAULT, 2014). A vontade de saber prescrevia como usar os conhecimentos de modo a serem verificáveis e úteis.

Como um sistema de exclusão, a vontade de verdade está sobre um suporte institucional, como a pedagogia, bibliotecas e laboratórios, por exemplo (FOUCAULT, 2014). A vontade de verdade é construída a partir de como acontece a aplicação, a valorização e a distribuição do saber em uma sociedade. Foucault (2014) entende que a vontade de verdade pressiona e exerce um poder de coerção sobre os discursos.

Para Carmagnani (2009), os discursos que se baseiam em regimes de verdades impedem sentimentos de pertença do sujeito em determinada comunidade e controla, exclui por meio do que parece ser inclusão. A exclusão é, então, um mecanismo de controle e poder que coloca sujeitos à margem.

Dois dos grandes sistemas de exclusão, a interdição e a segregação, são atravessados pela vontade de verdade, que é escondida uma vez que é mascarada como forma de verdade (FOUCAULT, 2014). A interdição, a segregação e a vontade de verdade são sistemas de exclusão externos ao discurso, colocando em jogo o poder e o desejo. Além desses, existem “outros procedimentos de controle e de delimitação do discurso” (FOUCAULT, 2014, p. 20).

Há também, os procedimentos de exclusão internos ao discurso, o primeiro é o comentário, que parte do princípio de que há um desnivelamento entre os discursos e os retomam, o comentário é essa (re)aparição, é esse retorno. Esse desnível do texto primeiro ao texto segundo tem dois papéis, o papel de desenvolver novos discursos e o papel de mostrar o que estava silenciosamente articulado no texto primeiro. Para Foucault (2014, p.25), “O novo não está no que é dito, mas no acontecimento de sua volta”.

O autor também é um princípio de limitação, que complementa o comentário, é um início de agrupamento do discurso, início das significações e da coerência, não como alguém que escreveu um texto. Há um indivíduo que escreve, mas que retoma a função do autor.

Outro princípio de limitação é a disciplina, que não é a junção de verdades sobre algo, pois na disciplina também se encontram erros. A disciplina é o que se encontra no espaço do verdadeiro, no qual as proposições são construídas a partir do uso de instrumentos conceituais ou técnicas, respondendo a condições, a objetos determinados em um plano e se inscrever em uma base teórica (FOUCAULT, 2014).

Uma proposição precisa completar exigências para integrar uma disciplina; antes de poder ser declarada verdadeira ou falsa, deve encontrar-se no verdadeiro. Quando se tem um novo objeto acompanhado de novos instrumentos e fundamentos teóricos, não se está no espaço do verdadeiro, é preciso toda uma mudança para que se considere disciplina.

Com isso, Foucault (2014) afirma que para se encontrar no verdadeiro é preciso obedecer às regras ditadas por uma “polícia” discursiva, reativando-as nos discursos. A disciplina “é um princípio de controle da produção do discurso. Ela lhe fixa os limites pelo jogo de uma identidade que tem a forma de uma reativação permanente das regras” (FOUCAULT, 2014, p. 34). O autor, o comentário e a disciplina são princípios de criação de discursos, mas também possuem função restritiva e coercitiva.

No terceiro grupo de procedimentos de controle do discurso estão as condições de funcionamento deste, determinando-se regras de formação. Existem regiões no discurso que são proibidas, para entrar na ordem do discurso é necessário satisfazer exigências. Percebemos esses sistemas de restrição a partir do denominado ritual, que define o lugar ocupado pelo sujeito, o tipo de enunciado a formular e as circunstâncias. Para Foucault (2014) os discursos

religiosos, judiciários, terapêuticos e políticos precisam estar associados ao ritual que estabelece propriedades e papéis preestabelecidos aos sujeitos.

Nas “sociedades de discursos” conserva-se ou se produz discursos que são distribuídos de acordo com determinadas regras. As “sociedades de discurso” produzem discursos para circular em espaço limitado por meio de um jogo de segredo e certa divulgação. Essas sociedades não mais existem, porém não estamos libertos da apropriação de segredos e da não permutabilidade.

Inicialmente, pensa-se que o inverso da “sociedades de discurso” são as doutrinas, pois nesta os discursos são difundidos enquanto naquela os discursos são restritos. Entretanto, as doutrinas definem os sujeitos e enunciados a partir de procedimentos de exclusão e mecanismos de rejeição, proibindo outros discursos (FOUCAULT, 2014).

Há uma dupla rejeição realizada pela doutrina: “dos sujeitos que falam aos discursos e dos discursos ao grupo, ao menos virtual, dos indivíduos que falam” (FOUCAULT, 2014, p. 41). Dessa forma, entende-se que os grandes procedimentos de sujeição do discurso são rituais da palavra, as “sociedades do discurso”, os grupos doutrinários e as apropriações sociais.

Outra forma de exclusão é a hos(til)pitalidade, uma hospitalidade, que se transforma constantemente e torna um refém do outro. Em relação à discussão sobre hospitalidade, Derrida (2003) afirma que quando o *logos* paterno é ameaçado, temos o estrangeiro que questiona o pai (*lógon*), o estrangeiro que contesta o pai é virtualmente parricida. A questão do estrangeiro é a guerra interna ao *logos*, é o conflito do pai com o parricida, o que se traduz em uma dupla questão (DERRIDA, 2003). A instância paterna do *logos* considera o estrangeiro como louco. A questão do estrangeiro é a política, o homem político. O estrangeiro é estranho à língua que lhe tem hospitalidade dada pelo hospedeiro, impõe-se a violência de tradução de sua própria língua.

O estrangeiro tem o direito à hospitalidade, que lhe é dado se tem um grupo recebendo outro grupo, esse direito “em família” torna a relação de hospitalidade possível. A hospitalidade constitui um paradoxo, pois em sua forma absoluta proporciona a abertura da casa, oferecendo-a ao estrangeiro sem exigir reciprocidade dele, o que rompe com a hospitalidade de direito (DERRIDA, 2003).

Derrida (2003, p. 27) afirma que a questão da hospitalidade é a “questão da questão”, sendo também a questão do sujeito, de uma lei que produz um fora-da-lei. A palavra estrangeiro também é traduzida como hóspede, pois é recebido como hóspede e inimigo. É a partir do *ethos*, da moralidade objetiva nas instâncias da família, da sociedade burguesa ou civil e do Estado que se compreende o estrangeiro.

O que está em questão, de forma “desarrumada” e deformada, é “o traçado da fronteira entre o público e o não-público, entre o espaço público ou político e o estar em casa individual ou familiar” (DERRIDA, 2003, p. 45). O jurídico-político está em caminho de desestruturação-estruturação, desafiando as normas existentes. Quando alguma autoridade pública interfere, vigia, interdita trocas que estão na instância privada é porque as trocas atravessam espaços públicos de forma a perturbar o elemento da hospitalidade.

O senhor da casa começa a acreditar que o estrangeiro é indesejável, é inimigo por estar em seu *chez-moi*, palavra francesa cujo significado é “em minha casa” (AZEVEDO, 1989, p. 304), por estar também em sua ipseidade, assim, me torno refém do hóspede que se torna hostil. A substância simples do *chez-soi* precisa ser hospitaleira para poder ser *ipse*, “si mesmo consigo, *chez-soi* habitável em relação à consciência de si” (DERRIDA, 2003, p. 55). A lei é, então, paradoxal e perversiva, resultando em um conluio, que também é poder, com a necessidade que o hospedeiro tende a selecionar seus hóspedes.

A hospitalidade não existe sem soberania e sem finitude, sendo que só se pode exercer soberania praticando violência (DERRIDA, 2003). Parece ser a partir da inscrição da hospitalidade num direito que surge esse conluio entre a violência do poder (força da lei) e a hospitalidade. É um direito privado ou familiar que só pode ser garantido por meio de um direito público, que é garantido controlando o domínio privado e permeando-o.

Para ser hóspede se exige um direito, quando não se tem o direito, o que há é um hóspede abusivo, um parasita. Com isso, há um efeito paradoxal que é a perversidade, que interdita a hospitalidade, que devia ser tornada possível. Da perspectiva do direito, o hóspede é um estrangeiro que precisa continuar estrangeiro, assim, a relação com este é regulada pelo direito.

Para Derrida (2003), há uma contradição filosófica, na qual se chega a proposições diferentes e coerentes, entre a lei da hospitalidade, a lei incondicional da hospitalidade ilimitada (oferece-se o *chez-soi* e o si sem querer algo em troca) e as leis da hospitalidade, na qual os direitos são condicionais.

A lei incondicional precisa das leis da hospitalidade. A lei e as leis são inseparáveis e contraditórias, se excluem e se incluem ao mesmo tempo. Consoante com Derrida (2003, p. 73) “A lei, no singular absoluto, contradiz as leis no plural, mas cada vez é a lei *na lei* e cada vez *fora da lei na lei*”. A lei incondicional da hospitalidade é grátis, não é exigida por um dever, é sem dever.

Para Derrida (2003), Édipo é uma ilustração da experiência da hospitalidade, pois a morte não se desenrola como gostaria, acontece no estrangeiro, que está em um lugar de

clandestinidade. O sujeito é hospedeiro e, depois, refém, hóspede, o estrangeiro toma lugar no hospedeiro, que espera seu hóspede como um emancipador.

Encontramos o estrangeiro, sempre, em situação de fazer a lei e libertar uma nação vindo de fora no *chez-soi*. Semelhante ao Édipo, o estrangeiro pensa saber “salvar o senhor e libertar o poder de seu hóspede” (DERRIDA, 2003, p. 109); é como se o senhor fosse prisioneiro de sua ipseidade, de sua subjetividade, tornando-se refém, que sempre foi. O hóspede, “o refém convidado (guest), torna-se convidador do convidador, o senhor do hospedeiro (host), sendo que o hospedeiro torna-se hóspede do hóspede. O hóspede (guest) torna-se hospedeiro (host) do hospedeiro (host)” (DERRIDA, 2003, p. 109).

Com essas substituições, todos se tornam reféns um do outro, tal como funcionam as leis da hospitalidade. A língua é o conjunto da cultura, é algo do *ethos*, não é somente uma operação linguística, língua é hospitalidade. Há, então, um dilema, a hospitalidade incondicional e a possibilidade de direito e dever, com a possibilidade de corromper um ao outro, as duas hospitalidades estão limitadas à língua. Além de distintas e heterogêneas, a lei incondicional de hospitalidade e o direito desta são indissociáveis, pois ambas se implicam (DERRIDA, 2003). Trata-se de estar em busca de uma morada, de uma identidade, de uma verdade.

Ainda sobre os sistemas de exclusão, Foucault (2010) afirma que o exame psiquiátrico constituiu uma técnica de normatização do indivíduo delinquente, substituindo o indivíduo jurídico pelo delinquente, se perguntando se o indivíduo é perigoso. O sujeito criminoso se torna o objeto de uma tecnologia, de correção, é um sujeito delinquente como objeto de uma tecnologia. (FOUCAULT, 2010).

Há uma dupla qualificação médica e judiciária na qual Foucault (2010, p. 28) chama de domínio da “perversidade”, uma noção que surge no século XIX trazendo consigo todo um aparato de termos pueris, como “preguiça”, “orgulho” e “maldade”, todas essas questões respondem ao considerado perigo. Os conjuntos institucional médico e jurídico estão voltados ao indivíduo perigoso, ao que não é exatamente doente nem criminoso. Com isso, temos duas noções, a noção de “perverção” e a de “perigo”, de “indivíduo perigoso”.

A perversidade é ativada a partir de um discurso parental-pueril, parental-infantil, um discurso dito dos pais com os filhos, o discurso da moralização. Além de se organizar em torno da perversidade, esse discurso está em torno do problema do perigo social, ele evoca o medo por meio da função de encontrar o perigo e se opor a ele, ou seja, é um discurso do medo e da moralização (FOUCAULT, 2010).

Para Foucault (2010), o exame médico-legal se desenrolava na gradação do normal ao anormal, não se dirige à delinquentes ou doentes. Desse modo, constitui-se o poder de normalização de maneira que o poder judiciário e o saber médico se transformam e constituem a instância do controle do anormal, não é o controle do crime nem da doença, tornando-se um problema teórico e político. É a partir disso que Foucault (2010) elabora uma genealogia desse poder.

Para explicar os eixos da anormalidade, Foucault (2010) explicou como acontecia a exclusão dos leprosos como uma prática social que tornava os leprosos rigorosamente distantes da comunidade. Exerciam-se sobre os leprosos, como sobre os pobres, mecanismos e efeitos de exclusão, de rejeição, de recusa.

Ao contrário do modelo de exclusão do leproso, houve outro modelo no Ocidente, o modelo de inclusão do pestífero, pois o território de peste não era replicado, era analisado sutilmente e de forma detalhada a partir do policiamento e de uma pirâmide de poder. Com isso, controla-se a população, guardas passavam todos os dias nas casas para verificar e controlar possíveis doenças, é uma quarentena, não é uma exclusão (FOUCAULT, 2010).

Não é uma marcação definitiva da população, é um exame de regularidade que avalia cada indivíduo com o propósito de saber se está de acordo com as normas de saúde. Esse é um momento de policiamento a partir de um poder político atingindo os indivíduos por meio de ramificações capilares, é um modelo de controle político.

Foucault (2010, p. 41) chama essa substituição de modelo da lepra pelo modelo da peste de “invenção das tecnologias positivas de poder”. Enquanto o modelo da lepra é excludente, é de rejeição, o modelo da peste é positivo, é inclusivo, forma saber e é multiplicador dos efeitos de poder, criando-se aparelhos disciplinares e seus efeitos de normalização, sobre estes entendemos que:

a norma não se define absolutamente como lei natural, mas pelo papel de exigência e de coerção que ela é capaz de exercer em relação aos domínios a que se aplica. Por conseguinte, a norma é portadora de uma pretensão ao poder. A norma não é simplesmente um princípio de inteligibilidade; é um elemento a partir do qual certo exercício do poder se acha fundado e legitimado (FOUCAULT, 2010, p. 43).

Para Foucault (2010), junto à norma há os princípios de qualificação e de correção. A norma está sempre submetida a um poder normativo. Assim, consideramos que o poder não é apenas um mecanismo negativo de exclusão, é também uma técnica positiva de intervenção e produção de saber.

O domínio da anormalidade se constitui a partir do “monstro humano”, do “indivíduo a ser corrigido” e do “masturbador”. O monstro humano surge por meio da lei, como uma noção jurídica, pois se constituiria de uma violação das leis da sociedade e das leis da natureza, é algo raro. “Digamos que o monstro é o que combina o impossível com o proibido” (FOUCAULT, 2010, p. 47).

Enquanto o contexto de referência do monstro era jurídico-biológico, o contexto de referência do indivíduo a ser corrigido é a família e as instituições em sua volta, como a escola e a igreja. Enquanto o monstro é uma exceção, o indivíduo a ser corrigido é frequente, é um fenômeno corrente.

Como afirma Foucault (2010, p. 49), o indivíduo a ser corrigido é “regular na irregularidade”, ele é posto à correção à medida que técnicas e procedimentos de correção falharam, assim, é incorrigível, esse indivíduo está em um jogo de corrigibilidade e incorrigibilidade, é “um incorrigível que vai ser posto no centro de uma aparelhagem de correção” (FOUCAULT, 2010, p. 50).

O terceiro elemento que compõe o domínio da anormalidade é o masturbador, cujo campo de aparecimento é a família, é o quarto, é o corpo, é um segredo universal. Assim, Foucault (2010) conclui que o anormal do século XVIII e XIX está nesses três elementos: o monstro humano, o indivíduo a ser corrigido e o masturbador. A partir do século XIX a figura do monstro está em qualquer criminalidade, monstro moral. No século XVIII, temos o poder de punir apoiado em uma rede de vigilância, depois, passou-se a ligar o crime à punição, procurando uma unidade de medida (FOUCAULT, 2010).

CAPÍTULO 3

MULHERES, FRONTEIRAS E DEPENDÊNCIA QUÍMICA

Este capítulo tem como objetivo compreender a constituição dos processos de (in)exclusão, hos(til)pitalidade e (a)normalidade nos dizeres das mulheres com dependência química, considerando as formações discursivas, os efeitos de sentido e as relações de poder. É importante observar que, durante a análise, construímos uma identidade às participantes dessa pesquisa como dependentes químicas. Enquanto pesquisadora me constituo enquanto outro que diz “verdades” sobre as mulheres atendidas no CAPS ad, mesmo sem essa pretensão, sabemos que acabamos por delinear traços que constituiriam essas mulheres como a “família, empresa, e amigos”, conforme recorte (R3), analisado no primeiro excerto.

Para uma sistematização mais consistente, a análise é empreendida a partir de três eixos: Da (in)exclusão, a fim de discutir como a inclusão e a exclusão se cruzam nos dizeres das mulheres que são atendidas no CAPS ad; Da hos(til)pitalidade, para entender a produção da verdade, da subjetividade e do silêncio; e Da (a)normalidade, no qual discute-se os jogos de corrigibilidade e incorrigibilidade que envolvem os discursos sobre as mulheres com dependência química.

3.1 Da (in)exclusão

As políticas que promovem a inclusão têm caráter natural a partir da lógica do termo binário inclusão-exclusão, neste eixo, tratamos tal termo como uma fusão, no qual a inclusão e a exclusão significam juntas em uma constante (in)completude.

R3: Uma grande amiga me apresentou p/Deus e fui liberta, passou um tempo me afastei dos caminhos de Deus e voltei novamente a usar só que veio Bem + forte o vício. Faz zanos e meio que estou em uma empresa, e a 1 ano afastada de Deus e as coisas na vida amigos, empresa, estavam complicadas de eu lidar entrei em desespero, conheci a verdade da minha vida p família, empresa, e amigos e a empresa decidiu me ajudar, minha mãe e irmã me dando maior Força. Hoje em dia estou com Deus. Liberta a uma semana e cinco dias pelo poder de Jesus Cristo. (S1)

No enunciado “Uma grande amiga me apresentou p/Deus” (linha 1), notamos que a expressão “grande amiga” mostra um sentimento de acolhimento, de se sentir acolhida em uma grande amizade em um jogo de hospitalidade. O adjetivo “grande” manifesta efeito de sentido de importante e de acolhimento que se estendeu com a apresentação “p/Deus” como manifestação do seu acolhimento por meio do discurso da salvação, no qual com “Deus” é possível estar “liberta” (linha 1).

Com o enunciado “passou um tempo me afastei dos caminhos de Deus e voltei novamente a usar só que veio bem + forte o vício” (linha 1 e 2), questionamo-nos: o que é se “afastar dos caminhos de deus”? O item linguístico “caminhos” tem efeitos de sentido de via, meio pelo qual se passa, local de passagem, significando que há diferentes caminhos possíveis para se “libertar” por meio de “Deus” e que S1 se afastou dessas possibilidades de passagem “p/deus”. É na relação entre o discurso da salvação e a formação discursiva cristã que se materializa que não há salvação quando se afasta de “Deus”:

O termo “novamente” (linha 2) produz sentido de que antes da amiga a apresentar “p/Deus” ela usava drogas, sendo que o item “liberta” significa, neste caso, não usar drogas, e um efeito de sentido do enunciado se “afastar dos caminhos de Deus” é configurado como voltar a usar drogas. Esse percurso se desenvolve em (des)caminhos da (a)normalidade, caminhos que são trilhados descontinuamente entre estar no que é considerado normal (estar nos caminhos de Deus) e estar no que é considerado anormal (estar nos caminhos das drogas).

No enunciado “conheci a verdade da minha vida p família, empresa, e amigos e a empresa decidiu me ajudar”, notamos que a “verdade” é conhecida por meio da relação com o outro, “família, empresa, e amigos”, que são os mestres que lhe dizem a “verdade” sobre as drogas. São “guias” autorizados a dizer verdades, que por sua vez, constituem os dizeres de S1 construindo sua identidade socialmente como dependente química, ou, mais popularmente, usuária de drogas.

Entendemos que o cuidado de si se constitui pela relação com o outro, considerando-se que cuidar de si é ouvir um mestre, um guia, um amigo que lhe diga a “verdade”. O cuidado de si por meio da relação com o outro e o discurso da salvação constroem o imaginário do S1 a partir da formação discursiva cristã, que atribui sentidos relacionados à liberdade, em R3, por “Deus”, pela “família, empresa, e amigos” (linha 5) e pelo “poder de Jesus Cristo” (linha 7).

Notamos que a verdade pode ter sido conhecida por S1 sob ela mesma, mas, no enunciado “conheci a verdade da minha vida p família, empresa, e amigos”, entendemos que o sujeito conhece a verdade de sua vida para o outro, não apenas para si, a vontade de verdade está relacionada ao outro como um sistema de exclusão sobre o suporte da “família”, da “empresa” e dos “amigos”. De acordo com Foucault (2014), a vontade de verdade se constrói por meio de como o saber é aplicado, valorizado e distribuído na sociedade, em R3, notamos que a “família” e a “empresa” são instituições que aplicam, valorizam e distribuem saber, então, constroem a vontade de verdade, pressionando e exercendo poder de coerção nos discursos.

Essa vontade de verdade da “família”, “empresas” e “amigos” impossibilita que o sujeito tenha sentimentos de pertença e acaba por excluir por meio de uma aparente inclusão.

Há uma “polícia discursiva” construída pela “família, empresa” e “amigos” que ditam o “verdadeiro”, o que acontece em um jogo de uma identidade sobre S1 no qual as regras são reativadas continuamente entre usar e não usar drogas, estar ou não nos “caminhos de Deus”. A formação discursiva cristã está associada ao ritual, que segundo Foucault (2014) dita, de forma preestabelecida, propriedades e papéis aos sujeitos, para entrar na ordem do discurso é preciso cumprir as exigências, uma ordem do discurso bíblico.

Nos enunciados “Uma grande amiga me apresentou p/Deus e fui liberta” (linha 1) “Liberta a uma semana e cinco dias pelo poder de Jesus Cristo” (linhas 6 e 7), há o atravessamento do discurso bíblico cristão, materializado pelos termos “Deus”, “liberta” e “Jesus Cristo”. Notamos que o cuidado de si é materializado pelo discurso bíblico cristão, que introduz a salvação para S1 por meio do não uso de drogas de modo que buscar a salvação e a libertação significaria cuidar de si. O uso de drogas é significado como um “pecado”, como uma desobediência à “Deus”, em R3, o que contribui para a (a)normalização das drogas, uma vez que, após deixar de ser uma “exceção” na sociedade, as drogas passaram a ser vistas como pecado para os religiosos, como questão de saúde pública para os médicos e como questão de segurança pública para os governantes.

Observamos em “a empresa decidiu me ajudar”, que a empresa produz saberes concomitantes aos efeitos regulamentados de poder conhecidos como verdade. São efeitos de poder que determinam o que é verdadeiro e o que é falso, a força desse efeito de poder é materializada pelo verbo decidir, que, conjugado na terceira pessoa do singular, aponta para a empresa como o que “determina”, “soluciona”, “resolve” e “desata” (FERREIRA, 2009, p. 606) a vida de S2. Ademais, a decisão vem acompanhada do item linguístico “ajudar”, fornecendo um contraste de significados, enquanto um soluciona e resolve o outro auxilia e contribui.

Desse modo, notamos que nos dizeres do S1 também é materializado um jogo de poder configurado pelos itens linguísticos decidiu, no qual se impõe algo, e ajudar, verbo aberto que possui a possibilidade de não querer ser ajudada. Esse jogo de relações possíveis forma uma rede de características que se cruzam em efeitos de verdade sobre S1. Essa rede complexa de características não possibilita uma visão unificadora (DELEUZE; GUATARRI, 2011) das mulheres que são dependentes químicas, possibilita compreender os jogos discursivos que envolvem os dizeres desses sujeitos como múltiplo.

Notamos que S1 escondia o ato de usar drogas até o momento em que “e as coisas na vida amigos, empresa, estavam complicadas de eu lidar entrei em desespero” (linhas 3 e 4), o que significa esconder devido aos papéis sociais construídos para as mulheres como a postura adequada para que se preserve a autoimagem. Nessa relação de poder que envolve a mulher que

é dependente química, amigos, família e empresa, é possível notar que há técnicas de saber, como o discurso bíblico cristão, e de procedimentos discursivos, como o conhecimento de si para o outro, pois se produz verdades sobre as mulheres que usam drogas a partir da FD cristã e do discurso da salvação.

O recorte seguinte, R4, também materializa as relações de poder que envolvem a mulher dependente química, dessa vez, por meio do discurso do perigo em torno dos sentidos de sofrimento, explorados a seguir.

R4:Alcoolismo cigarro probema sobre familia estou aqui não tem 1 meis mais mesmo assi estou gostando fui uma molher muito sofrida. Hoje me del um Avece com 37 anos mais faço o meu serviso de casa moro sozinha mais grasa a Deus moro perto da minha familia o meu relacionamento com a familia e pesimo so veneno a segunda porque os filho trabalha não tempo para se desloca eu depois do avece os amigos afastarão de mim hoje me sinto mais infelis mais eu agradezo a Deus. (S4)

Notamos que os sentidos articulados no texto escrito por S4 se relacionam aos itens lexicais “probema” (linha 1), “sofrida” (linha 2), “pesimo” (linha 4), “veneno” (linha 4) e “infelis” (linha 6). O item “probema” está relacionado ao alcoolismo, ao cigarro e à família no enunciado “Alcoolismo cigarro probema sobre familia”, que materializa alguns conflitos ativados pelo *pharmakon*, uma vez que, no campo do que é considerado normal no imaginário social, a família é remédio, mas para S4 é significada como veneno por meio do enunciado “probema”.

Entendemos que S4 se vê por meio de traços de si pelo traço do Outro, pela identificação, pois se identifica como uma mulher que foi “muito sofrida” (linha 2) a partir do enunciado “fui”, que marca uma relação temporal passada. O Outro do discurso se configura nesse enunciado, uma vez que o discurso sobre a mulher dependente química é construído em torno dos sentidos de sofrimento. Esse está relacionado ao discurso do perigo, que anteriormente, é materializado também como “probema” (linha 1), configurando esse sofrer como a manifestação do discurso do perigo que envolve o “probema” com a família, alcoolismo e cigarro. Inscreve-se o sofrimento no corpo por meio da sua identificação enquanto “molher” e por meio da linguagem identifica algo como (não) perigoso. O item linguístico “pesimo” também se constrói no discurso outro de que a mulher que é dependente química não tem um bom relacionamento com a família, porque sempre há “probema com a família” (linha 1).

No enunciado “Hoje me del um Avece com 37 anos mais faço o meu serviso de casa moro sozinha mais grasa a Deus moro perto da minha familia o meu relacionamento com a familia e pesimo so veneno” (linhas 2 3 e 4), notamos que, concomitante à afirmação do S4 sobre seu relacionamento com a família ser péssimo, agradece a “Deus” por morar perto da

família. S4 mora sozinha e mesmo após o “Avece” faz “o serviso de casa” (linha 3), nesse contexto a família é significada como remédio, uma vez que agradece a “Deus” por morar perto dela, porém, também é significado como veneno, materializada por meio dos itens lexicais “pesimo” e “veneno”.

Assim, compreendemos que esse enunciado está no campo discursivo do que Derrida (2005) chama de *pharmakon*, entendido como remédio e que contém outras significações como veneno e antídoto. No *pharmakon*, há jogos e movimentos que se relacionam uns aos outros, a farmácia é lugar da *différance*, onde remédio e veneno estão reunidos. *Pharmakon* é, então, remédio e veneno concomitantemente como um filtro introduzido no corpo do discurso, uma vez que não existe remédio inofensivo, o *pharmakon* possui vicissitudes.

Mesmo seu relacionamento com a família sendo péssimo, S4 agradece a “Deus”, acontece o mesmo quando afirma que se sente mais “infelis” mas agradece a “Deus”, esse sentido se filia à formação discursiva teísta, na qual independente da sua situação emocional é preciso agradecer a “Deus”.

No enunciado “estou aqui não tem 1 meis mais mesmo assi estou gostando” (linhas 1 e 2), há uma conjunção adversativa (“mais”) seguida de uma locução conjuncional (“mesmo assi”), o que mostra o CAPS ad (referenciado pelo anafórico “aqui”) com uma característica positiva, pois, mesmo com apenas um mês frequentando o lugar, está gostando. Na costura do processo discursivo, o item linguístico “mais” significa em um contexto de controle dos sentidos do dizer, ao passo que produz efeitos de sentido de adversidade e adição. Para controlar os efeitos de seu dizer, a partir do esquecimento número dois descrito por Pêcheux (2009), que é da ordem da enunciação, acrescenta “mesmo assi” intensificando a subjetividade do enunciado “estou gostando”.

A partir do enunciado “moro perto da minha familia o meu relacionamento com a familia e pesimo so veneno”, notamos que perpassa o processo de in(ex)clusão, porque estar perto da família contribui para uma aparente inclusão da mulher dependente química, mas que perpassa a exclusão ao entendermos que seu relacionamento com a família é péssimo.

Em outras palavras, não há a segregação geográfica de S2, por morar perto da família, porém, há uma segregação de relacionamento familiar atravessada pelo que Foucault (2014) considera como vontade de verdade, da verdade sobre a mulher dependente química. Esses regimes de verdades, como diz Carmagnani (2009), impossibilitam que o sujeito se sinta pertencido em determinada comunidade, neste caso, na família, excluindo por meio do que parece inclusão.

Outro procedimento de exclusão que podemos notar no texto escrito por S4 é a interdição, na qual não é permitido falar sobre tudo em qualquer circunstância. No enunciado “hoje me sinto mais infeliz mais eu agradeço a Deus” materializa-se um jogo de três tipos de interditos, que se cruzam e formam uma complexa grelha que se modifica constantemente. Esse jogo é constituído pelo tabu do objeto, há um tabu sobre o vocábulo “infeliz”, materializado pelo item linguístico “mais” que tenta quebrar a memória discursiva que carregam os sentidos da palavra “infeliz”; pelo ritual da circunstância, no qual quem fala é alguém qualificado, que ocupa determinada posição e formula determinados enunciados; e o direito privilegiado de quem fala, que é a vontade de verdade. Diante da FD da psicologia, S4 ocupa a posição, entre outras, de dependente química, posição que lhe atribui historicamente diferentes sentidos como de felicidade e infelicidade ao usar drogas.

Com o item linguístico “mais”, a interdição é manifestada por meio do que Orlandi (2007) denomina de silêncio, pois a inscrição do sujeito na FD da psicologia é interditada, proibindo o sujeito de ocupar a posição de infelicidade. O silêncio possibilita o trabalho entre as fronteiras das FDs, em R4, das FDs da psicologia e teísta, com o agradecimento a “Deus”. “Deus” e “família” se configuram como a ordem, pois estar próximo a “família” e “Deus” é estar perto da ordem. É preciso cumprir exigências para entrar na ordem do discurso, por isso é preciso morar perto da família e agradecer a “Deus” mesmo “infeliz”.

Essa ordem do discurso também se configura na fronteira entre o profano e o sagrado e na vontade de verdade do apoio institucional, que oferece lugar de pertença à mulher que é dependente química, controlando o sentimento de verdade do sujeito e excluindo por meio da inclusão, como podemos entender no próximo recorte.

R5: Eu tenho um filho que nem sei onde foi parar é um pouco difícil. Eu vim para o caps porque eu queria parar de beber de fumar maconha, porque lá fora só encontra alguém que oferece. Aqui você encontra um apoio um pouco também a gente que tem que evitar. Uma vez se está passando e as pessoas oferecem porque sabem que eu e meu marido fumava. Antes de fumar e beber eu me via bem melhor, tinha roupas, batom. (S2)

Em R5, notamos que no enunciado “Eu vim para o caps porque eu queria parar de beber de fumar maconha” o pronome “eu” marca a subjetividade em relação ao outro, que não vai ao CAPS e não bebe e fuma maconha. O enunciatador se mostra a partir do que o discurso do outro espera, discurso constituído historicamente sobre as drogas e seu uso. No discurso hegemônico, as drogas são sinônimo de caos social generalizado, ocupando lugar de infelicidade, são discursos que enunciam um lugar à margem da sociedade para quem usa drogas ilícitas e desconsideram outros fatores relacionados ao tema.

O “eu” constrói seu discurso em relação ao “tu” no recorte 4, uma vez que é na enunciação que o sujeito mostra a subjetividade da linguagem. A enunciação permite que o sujeito se situe em sua história que está em constante processo de troca entre o “eu” e o “tu”, elementos que constituem o discurso.

Notamos que a conjunção “porque” no mesmo enunciado “Eu vim para o caps porque eu queria parar de beber de fumar maconha” reforça a marca da subjetividade “eu/tu” enunciada por S2, porque precisa justificar o motivo de ir ao CAPS. Este é um centro que atende sujeitos considerados marginalizados pela sociedade, um lugar cujos sujeitos atendidos são atingidos por discursos que ditam “verdades” sobre suas histórias.

Em seguida, depreendemos que há uma constante necessidade de se justificar ao enunciar em R6 “Me vejo sozinha porque meu filho está preso” e em R5 “Eu vim para o caps porque eu queria parar de beber de fumar maconha, porque lá fora só encontra alguém que oferece”, o que acontece também em R6 “Me vejo sozinha porque meu filho está preso”. A partir dessa regularidade, notamos que S2 enuncia sempre em relação ao Outro, o discurso do abandono familiar e o discurso sobre a dependência química no qual se espera que busque ajuda em instituições.

O item linguístico “porque” se configura como uma defesa em relação à formação imaginária de que o outro irá julgar por estar no CAPS ad. A partir dessa formação imaginária, S2 explica que está no CAPS ad porque quer, não porque foi obrigada e porque neste lugar as pessoas não incitam o uso de drogas, quem faz isso são as pessoas de “lá fora” (linha 2).

O dêitico “lá” em “porque lá fora só encontra alguém que oferece” não remete a um lugar determinado, remete a um lugar psicológico que está distante do “eu”, um lugar indefinido e oposto ao “cá”, que não é enunciado, mas que se percebe ao entendermos que o “cá” está onde acontece o diálogo. O dêitico “lá” está associado ao advérbio “fora”, que depreende certa especificação do local como não sendo dentro, uma oposição ao “aqui” empregado no enunciado “Aqui você encontra um apoio um pouco também a gente que tem que evitar”, que é o CAPS ad, lugar no qual o enunciador se encontra.

Quando o “eu” é representado em “tu”, em “aqui você encontra apoio”, notamos que o dêitico “aqui” traz uma proximidade ao “eu” e o pronome “você” traz certo distanciamento. Dessa forma, o dêitico “aqui” tem efeito de sentido de inclusão, enquanto o pronome “você” revela uma exclusão do enunciador em relação ao local de enunciação e uma aproximação do outro, leitor da “correspondência”.

No enunciado “Aqui você encontra um apoio um pouco também a gente que tem que evitar”, notamos que há uma vontade de verdade, que de acordo com Foucault (2014) está sob

um suporte institucional, uma vontade de verdade sobre a dependência química, a verdade do “apoio” (linha 2) institucional que perpassa o discurso da solidariedade institucional, apoio sustentado por uma distribuição de saber na sociedade. Enquanto o termo “apoio”, relacionado ao dêitico aqui”, sustenta um lugar de pertença, quando S2 enuncia “um pouco também a gente que tem que evitar”, entendemos que o sujeito traz a responsabilidade para si.

Assim, entendemos que, de onde se está, S2 mostra que “lá fora”, fora da instituição, não é possível parar de “beber e fumar maconha”, pois “só encontra alguém que oferece”. Porém, notamos que os dêiticos “lá” e “aqui” estão marcados na 3ª pessoa pela palavra “encontra” que indica um “tu” que não é enunciado e se relaciona ao “lá”. Há um distanciamento, um “eu” representado em “tu”; e em relação ao dêitico “aqui”, também entendemos que é marcado pelo pronome “você”, o que distancia o enunciator também do CAPS ad, “aqui”, mais uma vez o “eu” se representa em “tu”. Para tanto, o dêitico “aqui” é sinônimo de local, de CAPS ad, designando, então, uma fronteira entre os dêiticos “lá” e “aqui”, uma fronteira entre o sagrado e o profano.

Por meio do dêitico “lá” e do anafórico “aqui” o outro é colocado em conflito consigo mesmo, o outro de “lá” “porque lá fora só encontra alguém que oferece” (linha 1 e 2) é ruim, é o outro profano, enquanto o outro do “aqui”, “Aqui você encontra um apoio” (linha 2), é sagrado. O dêitico “lá” marca uma ideia de movimento em relação ao dêitico “aqui”, movimento entre o profano e o sagrado, do verbo “oferecer” (para o uso de drogas) ao verbo “apoiar” (para o não uso de drogas).

A metáfora do “profano” e do “sagrado” está entre o humano e a divindade, sendo as drogas consideradas por muitos repudiáveis e a instituição contra as drogas tolerável. Há uma fronteira que marca o sagrado do profano, pois, na passagem de um para o outro, é preciso deixar de ser algo e se tornar outro. O sagrado é concebido a partir do sentimento compartilhado, “o que faz a santidade de uma coisa é, como mostramos, o sentimento coletivo de que ela é objeto” (DURKHEIM, 1996, p. 453), por exemplo, o discurso da solidariedade institucional que marca o CAPS ad. Assim, o profano e o sagrado nem sempre são os mesmos objetos, por exemplo, as drogas nem sempre foram consideradas profanas, durante muito tempo foram consideradas sagradas e em muitas comunidades ainda são.

Entre o sagrado e o profano, ressalta-se o discurso capitalista com o enunciado “Antes de fumar e beber eu me via bem melhor, tinha roupas, batom” (linha 4). Discurso capitalista que também se configura como uma justificativa para “parar de beber de fumar maconha (linha 1 e 2). Com “eu me via bem melhor”, notamos um olhar do discurso capitalista sobre si em relação ao consumo, pois a sua identificação como “bem melhor” acontece em relação ao nível

de consumo do passado, materializado pelo item “ver” no pretérito, “via”. Da mesma forma, na próxima seção, S2 continua lançando um olhar sobre si em relação ao outro por meio do termo “me vejo”, identificando-se enquanto sozinha.

3.2 Da hos(til)pitalidade

Neste item, procuramos compreender a constituição dos discursos de hos(til)pitalidade que envolvem os dizeres das mulheres com dependência química. Para tanto, temos como base a perspectiva do tratamento com base na relação familiar, com a interpretação dos discursos e formações discursivas que envolvem a família. Esses discursos se constituem como efeitos de verdade que tentam justificar relações de poder produzindo efeitos de poder que se apoiam em saberes institucionais e resultam em efeitos de verdade sobre a mulher com dependência química.

R6: Me vejo sozinha porque meu filho está preso não é mais a mesma coisa sem ele em casa. Sou distante da minha família também. (S2)

O excerto R6 se constitui enquanto um recorte dos dizeres de S2, nos quais o pronome “me” indica um sujeito que fala de si e tem uma visão de si ao enunciar “me vejo”. Do pronome oblíquo átono, “me”, ao lado do verbo ver emerge um olhar que se vira do sujeito sobre si mesmo em relação ao outro, o filho. Ao enunciar “me vejo sozinha porque meu filho está preso”, entendemos que da expressão “me vejo” emerge um olhar para si do sujeito em relação ao outro, pois sua identificação como “sozinha” acontece mediante a prisão do filho. Refere-se à relação consigo e com o outro, da alteridade em relação ao corpo-imagem.

No que concerne à conjunção “porque” enunciada por S2 “Me vejo sozinha porque meu filho está preso”, entendemos que as conjunções causais tem função dialógica, durante a conversa, o que acontece é uma negociação entre interlocutores levando à introdução do “porque” em determinadas elaborações.

Assim, entendemos que S2 negocia sentidos ao introduzir a conjunção “porque”, que é marcada por fronteiras, o “porque” marca uma fronteira entre o eu e o filho, é uma fronteira marcada, rígida. Notamos que o termo “também”, presente no enunciado “Sou distante da minha família também”, marca uma fronteira borrada, uma vez que relaciona a família ao filho, que estão distantes, separados em enunciados diferentes.

Nos enunciados “meu filho está preso” e “Sou distante da minha família também”, os pronomes possessivos “meu” e “minha” têm relação com possuído humano, logo, não há relação de posse. O enunciado “meu filho está preso” e “Sou distante da minha família também”

apresentam possessivos que são denominados como posse de relacionamento, além disso, apresentam caráter dêitico, elemento linguístico que envolve o lugar, o tempo e os participantes que constituem o enunciado.

Utiliza-se de uma posse afetiva que foi abalada pela prisão do filho para justificar porque se vê sozinha. Assim, notamos que S2 se representa como sozinha a partir do outro, da ausência do outro, que é filho. A família pode ser significada a partir de uma perspectiva de mudança, sendo que ocorrem transformações históricas nesse âmbito, além de construir significados, muitas vezes, baseados em crenças, regras que regem a interação familiar. Existem conflitos internos à família que vão além da fragilização econômica, como as dependências às drogas, neste caso, um acolhimento é oferecido ao sujeito e sua família a fim de percorrer caminhos mais profícuos para o tratamento.

Para Nichols e Schwartz (2007, p. 184), as famílias são marcadas por fronteiras, “barreiras invisíveis que envolvem os sujeitos e os subsistemas e regulam o contato com os outros”. As fronteiras podem contribuir para a percepção de patologias ocasionadas por um padrão disfuncional familiar (MINUCHINI; FISHMAN, 1990). Os autores afirmam que as fronteiras familiares rígidas são restritivas com relações distanciadas e as fronteiras difusas mostram famílias que desenvolvem sentimento de apoio mútuo.

Pelo enunciado por S2, sua família parece ter um distanciamento afetivo e físico, uma vez que afirma: “sou distante da minha família também”, marcando uma fronteira rígida entre S2 e sua família. Essa fronteira é reforçada no enunciado anterior “não é mais a mesma coisa sem ele em casa” no qual a preposição “sem” designa a ausência do filho, marcado pelo pronome “ele”. Podemos atribuir que os sentidos emergem de itens linguísticos que mostram que S2 se vê distante da família e do filho, explicando porque se vê sozinha a partir do entrelaçar dos discursos da solidão e da segregação (re)produzidos diante dessa fronteira familiar.

As mulheres enfrentam preconceitos sociais em relação ao uso de drogas como o distanciamento da família. Como discutido, a família tem papel fundamental no tratamento da dependência química, porém, muitas mulheres não contam com essa possibilidade e o sentimento de solidão se acentua. Assim, perpassa no dizer de S2 o discurso da solidão, um discurso permeado por conflitos e distanciamentos.

Com o discurso da solidão, a formação discursiva da família se destaca, ao passo que emergem itens lexicais como “filho”, “casa” e “família”, que são significados a partir de seu relacionamento com os enunciados “sozinha” e “sem ele” porque está “sem ele em casa” e o termo “distante”, pois está “distante da família”. Além disso, já comentamos que a família tem papel fundamental para o tratamento, caso não seja presente, pode resultar em traços de solidão.

Esse discurso da solidão se mostra como o resultado de um distanciamento familiar, no qual S2 se vê sozinha, pois seu filho está preso.

Entendemos que o discurso da solidão se torna resultado de uma relação de hos(til)pitalidade, uma vez que S2, como mãe em uma casa, caracteriza-se como hospedeira de seu filho, porém, a não presença do filho faz com que S2 se torne uma hóspede em sua casa. O hóspede tem direito à hospitalidade, mas, como a hospitalidade é um paradoxo, ocasiona a abertura da casa sem exigir reciprocidade do hóspede, o que rompe com a hospitalidade de direito. Dessa forma, o hospedeiro se torna refém, hóspede, e este o hospedeiro. Notamos que o filho, como hóspede convidado, torna-se “convidador do convidador” e S2, como hospedeira, torna-se “hóspede do hóspede”.

A hospitalidade é entendida como a desconstrução do outro, é pelo acolhimento do outro que a hospitalidade se constrói e se mostra pela “diferença” do outro, que é estranho. É preciso uma casa para que haja hospitalidade para que o outro seja recebido, a hospitalidade é uma construção e uma desconstrução. O outro-estranho é desconstruído pelo anfitrião, sendo a hospitalidade a possibilidade da desconstrução do outro-estranho na qual o anfitrião (host) se desconstrói no hóspede (guest) e vice-versa (DERRIDA, 2003).

Esses discursos sobre a mulher dependente química se constituem enquanto efeitos de verdade, resultados de mecanismos de poder que constituem as práticas sociais. São verdades que tentam justificar determinadas relações de poder e que cuja a funcionalidade é produzir efeitos de poder, formando regras para o governo das pessoas.

Assim, constrói-se efeitos de verdade sobre a mulher dependente química apoiados por saberes institucionais, como a solidão da mulher usuária de drogas, que é discutida na psicologia, e acontece como um efeito de verdade sobre a mulher. A produção da verdade está relacionada à produção de formas de subjetividade, como a psicologia e a psiquiatria que fazem diagnósticos que produzem verdades acerca do sujeito dependente químico.

Entendemos que, como outros, o discurso da solidão se fundamenta pela formulação de um discurso verdadeiro, no caso, o saber da psiquiatria e da psicologia, que é resultado da vontade de verdade. O discurso verdadeiro é enunciado obedecendo a uma “polícia discursiva”, uma vez que precisa compreender um jogo de regras, instrumentos e objetos para serem conhecidos (FOUCAULT, 2014). O que é considerado verdadeiro não está no objeto nem no sujeito, está em uma articulação específica e histórica de recíproca modificação e constituição e em suas práticas.

A verdade também mantém relação com a subjetividade, com o efeito da experiência de si, o que resulta na história da mulher com dependência química. No próximo excerto, R7, essa

relação entre verdade e subjetividade resultam em jogos de verdade no discurso, “verdade” sobre as drogas, o CAPS ad e deus em uma relação de hos(til)pitalidade.

R7: Em 1992 eu nasci em 2006 perdi minha mãe e eu entrei nas droga isso ja faiz 13 anos que eu tento larga eu hoje consegui larga com ajuda do Caps ad e de Deus. Estou 6 meses sem usar droga e não quero mais. O caps ad me ajudou muito se não fosse ele eu acho que eu não conseguia, e a vitória maior que eu consegui engravidar, isso é o motivo maior de eu parar. Por isso pesso a Deus me livrar de tudo que é mal, eu tenho certeza que eu vou conseguir vencer. (S3)

No enunciado “perdi minha mãe e eu entrei nas droga”, é possível notar um caminho percorrido do item linguístico “perdi” ao item “entrei”, dois verbos que se entrelaçam em um enunciado e significam um percurso. O item “perdi” está relacionado ao nome “mãe”, que é considerada remédio, uma vez que o verbo “perdi” pode estar relacionado a algo que antes se tinha e era bom, ou seja, a “mãe” é significada como remédio e, ao mesmo tempo, veneno, porque, com a perda, S3 afirma “entrei nas droga”.

As drogas também se configuram, para S3, como remédio e veneno, uma vez que a entrada nas drogas foi um remédio para a perda da mãe e um veneno, manifestado na tentativa de não usá-la mais, como no enunciado “eu tento larga”. O item “larga” torna-se uma regularidade enunciativa no texto compreendido nos enunciados “eu tento larga”, “eu hoje consegui larga com a ajuda do Caps ad e de Deus”. Ao enfatizar o item “larga”, há uma simplificação do tratamento, que não possibilita “larga” das drogas, porque mesmo em tratamento o sujeito é suscetível ao uso de drogas.

O texto se articula em torno de conseguir largar as drogas com a ajuda do “Caps ad e de Deus”, com isso, constrói-se um sentido de que sozinha ela não consegue largar, tenta e não consegue, esse sentido se filia à incompletude do sujeito, ao sujeito da falta, que necessita do outro. Como as pessoas consideradas com deficiência discutidas por Mello (2016), que são entendidas a partir de uma ideia de incapacidade, a mulher que é dependente química é vista como incapaz de “larga as droga”. Tem-se, então, a representação da mulher dependente química como incapaz, uma representação que a partir do olhar do outro torna-se representação de si como incapaz.

Conseguir largar as drogas torna-se um sinônimo de conseguir vencer, sendo que a partir da relação entre os enunciados “eu hoje consegui larga com a ajuda do Caps ad e de Deus”, “O caps ad me ajudou muito se não fosse ele eu acho que eu não conseguia, e a vitória maior que eu consegui engravidar”, “isso é o motivo maior de eu parar” e “eu vou conseguir vencer” destacam-se os termos “consegui”, “vitória”, “motivo” e “vencer” para a constituição de uma FD teísta.

A ajuda se torna indispensável para S2, pois sozinha “tenta larga”, enunciado que carrega o sentido de que não conseguiu, esse sentido se filia ao discurso da solidariedade institucional. A noção de solidariedade foi discutida desde sua relação com a ética do sujeito ao cristianismo, além de para os juristas romanos ser um termo que se refere ao que une os devedores (FARIAS, 1998, p. 188). Após esse momento, a solidariedade passou a ser entendida como semelhante à fraternidade e, somente alguns anos antes da revolução francesa, começou a ser entendida constitucionalmente como uma nova forma de agir na sociedade (BAGGIO, 2008, p. 07). Tal discurso tem força normativa, uma vez que é balizador de condutas por ser dever jurídico, pois constituem “objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil: I – construir uma sociedade livre, justa e solidária [...]” (BRASIL, 1990).

Os enunciados “consegui larga com ajuda do Caps ad” e “O caps ad me ajudou muito” nos possibilitaram entender que S3 entra como hóspede no CAPS ad, inicia como refém porque “entrou nas drogas” e procurou ajuda como única solução, uma vez que afirma que “se não fosse ele eu acho que eu não conseguia”. Entendemos, com isso, que quando S2 procura ajuda, entra no CAPS ad como estrangeira, pois é estranha à instituição, que lhe é hospedeira

O que demonstra mais a hos(til)pitalidade nessa relação sujeito e instituição é a interferência de uma autoridade pública para vigiar e interditar trocas que acontecem na instância privada e que atravessam espaços públicos (DERRIDA, 2003), como o CAPS ad, instituição pública que interfere no uso de drogas de sujeitos dependentes químicos. Assim, notamos que sujeito e instituição se tornam reféns um do outro em busca de morada, identidade e de verdade.

Ao colocar em discussão os enunciados “Em 1992 eu nasci”, “eu entrei nas droga”, “eu tento larga”, “eu hoje consegui larga”, “eu acho que eu não conseguia”, “eu consegui engravidar”, “isso é o motivo maior pra eu parar” e “eu tenho certeza que eu vou conseguir”, notamos que há uma regularidade do pronome “eu”, que percorre uma história do sujeito, exercícios de constituição do sujeito a partir de uma história do olhar pelo qual me constituo como sujeito.

A subjetividade se relaciona ao efeito da experiência de si em uma harmonia entre o dentro e o fora, que é a relação entre forças que marca a linguagem, é o nexos entre o visível e o enunciável, um espaço aberto a possibilidades. Assim, entendemos que o pronome “eu” marca um percurso histórico do sujeito mulher e dependente química, uma vez que marca o seu nascimento, a entrada nas “droga”, a tentativa de largar, como conseguiu largar com a ajuda do “Caps ad e de Deus”, a gravidez como motivo de parar e a certeza de que vai conseguir. Um percurso histórico que percorre do nascimento à gravidez.

Nesse percurso histórico, materializa-se uma relação entre subjetividade e verdade, que resulta em jogos de verdade no discurso, jogos que são manifestados a partir dos enunciados “tento larga”, “o caps ad me ajudou muito” e “Por isso pesso a Deus me livrar de tudo que é mal”, ou seja, manifestam-se “verdades” sobre a “droga”, “caps ad” e “Deus” nas quais é preciso conseguir largar, é preciso fazer tratamento, é preciso pedir ajuda a Deus e afirma-se que a droga tem relação com o “mal”. Essa relação mantida consigo mesmo se sujeita às tecnologias de dominação que o outro exerce sobre si, que também exerce sobre si mesmo.

R8: Eu vim da Bahia 13 anos para trabalha para ajudar meus paiz e meu irmos depos eu arrangei tive meus tres filhos eu sofri muito com pai do meu filhos ele mi batia. eu entrei em depressão fui eternada vaira vez quando ele morreu meu filho do meio foi morrer com avô de ele foi onde comecei abebe eu vem por caps ad
4 anos
obrigado pela (S5)

No enunciado “Eu vim da Bahia 13 anos para trabalha para ajudar meus paiz e meu irmos”, notamos que os termos “trabalha” e “ajudar” atravessam a formação discursiva do trabalho, na qual perpassam sentidos sobre a busca por um sentido para a vida, de se arranjar como no enunciado “depos eu arrangei”.

Essa busca de um sentido para vida perpassa a FD religiosa, uma vez que a religião pode ser pautada também nessa busca de sentido. O enunciado “despos me arrangei” materializa esse encontro de algum sentido que se alia aos filhos que teve “tive meus três filhos” (linha 2). Esse encontro do sentido da vida é rompido e (re)significado com o enunciado “eu sofri muito com o pai dos meus filhos ele me batia” (linha 2). Tal rompimento não acontece na materialidade, pois não há sinal gráfico que o demonstre, vírgula ou ponto final.

O que há é o silêncio entre a busca do sentido da vida e sofrimento. O silêncio não cala o enunciado “eu arrangei”, ele faz dizer o não dito por meio do dito. A partir da multiplicidade do sentido, ele diz “eu arrangei” e “eu (não) arrangei”, se arranjar estaria, pois, relacionado a encontrar uma completude, que não se configurou e passou a carregar também, na multiplicidade dos sentidos, junto ao sentido de finitude, a ideia de sofrimento como constituinte de sua vida.

Entendemos que ao enunciar “depos arrangei”, constrói-se uma rede discursiva sobre o trabalho a partir da materialidade “trabalha”, “ajudar” e “arrangei”. Segundo Arendt (2010), o trabalho só ascendeu quando Locke descobriu que a base de toda propriedade é o trabalho. Depois, com Adam Smith, descobriu-se que a fonte de riqueza é o trabalho, atingindo o apogeu no “sistema do trabalho” a partir de Karl Marx, assim, o trabalho se tornou a base da produtividade e “a expressão da própria humanidade do homem” (ARENDT, 2010, p. 125).

Entende-se, então, que na teoria moderna o trabalho está relacionado a humanidade do homem, está como sentido da vida.

Com o enunciado “depois eu arranjei” (linha 1), notamos que S5 estava estabelecendo laços de reciprocidade como estrangeira, como uma instância compensatória pois deve-se respeito ao estrangeiro, como uma regra de acolhimento, mas é preciso se inscrever no código de cidadania local, se “arranjar” na cidade. A cidade que acolhe (hospedeiro) e quem é acolhido (hóspede) tornam-se hostis, pois o outro é acolhido como possível inimigo, acolhido com reservas. O hospedeiro se fecha ao estrangeiro como auto-imunidade para se proteger.

A partir da saída da Bahia, S5 escreve sobre sua história até começar a beber e frequentar o CAPS ad. Notamos que S5 não escreve sobre estar no CAPS ad, ao contrário das outras mulheres, ou seja, silencia a relação com o CAPS ad. Com isso, retomamos o que Orlandi (2007) afirma sobre o sentido, que a existência do sentido está baseada no fato de que o silêncio significa, porque este é constitutivo do sentido.

Ao enunciar “Eu vim da Bahia 13 anos para trabalha” (linha 1), notamos que S5 vem da Bahia à Três Lagoas como estrangeira, que tem direito de hospitalidade. Estabelece-se um contrato com o estrangeiro para o direito de hospitalidade, o estrangeiro é construído como o “outro” cidadão que deseja ser tratado como cidadão se submetendo às leis da cidade.

No enunciado “eu sofri muito com pai do meu filhos ele mi batia”, é possível notar que a violência conjugal tem base na desigualdade de gênero, que está relacionada a certos padrões como papéis atribuídos aos homens e mulheres. O item linguístico “e”, no enunciado “foi onde comecei a beber e eu vim pro CAPS ad”, é materializado como uma fronteira entre beber e ir ao CAPS ad, uma fronteira que distância beber do CAPS ad, mesmo porque é um dos objetivos de quem procura a instituição, também uma fronteira que une elementos que, de certa forma, são concomitantes, talvez no início. Nessa fronteira também trabalha o silêncio, que poderia significar como uma FD, pois, como afirma Orlandi (2007), o silêncio recorta o dizer, não cala.

Nas trilhas dessas brechas, notamos que, o texto escrito por S5, que não começa desde seu nascimento, ou antes, começa na vinda da Bahia para Três Lagoas com 13 anos para trabalhar, mostra que vivenciou o trabalho infantil, seu sofrimento com o marido e o começo do alcoolismo até a entrada no CAPS ad. Esse percurso se configura como uma justificativa para estar no CAPS ad, como um resultado do processo de normalidade e anormalidade.

3.3 Da (a)normalidade

Este eixo perpassa os (des)caminhos da (a)normalidade, as fronteiras entre normalidade e anormalidade, por meio dos jogos de corrigibilidade e incorrigibilidade que envolvem as mulheres que são dependentes químicas. Para tanto, retomamos que normalidade é a relação entre jogos, jogo de poder e do conhecimento de si e do outro, é uma ordem estabelecida cuja perturbação se configura como anormalidade.

R9: Quando eu estava fazendo o uso de álcool e drogas o relacionamento com minha família era péssimo.
 Eu era agressiva, irresponsável e fechada.
 Agora após o tratamento mudou completamente.
 Eu tenho a consciência que fiz a minha família principalmente minha mãe e meu pai sofrerem muito.
 Agora estamos todos mais unidos e felizes.
 No Caps AD o meu relacionamento com todos desde as meninas da cozinha, o guarda e os pacientes e profissionais é ótimo.
 Agora o meu relacionamento com a sociedade também melhorou muito.
 Hoje em dia me vejo como nascida de novo. Outra pessoa. Capaz, esforçada, importante e amada.
 Não posso deixar de falar que só conquistei tudo isso se não tivesse buscado o auxílio de Deus. Sem ele nada seria possível.
 Quero deixar aqui uma palavra que me ajudou muito nessa caminhada.
 Salmos: 23-1. O senhor é o meu pastor e nada me faltará.
 Tudo posso naquele que me fortalece. (S6)

Nos enunciados “Quando eu estava fazendo o uso de álcool e drogas o relacionamento com minha família era péssimo” (linha 1 e 2) e “Eu era agressiva, irresponsável e fechada” (linha 3), produz-se efeito de sentido de que enquanto alcoolizada se tornava agressiva, enquanto multiplicidade discursiva também notamos que não é preciso estar alcoolizada, mas no período de tempo de uso de álcool e drogas, independentemente de estar sobre seus efeitos. Notamos que nesse texto perpassa o discurso da mudança, constituindo sempre separações rígidas no tempo que envolvem o antes, agora e depois.

O termo “agora” marca uma regularidade “agora dessa vez estou disposta a recuperar o tempo perdido” (linha 17) e “agora o meu relacionamento com a sociedade também melhorou muito” (linha 20). O termo “agora” marca uma mudança, uma negação da anormalidade direcionada aos dependentes químicos, afirma seu presente em detrimento do seu passado. “Agora” marca um caminho para a normalização, como nos enunciados “hoje em dia me vejo como nascida de novo. Outra pessoa. Capaz, esforçada, importante e amada”.

Estes adjetivos são atribuídos por S6 a partir de uma considerada “outra pessoa” que, não seria a mesma pessoa que “era agressiva, irresponsável e fechada”. S6 desenvolve uma escrita na qual descreve uma passagem do anormal ao normal por meio do processo de corrigibilidade. Afirma-se ser “outra pessoa”, além disso, “capaz, esforçada, importante e

amada”, esses dizeres significam o CAPS ad como uma passagem para se ver como “nascida de novo”.

Essa troca de adjetivos materializa o discurso da mudança, construindo sentidos com outra perspectiva de vida, um outro jeito de olhar para si e para o outro, para o outro que, para ela, agora, pode a amar para ser amada e ser importante, se sentir como relevante para sua família.

Além do CAPS ad, envolve-se “Deus”, “não posso deixar de falar que só conquistei tudo isso se não tivesse buscado o equilíbrio de Deus” em torno da FD teísta a partir da materialidade dos verbos “conquistar”, “buscar”, “auxiliar” e o item “Deus”. O enunciado “sem ele nada seria possível” marca o teísmo, também como lugar de correção e de disciplinarização do corpo a partir da aplicação da norma, assim compreendemos que se constrói discursos que envolvem as instituições CAPS ad e o teísmo como (re)produtores de jogos de incorrigibilidade e corrigibilidade. O comportamento desviante é atribuído pela instituição e pelo sujeito estigmatizado, o que constrói um jogo de poder, o que também é discutido no próximo excerto, R10.

R10: Ent: Então... eu:: tive uma infância muito delicada... eu sô filha adotiva... mi pegaro eu pa criá eu tinha oito meses de idade... minha mãe era muito pobre... mais meu pai tinha uma vida mais... organizada... mas ele batia na minha mãe... ele:: já tento abusar de mim... i::: i fugi de casa com quinze ano fui pra/pa prostituição... fui pa... pa zona... lá conheci o crack... fiquei dependente do crack, tive um filho na zona... hoje ele tem... quinze anos e:: depois de lá a minha vida foi só conturbada... sobre droga... sobre álcool... briga familiar... e nisso eu fui me afundando mais ainda por causa das briga familiar... que leva a gente quer ou não leva a gente na::... a recaídas... e::: depois tive mais três filhos... tudo por causa de uso de droga... e foi assim que/que conteceu... que eu tive meus quatro filho... foi na prostituição... e só. (S8)

Nos enunciados “então... eu:: tive uma infância muito delicada” (linha 1), notamos a utilização do marcador discursivo “então” como procedimento de início da interação com a pesquisadora com a função de iniciador do discurso e marcador de um efeito de sentido de preparação para o próximo enunciado de modo que mostra a sua força enunciativa.

O próximo enunciado, “eu:: tive uma infância muito delicada”, explora uma perspectiva subjetiva sobre a infância, a qual é qualificada como “delicada”, um item linguístico que produz efeitos de sentidos dos quais notamos os de difícil e complicada, ao contrário do que pelo ECA se esperaria de uma infância. O item “delicada” é intensificado pelo item “muito”, o que reforça a “delicadeza” de sua infância. Nota-se que a dificuldade de sua infância é descrita a partir do adjetivo “delicada”, que geralmente é atribuído ao que é cortês e afável, mas que de acordo com o contexto do enunciado entendemos que se atribui sentido de frágil, difícil e complicada.

Em seguida, notamos que S8 é “filha adotiva” (linha 1), esse enunciado marca desde o início uma relação com os pais de S8. Apesar de marcado por “mi” e “eu”, o enunciado “mi pegaro eu pa criá” produz efeito de sentido em torno de uma ação dos pais em relação à S8, mas “pegaro” não marca seus pais, marca a indeterminação do sujeito. Esta significa como um traço de silêncio, que é constitutivo do sentido e não cala, faz dizer uma tentativa de apagamento dos pais em seu discurso, indeterminando a existência dos pais em seu enunciado.

Primeiramente presentes no não dito, os pais são, depois, materializados no dito quando S8 atribui características particulares a eles, a mãe “era muito pobre” (linha 2) “mas meu pai tinha uma vida mais... organizada”. O item “muito” intensifica o termo “pobre” e “mais” intensifica o termo “organizada”. Nota-se que “pobre” é atribuído à mãe e “organizada” não é atribuído diretamente ao pai, mas atribuído à vida do pai. Em outras palavras, constrói-se um sentido discursivo de que ser pobre está diretamente ligado ao sujeito e ser “organizado” (como não ser pobre) está mais ligado à vida, não diretamente ao sujeito.

Destacamos nesses dizeres a formação discursiva capitalista na qual ser “pobre” é intrínseco ao sujeito e ser “organizada” é construído durante a vida como mérito. Também entendemos que há um jogo de poder no qual há uma valorização de uma vida “mais... organizada” a partir da pista do termo “mais” quando enuncia “mais... meu pai tinha uma vida mais... organizada”, o primeiro “mais” é usado com sentido adversativo de modo que se opõe a pobreza da mãe.

Do mesmo modo, a valorização da vida organizada é refutada a partir do uso, novamente, da adversativa “mas” nos enunciados “mas ele batia na minha mãe” e “ele:: já tento abusar de mim”. Esses enunciados desestabilizam a formação discursiva capitalista apagando a oposição entre ser “pobre” e ser “organizado” se deslocando de uma visão dualista dos significados e desconstruindo o acolhimento do outro.

Nos enunciados “eu sô filha adotiva” e “mi pegaro pa criá” notamos que S8 se mostra como estrangeira na vida de seus pais, pois destaca que é “filha adotiva” e que foi pegada para criar, ou seja, ela fala de fora para dentro, marca um lugar de estrangeira. À S8 é dado o direito à hospitalidade, abre-se a casa e a oferece ao estrangeiro, como hóspede. Junto à hospitalidade, constitui-se a hostilidade na qual o hospedeiro acredita que o hóspede é inimigo, o que se materializa nos enunciados “mas ele batia na minha mãe” e “já tento abusar de mim”, que produz efeito de hostilidade com a mãe e com S8, que são estrangeiras em sua casa. Há também, nesses enunciados, uma denúncia dos crimes de agressão, abuso sexual e pedofilia.

A família é significada como uma tecnologia do gênero, noção discutida por Lauretis (1994), que constitui significados e representações, a mãe como a mulher pobre que sofre

agressão, o pai como organizado e agressor. Consoante com Cesar (2005), nesse espaço social e identitário formaram-se processos de subjetivação hegemônicos de gênero nos quais se desenvolveu a violência doméstica.

S8, como estrangeira, é tratada como inimiga e se torna indesejada, tornando-se refém. Com isso, S8 afirma que fugiu de casa aos quinze anos e continua com o enunciado “Fui pra/pa prostituição... fui pa... pa zona...”. O verbo “fugir” marca um perigo, uma ameaça anterior que é a própria casa, “fugi de casa”, seu “chez-moi”. Depois, torna-se estrangeira nas ruas, que oferecem poucas oportunidades, entre elas, a prostituição, que foi remédio, pois é uma profissão e pode garantir sustento, e foi veneno, porque, de acordo com S8 “depois de lá a minha vida foi só conturbada”. À conturbação da vida S8 relaciona a droga, o “álcool”, a “briga familiar” e realça que a “briga familiar” a afundou “mais ainda” (linha 7). Esses enunciados entrelaçam o que Derrida (2005) denomina de *pharmakon*, uma vez que há um jogo da *différance*, unindo remédio e veneno em um filtro discursivo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta dissertação, procuramos compreender a constituição dos discursos de (in)exclusão, hos(til)pitalidade e (a)normalidade que envolvem as vivências das mulheres com dependência química que são atendidas no CAPS ad de Três Lagoas, MS. Por meio dos objetivos específicos, procuramos problematizar os dizeres escritos e em entrevista pelas regularidades, interpretando os discursos, as formações discursivas e os efeitos de sentido emergidos.

Para atender esses objetivos, tivemos como hipótese que, nos dizeres das mulheres com dependência química, articulam-se marcas discursivas de (in)exclusão a partir da sua construção como anormal diante do olhar de si e do outro. Essa hipótese se confirma ao entender que os discursos em torno dessa dependência em mulheres envolvem a relação com a “verdade”, que se desenvolve a partir da relação com o outro como um guia na construção de uma vontade sobre a mulher dependente química e sua constituição enquanto sujeito do discurso.

Essa relação com o outro também constrói um cuidado de si, pois lhe é dito a “verdade” (FOUCAULT, 2006) sobre si mesma. Como um fio que se desenvolveu a partir da hipótese deste trabalho, nos enunciados analisados, a vontade de verdade é problematizada como um sistema de exclusão que aparece como inclusão por meio do cuidado de si. Há uma política discursiva que viabiliza um jogo de identidade a partir de regras, “verdades” que sempre são (re)ativadas no discurso (FOUCAULT, 2014).

Entendemos que as formações discursivas contribuem para a construção do imaginário do sujeito, como a FD cristã, que, nos dizeres das mulheres dependentes químicas, significam em torno dos sentidos de salvação, por exemplo, pela “família, empresa, e amigos” (linha 5, R3) e pelo “poder de Jesus Cristo” (linha 7, R3). No campo das FDs, o teísmo também se configura a partir de regularidades, como o agradecimento a “Deus” mesmo “infelis”, sem restringir perspectiva religiosa. A FD cristã tem um efeito de verdade sobre a mulher dependente química as pré estabelecendo papéis a fim de que entrem na ordem do discurso bíblico por meio da aplicação, da valorização e da distribuição dessas “verdades” na sociedade.

Na esteira discursiva, notamos a violência conjugal como marca da desigualdade de gênero em relação à atribuição de papéis. Notamos que a vontade de verdade constrói efeitos de poder que resultam em traços de si pelo olhar do outro, o que configura representações como a de mulher sofrida, inscrevendo-se no corpo como o outro a vê. Essas características de como o outro a vê deixam marcas e formam uma ilusão de totalidade da identidade. Foi possível discutir um histórico de sua constituição e a busca por um sentido para a vida a partir da FD do

trabalho. A relação entre trabalho e mulher dependente química também se constitui enquanto hos(til)pitalidade.

Posto isso, seguimos retomando as perguntas de pesquisa com alguns comentários sobre cada uma. Como os sentidos de exclusão e inclusão são construídos nos dizeres das mulheres dependentes químicas em recuperação? De quais formas a hospitalidade e a hostilidade se cruzam nesses dizeres? Como acontece o processo de normalização das mulheres dependentes químicas? Notamos que, junto à exclusão, a vontade de verdade se desenvolve por meio de um “guia” que produz um efeito de verdade sobre as mulheres dependentes químicas a partir da inclusão. Sobre a segunda pergunta, o *pharmakon* atravessa a costura discursiva por meio da família e das drogas como remédio e veneno concomitantemente em uma relação de hos(til)pitalidade. Quanto à pergunta três, entendemos que, no processo de normalização, o silêncio é significado como interdição e o corpo é disciplinarizado e corrigido pela norma.

Também, na análise dos dizeres escritos e transcritos, constatamos que as mulheres dependentes químicas são atravessados pelo *pharmakon*, pois se apoiam em remédios que são ao mesmo tempo veneno. A construção da família como remédio e veneno também perpassa os sentidos de (in)exclusão, uma vez que é fundamental ao tratamento, mas pode contribuir para a segregação da mulher dependente química a partir de regimes de verdade sobre ela.

Além da segregação, a interdição também produz efeito sobre seus dizeres e constituem o tabu em relação à infelicidade e o lugar de enunciação a partir da dependência química. É possível notar que as drogas ocupam lugar de infelicidade no discurso hegemônico, marcando um lugar à margem para as pessoas que as usam. Nos dizeres investigados, a materialidade dos dêiticos é problematizada como um conflito consigo entre o profano e o sagrado.

Os discursos perpassados nos dizeres das mulheres dependentes químicas foram: o discurso institucional, reverberado a partir do lócus de uma instituição normalizadora; o discurso bíblico cristão, que introduz a salvação como cuidado de si por meio da FD cristã e seu efeito de verdade sobre o sujeito; o discurso do perigo, relacionado aos sentidos de sofrimento e aos problemas com a família; o discurso da solidariedade institucional, materializado pela vontade de verdade, pela verdade do “apoio” (R5, linha 2) institucional; o discurso capitalista como justificativa para não mais consumir drogas; o discurso da solidão, que permeia a FD da família e é resultado de uma relação de hos(til)pitalidade, uma vez que a mulher torna-se refém da família com a possibilidade sempre da desconstrução do outro; o discurso da mudança, a partir do qual constituem-se separações rígidas entre o antes, agora e depois em relação ao uso de drogas. O discurso da solidão se constitui como efeito de verdade

sobre as mulheres dependentes químicas por meio de mecanismos de poder a fim de justificar, por exemplo, certas relações familiares, formando regras para que possam ser governadas.

Nesses discursos, materializa-se o silêncio, manifestado como interdição no discurso como brechas deixadas pelo não dito. Os dizeres das mulheres dependentes químicas contam histórias em torno da (a)normalidade, uma passagem do normal ao anormal e do anormal ao normal por meio de uma instituição normalizadora, o CAPS ad. Há uma passagem do anormal ao normal por meio do processo de corrigibilidade, marcado pelo CAPS ad e pelo teísmo, lugares de correção e disciplinarização do corpo por meio da norma.

De acordo com a hipótese que, nos dizeres das mulheres dependentes químicas, articulam-se marcas discursivas de (in)exclusão a partir da sua construção como anormal perante o olhar de si e do outro, é possível notar que a (in)exclusão é significada pelo movimento de corrigibilidade do indivíduo a ser corrigido dentro dos padrões da considerada normalidade e pelo movimento da hos(til)pitalidade envolvendo a família e o CAPS ad.

O estudo exposto se cumpre enquanto importante para a área da Análise do discurso, uma vez que contribui para a compreensão do funcionamento dos discursos que envolvem as mulheres com dependência química e discute como esses discursos (re)forçam a (in)exclusão dessa mulher por meio dos processos de hos(til)pitalidade e (a)normalidade e para desconstruir visões determinadas, muitas, institucionalmente sobre as mulheres que são dependentes químicas.

Por ser uma conversa com o leitor, a escrita não acontece por etapas completamente segregadas, resultando na construção de um rizoma. A partir desse pressuposto, buscamos desenvolver esta dissertação entrelaçando fios de análises discursivas também no que concerne ao seu aporte teórico-metodológico. Também pretendemos, a partir do lócus da Instituição CAPS ad, abrir espaço para novos questionamentos sobre como é o processo de (in)exclusão da mulher com dependência química e que está em situação de rua, sem contato direto com instituições, o que nos instiga uma possível pesquisa futura sobre essa questão.

REFERÊNCIAS

- ALCOFF, Linda; POTTER, Elizabeth. Introduction: When Feminisms Intersect Epistemology. In: ALCOFF, Linda. *Feminist epistemologies*. London: Routledge, 1993.
- ALVES, Tahiana Meneses; ROSA, Lúcia Cristina dos Santos. Uso de substâncias psicoativas por mulheres: a importância de uma perspectiva de gênero. *Rev. Estud. Fem.* vol. 24, n. 2. Florianópolis, maio-agosto, 2016.
- AGUSTINI, Carmem; BERTOLDO, Ernesto. A constituição de corpora em linguística da enunciação. In: Silveira, Eliane Maria da. (Org.). *As bordas da linguagem*. Uberlândia: EDUFU, 2011. p. 121-133.
- AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. *Palavras incertas*. As não coincidências do dizer. Trad. Cláudia Pfeiffer *et al.* São Paulo: Editora da Unicamp, 1998.
- ANDRADE, Eliane de. 2008. *Entre o desejo e a necessidade de aprender línguas: a construção das representações de língua e de aprendizagem do aluno-professor de língua inglesa*. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.
- ARENDT, Hannah. *A condição humana*. Trad. Roberto Raposo. 11. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.
- AZEVEDO, Domingos de. *Grande dicionário Francês/Português*. 11. ed. Venda Nova: Bertrand Editora, 1989.
- BAGGIO, Antonio Maria. (Org.). *O princípio esquecido*. São Paulo: Cidade Nova, 2008.
- BARBOSA, Letícia Costa. “*O fundo do poço pode se transformar em fundo de posso!*”: trabalho com um grupo de mulheres alcoolistas sob a perspectiva de redução de danos. Dissertação (Mestrado em Ciências na área de Saúde Pública). Rio de Janeiro, ENSP, maio de 2008.
- BRANDÃO, Ana Maria. *E se tu fosses rapaz?* Homo-erotismo feminino e construção social da identidade. Porto: Afrontamento, 2010.
- BRASIL. Constituição (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil*: promulgada em 5 de outubro de 1998. Organização do texto: Juarez de Oliveira. 4. ed. São Paulo: Saraiva, 1990. (Série Legislação Brasileira)
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. *Saúde Mental no SUS: os centros de atenção psicossocial*. Brasília: Ministério da Saúde, 2004.
- BRASILIANO, Silva; HOCHGRAF, Patrícia Brunfentrinker. A influência da comodidade com transtornos alimentares na apresentação de mulheres dependentes de substâncias psicoativas. *Revista de Psiquiatria Clínica*, v. 33, n. 3, p. 134-144, 2006.

BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero: Feminismo e subversão da identidade*. Tradução Renato Aguiar. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

CARDOSO, Sílvia Helena Barbi. *Discurso e ensino*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica/Fale-UFMG, 2005.

CARMAGNANI, Anna Maria Grammatico. *Linguagem e exclusão: o discurso da mídia sobre o professor e a escola*. RBLA, v. 9, n. 2. Belo Horizonte, 2009, p. 499-514.

CESAR, Beatriz Aceti Lenz. *O beber feminino: a marca social do gênero feminino no alcoolismo em mulheres*. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública) – Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca, ENSP. Rio de Janeiro, 2005.

CESAR, Beatriz Aceti Lenz. *Alcoolismo feminino: um estudo de suas peculiaridades*. Resultados preliminares. Jornal Brasileiro de Psiquiatria, v. 55, n. 3, 2006. p. 208-211.

CHAGAS, Silvia Spertino. A mulher toxicômana. *Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre*, n. 24. p. 75-88, mai, 2003.

CORACINI, Maria José Rodrigues Farias. *Um fazer persuasivo: o discurso subjetivo da ciência*. Campinas: Pontes, 1991.

CORACINI, Maria José Rodrigues Farias. *O jogo discursivo na sala de leitura*. Língua materna e língua estrangeira. Campinas, Pontes, 1995.

CORACINI, Maria José Rodrigues Farias. *A celebração do outro: arquivo, memória e identidade – línguas (materna e estrangeira), plurilinguismo e tradução*. Campinas: Mercado de Letras, 2007.

CORACINI, Maria José Rodrigues Farias. Entre adquirir e aprender uma língua. *Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso*. v. 9, n. 2, 2014, p. 4-24.

CORACINI, Maria José Rodrigues Farias. *Representações de professor: entre o passado e o presente*. Revista Reflexão e Ação. Santa Cruz do Sul, v. 23, n. 1, jan/jun. 2015, p. 132-161.

CORRADI-WEBSTER, Clarissa Mendonça. *Consumo problemático de bebidas alcoólicas por mulheres: discursos e histórias*. Tese (Doutorado em Ciências, área Psicologia) – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, USP, 2009.

COSTA, Claudia de Lima. *O sujeito no feminismo: revisitando os debates*. Cadernos pagu. Unicamp, 2002. p. 59-90.

DA ROSA, Marluza. *O discurso universitário-científico na contemporaneidade: marcas e implicações na constituição identitária do pesquisador em formação*. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 2013, p. 233.

DA ROSA, Marluza; RONDELLI, Daniella Rubbo; PEIXOTO, Mariana Batista Silva.

Discurso, Desconstrução e Psicanálise no campo da Linguística Aplicada: (du)elos e (des)caminhos. D.E.L.T.A., 31 –especial, 2015, p. 253-281.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia* 2. Trad. Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra Neto e Celia Pinto Costa. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2011.

DERRIDA, Jacques. *A Escritura e a Diferença*. Trad. Maria Beatriz da Silva. São Paulo: Perspectiva, 1995.

DERRIDA, Jacques. *Anne Dufourmantelle convida Jacques Derrida a falar da hospitalidade*. Trad. Antonio R. São Paulo: Escuta, 2003.

DERRIDA, Jacques. *A farmácia de Platão*. Trad. Rogério da Costa. São Paulo: Iluminuras, 2005.

DURKHEIM, Émile. *As formas elementares da vida religiosa*. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

FARIAS, José Fernando de Castro. *A origem do direito de solidariedade*. Rio de Janeiro: Renovar, 1998.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa*. 3. ed. São Paulo: Fundação Dorina Nowill para Cegos, 2009.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Trad. Lúcia M. Pondé Vassalo. 3. ed. Petrópolis, Vozes, 1984.

FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. Trad. Roberto Cortes de Lacerda. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: A vontade de saber*. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro, Graal, 1988.

FOUCAULT, Michel. *A Ordem do Discurso*. 5. ed. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 2005.

FOUCAULT, Michel. *Ética, sexualidade, política*. Trad. Elisa Monteiro; Inês Autran Dourado Barbosa. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

FOUCAULT, Michel. *A Arqueologia do Saber*. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

FOUCAULT, Michel. *Os anormais: curso no collège de France (1974 -1975)*. 2. ed. Trd. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

FOUCAULT, Michel. *A Ordem do Discurso: aula inaugural no collège de France*,

pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 24. ed. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 2014.

FREUD, Sigmund. (1921). Psicologia das massas e análise do ego. In: FREUD, S. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. v. 18. Rio de Janeiro: Imago, 1990, p. 89- 179.

GOMES, Varella Katia. *A dependência química em mulheres: figurações de um sintoma partilhado*. 2010. Tese (Doutorado em Psicologia Social) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

GRANJA, Edna. Crack, pânico e desafios atuais. In: MORAES, Maristela; CASTRO, Ricardo; PETUCO, Dênis. (Orgs.). *Gênero e drogas: contribuições para uma atenção integral à saúde*. Recife: Instituto PAPAI, 2010. (Série Homens e Políticas Públicas)

GREGOLIN, Maria do Rosário. As vozes de Nietzsche e da Nova História. In: GREGOLIN, Maria do Rosário. *Foucault e Pêcheux na análise do discurso: diálogos & duelos*. São Paulo: Claraluz, 2004. p. 160-171.

GUERRA, Vânia Maria Lescano; SOUZA, Claudete Cameschi de. Entre o (dis)curso e a identidade, a emergência de uma epistemologia crítica para entender o jogo da diferença. In: NOLASCO, Edgar César; GUERRA, Vânia Maria Lescano. (Orgs.). *O sol se põe na fronteira: discursos, gentes e terras*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013. p. 37-66.

GUIDA, Angela Maria. AS FRONTEIRAS em múltiplas performances. In: NOLASCO, Edgar César; GUERRA, Vânia Maria Lescano. (Orgs.). *O sol se põe na fronteira: discursos, gentes e terras*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013. p. 115-132.

LACAN, Jacques. *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Trad. M. D. Magno. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

LACAN, Jacques. *O seminário, Livro 2: O Eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*. 2. ed. Trad. M. C. L Penot. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987.

LACAN, Jacques. *O estádio do espelho como formador da função do eu*. In: LACAN, Jacques. *Escritos*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LACAN, Jacques. *A identificação: seminário 1961 – 1962*. Trad. Ivan Correia e Marcos Bagno. Recife: Centro de estudos freudianos do Recife, 2003.

LAURETIS, Teresa. “Tecnologias do gênero”. In: LAURETIS, Teresa. *Tendências e impasses: O feminismo como crítico da cultura*. Organização de Heloisa Buarque de Hollanda. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

MALHEIRO, Luana; MACRAE, Edward. Trabalho de campo e a construção de políticas para usuários de drogas – a questão dos usos de crack na atualidade: um olhar sobre usuários e usuárias. In: MORAES, Maristela; CASTRO, Ricardo; PETUCO, Dênis. (Orgs.). *Gênero e drogas: contribuições para uma atenção integral à saúde*. Recife: Instituto PAPAI, 2010. (Série Homens e Políticas Públicas)

MEDEIROS, Rafael Gil Medeiros; CECCHIN, Ricardo André. Marchas de Maconha: para além da neblina sensacionalista. In: MORAES, Maristela; CASTRO, Ricardo; PETUCO, Dênis. (Orgs.). *Gênero e drogas: contribuições para uma atenção integral à saúde*. Recife: Instituto PAPAI, 2010. (Série Homens e Políticas Públicas)

MELLO, Anahi Guedes de. *Deficiência, incapacidade e vulnerabilidade: do capacitismo ou a preeminência capacitista e biomédica do Comitê de Ética em Pesquisa da UFSC*. Ciência & Saúde Coletiva. 21(10), 2016.

MIGNOLO, Walter. *Histórias locais/Projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar*. Trad. Solange Ribeiro de Oliveira. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

MIGNOLO, Walter. *Desafios decoloniais hoje*. Epistemologias do Sul. Foz do Iguaçu, PR, 1, p. 12-32, 2017.

MINUCHIN, Salvador; FISHMAN, Charles. *Técnicas de terapia familiar*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1990.

MONSERRAT, Ruth. Usos discursivos dos parênteses em um catecismo jesuítico na língua geral da Amazônia. *Revista de Estudos da Linguagem*. Belo Horizonte, v. 25, n. 1, 2017, p. 85-110.

MORAES, Maristela; CASTRO, Ricardo; PETUCO, Dênis. (Orgs.). *Gênero e drogas: contribuições para uma atenção integral à saúde*. Recife: Instituto PAPAI, 2010. (Série Homens e Políticas Públicas)

MORAES, Maristela; MEDRADO, Benedito; LYRA, Jorge; GRANJA, Edna. Homens, violência contra mulheres e atenção em saúde mental: algumas reflexões sobre interfaces complexas. In: MORAES, Maristela; CASTRO, Ricardo; PETUCO, Dênis. (Orgs.). *Gênero e drogas: contribuições para uma atenção integral à saúde*. Recife: Instituto PAPAI, 2010. (Série Homens e Políticas Públicas)

MORAES, Maristela. Gênero e uso de drogas: por que é importante articular esses temas?. In: MORAES, Maristela; CASTRO, Ricardo; PETUCO, Dênis. (Orgs.). *Gênero e drogas: contribuições para uma atenção integral à saúde*. Recife: Instituto PAPAI, 2010. (Série Homens e Políticas Públicas)

MOUFFE, Chantal. *O regresso do político*. Coimbra: Gradiva, 1996.

NAVARRO-BARBOSA, Pedro. O acontecimento discursivo e a construção da identidade na história. In: NAVARRO-BARBOSA, Pedro. SARGENTINI, Vanice. *Foucault e os domínios da linguagem: discurso, poder, subjetividade*. São Carlos: Claraluz, 2004.

NICHOLS, M. P; SCHWARTZ, R. C. *Terapia familiar- conceitos e métodos*. Porto Alegre: Artmed, 2007.

NICHOLSON, Linda. Interpretando o gênero. Trad. Luiz Felipe Guimarães Soares. *Revista Estudos Feministas*. v. 8, n. 2. Florianópolis, 2000.

NOLASCO, Edgar César. O método do discurso fronteiriço: Por uma aproximação do sujeito

da exterioridade. In GUERRA, Vania Maria Lescano.; ALMEIDA, Willian D. (Orgs.). *Povos indígenas em cena: das margens ao centro da História*. Campo Grande: OMEP/BR, 2016, p. 52-66.

OLIVEIRA, Jeane Freitas de; NASCIMENTO, Enilda Rosendo do; PAIVA, Miriam santos. "Especificidades de usuários(as) de drogas visando a uma assistência baseada na heterogeneidade". *Esc Anna Nery Rev Enfermagem*. v. 11, n. 4, dez, 2007, p. 694-698.

OLIVEIRA, Jeane Freitas de. *(In)visibilidade do consumo de drogas como problema de saúde num contexto assistencial: uma abordagem de gênero*. Tese. Programa de Pós-graduação em saúde coletiva. Universidade federal da Bahia. Salvador, 2008.

ORLANDI, Eni Puccinelli; LAGAZZI-RODRIGUES, Suzy. (Orgs.). *Introdução às ciências da linguagem: discurso e textualidade*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2006.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. 6. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. 8. ed. Campinas: Pontes, 2009.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Discurso e leitura*. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Trad. Eni Puccinelli Orlandi et al. 4. ed. Campinas, SP: editora da Unicamp, 2009.

PETUCO, Dênis Roberto da Silva. Educação Popular em Saúde e o cuidado de pessoas que usam álcool e outras drogas; "Álcool e outras drogas" na IV Conferência Nacional de Saúde Mental – Intersectorial: reminiscências de uma observação muito participante. In: MORAES, Maristela; CASTRO, Ricardo; PETUCO, Dênis. (Orgs.). *Gênero e drogas: contribuições para uma atenção integral à saúde*. Recife: Instituto PAPAI, 2010. (Série Homens e Políticas Públicas)

RAGO, Margareth. Descobrindo historicamente o gênero. *Cadernos Pagu*. (11). Campinas, 1998, p. 89-98.

RAGO, Margareth. *Epistemologia feminista, gênero e história*. Descobrindo historicamente o gênero. Compostela: CNT, 2012.

ROCHA, Gleyca Thyês da Silva Romeiro; NICOLAU, Maria Célia Correia *Dependência química e codependência face à questão da droga e drogadição: a família codependente e as fragilidades das políticas públicas no seu enfrentamento*. VII Jornada internacional Políticas Públicas. 2015. São Luís. Anais... São Luís: Programa de Pós-graduação em Políticas Públicas – UFMA. 2015, p. 1-13.

SANTOS, Naíde Teodósio Valóis; RAMEH-DE-ALBUQUERQUE, Rossana. Saúde Mental, Álcool e outras drogas na Atenção Primária. In: MORAES, Maristela; CASTRO, Ricardo; PETUCO, Dênis. (Orgs.). *Gênero e drogas: contribuições para uma atenção integral à saúde*. Recife: Instituto PAPAI, 2010. (Série Homens e Políticas Públicas)

SARGENTINI, Vanice Maria Oliveira. Arquivo e acontecimento: a construção do discurso em análise do discurso. In: Navarro, Pedro. (Org.). *Estudos do texto e do discurso: mapeando conceitos e métodos*. São Carlos: Claraluz, 2006, p. 35-44.

SAWAIA, Bader (Org.). *As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social*. 8. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *A produção social da identidade e da diferença*. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.

SILVA, Anderson Cristiano da. A pontuação e a constituição de sentidos: um estudo dialógico em texto midiático. *Ver. Brás. Linguist. Apl.* v. 11, n. 1, Belo Horizonte, 2011.

SPIVAK, Gayatri C. *Pode o subalterno falar?*. Trad. Sandra Almeida, Marcos Feitosa, André Feitosa. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.

UYENO, Elzira Yoko. Identidade, subjetividade e identificações: como se constrói o (in)visível – da indistinção à invenção de si. In: NOLASCO, Edgar Cézar; GUERRA, Vânia Maria Lescano. (Orgs.). *O sol se põe na fronteira: discursos, gentes e terras*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013. p. 157-186.

MEMORIAL DESCRITIVO: DO PERCURSO ACADÊMICO AO (DES)ENVOLVER DA ESCRITA DE SI

Para desenvolver essa escrita de si que o memorial descritivo possibilita, perpassei pela noção de descontinuidade, na qual considera-se a história sem origem delimitada e sem cronologia rígida, configurando uma rede discursiva em forma de rizoma. Minha trajetória acadêmica não está totalmente transcrita nesses papéis, porque sempre há silêncio, há ditos que são esquecidos na escrita, sendo o sentido uma montagem da história e a escrita uma confissão que tem papel de prova da verdade (FOUCAULT, 2006).

Como os textos escritos pelas mulheres participantes da pesquisa, esta escrita se conecta ao exercício do pensamento como forma de correspondência (carta), uma vez que me mostro por meio da introspecção para o outro, você, leitor dessa dissertação. Neste momento, acabo de finalizar a escrita da análise que compõe minha pesquisa e a enviar para minha orientadora Celina Aparecida Garcia de Souza Nascimento, momento repleto de emoções e questionamentos sobre a qualidade do meu trabalho.

Quando iniciei o mestrado, em 13 de março de 2017, tive a experiência inesquecível de estar na graduação ao mesmo tempo, durante quase dois meses, devido ao atraso no calendário acadêmico ocasionado por uma greve. Estava em situação fronteiriça, uma fronteira acadêmica que uniu graduação e pós-graduação em mim. Foram dois meses intensos nos quais estudava para as provas finais com a responsabilidade de não reprovar ainda maior. Afinal, já estava no mestrado e, também, precisava assistir e participar das aulas, durante o dia no mestrado e durante a noite na graduação.

Após esse momento, consegui me dedicar mais exclusivamente à minha pesquisa e fiz uma coleta inicial do corpus pesquisado, tive meu primeiro contato com a instituição CAPS ad. Nossa relação foi conflituosa, pois eu me via como uma estrangeira naquele ambiente institucional, como as mulheres envolvidas na minha pesquisa, eu era um corpo estranho àquela instituição. Na segunda vez que fui realizar a coleta, no final de 2017, houve troca de administração e precisei de mais uma assinatura no termo de compromisso. Finalmente, consegui a assinatura, ainda, no final de 2017, mas só consegui realizar a coleta no início de junho com a nova coordenação, que foi muito atenciosa, junto aos funcionários do CAPS ad. Finalmente, consegui realizar minha análise e as condições de produção da dissertação, sendo que, alguns meses antes, havia escrito o texto da perspectiva teórica.

No primeiro semestre de 2017, cursei a disciplina “Análise do Discurso”, ministrada pela Profª Drª Vania Maria Lescano Guerra. Com ela, fiz minha primeira análise discursiva e

obtive contribuições importantes em minha formação. Na disciplina “Teorias da Linguagem”, orientada pelas professoras Dr^a Solange de Carvalho Fortilli, Dr^a Taísa Peres de Oliveira e Dr^a Vania Maria Lescano Guerra, que contribuíram para minha compreensão acerca das teorias da linguística, desde antes da sua constituição enquanto ciência. Com as aulas de “Tópicos Especiais: Metodologia do Gênero Acadêmico”, regidas pela Prof^a Dr^a Taísa Peres de Oliveira, tive a oportunidade de estudar sobre os processos de pesquisa acadêmica a partir dos gêneros textuais, resenha e projeto de pesquisa. Também participei da disciplina “Tópicos Especiais: Linguagem(ns), cultura(s) e in(ex)clusão”, ministrada pela Prof^a Dr^a Celina Aparecida Garcia de Souza Nascimento, em que estudei textos que me auxiliaram na elaboração do meu projeto de pesquisa.

No segundo semestre de 2017, também, cursei a disciplina “Tópicos Especiais: Trabalho de Campo pelo Viés Discursivo”, orientada pela Prof^a Claudete Cameschi de Souza e o Prof Dr Fabrício Tetsuya Parreira Ono, que buscaram (re)significar o que é uma aula instigando a autonomia dos alunos. Em período especial, uma semana, tive aulas da disciplina “Tópicos Especiais: Teorias Semânticas”, com o Prof Dr Sebastião Carlos Leite Gonçalves, que desenvolveu leituras analíticas mais específicas sobre os estudos semânticos. Além dessas disciplinas, como bolsista, realizei o “Estágio de Docência I”, sob orientação da Prof^a Dr^a Claudete Cameschi de Souza na disciplina “Linguística Aplicada”, ministrada no terceiro ano da graduação em Letras da UFMS.

De 29 a 31 de maio de 2017, participei do evento “VI SELL - Tempos, Territórios de Linguagens: Fronteiras Múltiplas” em Uberaba, Minas Gerais. Nesse evento, apresentei meu primeiro trabalho pelo mestrado intitulado “Formação discursiva no discurso de dependentes químicos: paráfrase ou polissemia?”, momento de muita tensão, mas de importantes aprendizagens em relação à Análise do Discurso.

Participei pela segunda vez do “GEL - Grupos de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo” em Assis, São Paulo, no qual apresentei o trabalho “A constituição identitária da mulher dependente química”. Neste evento, obtive inúmeras contribuições sobre minha pesquisa e sobre pesquisas diversas em linguística, principalmente, em Linguística Aplicada.

Ainda no GEL, participei do minicurso “Verbivocovisualidade da linguagem: uma Análise Dialógica de Discurso sobre”, no qual foi possível compreender o que é a verbicovisualidade, noção desenvolvida por Luciana de Paula, ministrante do curso ao lado de Bárbara Melissa Santana. Para realizar a viagem até a cidade do evento, contei com o auxílio financeiro da UFMS, que me concedeu passagens e alimentação, a hospedagem foi oferecida pelo próprio evento.

O XII Congresso Internacional ALED, que aconteceu do dia 16 a 19 de outubro de 2017 em Santiago, Chile, contou com grandes nomes da Análise do discurso e excelentes apresentações, além da oportunidade de conhecer esse lindo país. Apresentei o trabalho “Identidade e in(ex)clusão: a presença da mulher em centros de recuperação”, que resultou em questionamentos sobre minha pesquisa e contribuiu para realizar a coleta no CAPS ad. Infelizmente, não tive a oportunidade de usufruir mais uma vez do direito de auxílio financeiro para evento, porque o programa não possuía verbas o suficiente para auxiliar os alunos mais de uma vez, durante o ano de 2017. Apesar disso, alguns professores me ajudaram muito, as professoras Celina Aparecida Garcia de Souza Nascimento e Claudete Cameschi de Souza e o professor Fabrício Tetsuya Parreira Ono.

Em 2017, tive a oportunidade de participar de diversos eventos acadêmicos também em Três Lagoas, como o I PROFLIJ - Simpósio de Literatura Infanto-Juvenil do PROFLETRAS. Foi um simpósio no qual apresentei o trabalho “Discursos identitários de dependentes químicos: o sonho de mudança”, entre os dias 22 e 24 de junho de 2017. Para além da apresentação de trabalho, participei do minicurso “Contação de histórias: o corpo em movimento!”, momento muito confortável que interagi com outras pessoas da graduação e desenvolvi habilidades orais e corporais.

Outro evento que ocorreu em Três Lagoas foi o SENELCO - I Seminário Nacional de Estudos Linguísticos do Centro-Oeste, onde apresentei os trabalhos “Marcas de si e do outro no discurso da mulher dependente química” e “Uma análise discursiva da construção de sentidos no conto de terror: a noite do enforcamento?”, este foi um trabalho realizado durante minha participação no PIBID e que pôde ser completado após a graduação.

Um dos eventos que mais me proporcionou contribuições acadêmicas sobre a minha pesquisa de mestrado foi o VIII SEPIDIS - Seminário de Pesquisa em Identidade e Discurso, em novembro de 2017. O trabalho apresentado “Identidade e discurso da mulher dependente química: uma relação de in(ex)clusão” foi debatido em uma mesa de discussão e foram apontadas contribuições sobre a abordagem de gênero e sobre a dependência química.

No IX SIGET - Simpósio Internacional de Estudos de Gêneros Textuais, que ocorreu em Campo Grande (MS), apresentei o trabalho “O contexto das disparidades sociais no ensino de língua inglesa” com o meu amigo Raul Leme Medeiros, graduado em Letras pela UFMS. Esse trabalho foi desenvolvido no início de 2017, quando estávamos concluindo o nosso último estágio de regência da graduação e escrito em forma de artigo acadêmico, até o final de 2017 e início de 2018, quando enviamos para ser publicado nos anais do evento.

Em 09 de abril de 2018, assisti o I Ciclo de Conferências em Lexicografia da UFMS - CPTL, que aconteceu na Unidade II da UFMS, de Três Lagoas (MS). Essa conferência me proporcionou entender as diferentes vertentes da lexicografia com as apresentações “Contribuições da Lexicografia Pedagógica para o ensino de línguas”, pela Profª Drª Maria Teresa Fuentes Morán, “Lexicografia e terminologia: interfaces, pelo ProfDr Odair Luiz Nadin, e “Dicionários Onomásticos: o que são e a quem se destinam?”, pela Profª Drª Aparecida Negri Isquerdo.

Na graduação, com o auxílio do PIBID e PIBIC, construí e desconstruí estereótipos e preconceitos, desenvolvi olhares sobre a sociedade e sobre mim. O bairro no qual cresci sempre foi conhecido como “Zona véia”, um bairro pobre que abriga diferentes pessoas, como pessoas em situação de rua, conhecidas por muitos como usuários de drogas. As pessoas que dependem das drogas são sempre estigmatizadas e vistas como o que Foucault (2010) chama de indivíduos perigosos, há perigo quando as vemos. Não pretendi “dar voz” às mulheres que são dependentes químicas, porque analiso a partir da minha perspectiva, da minha voz. É preciso sempre repensar as relações em sociedade, por isso, espero que meu trabalho contribua para que repensemos nossas relações constantemente.

REFERÊNCIAS

FOUCAULT, Michel. *Ética, sexualidade, política*. Trad. Elisa Monteiro; Inês Autran Dourado Barbosa. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

FOUCAULT, Michel. *Os anormais: curso no collège de France (1974 -1975)*. 2. ed. Trd. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

APÊNDICE

APÊNDICE

IDENTIDADE E IN(EX)CLUSÃO: UM ESTUDO DISCURSIVO SOBRE A MULHER DEPENDENTE QUÍMICA

OBJETIVOS E INSTRUMENTO DE PESQUISA

Com a realização desta pesquisa, pretendemos enquanto objetivo geral: discutir como é constituído o processo identitário no discurso de mulheres dependentes químicas.

Enquanto objetivos específicos, pretendemos: a) Interpretar questões referentes às formações discursivas advindas das dependentes químicas em centros de recuperação; b) Discutir os discursos da dependente química no campo de relações de saber/poder e resistência; e c) Problematizar a relação do dito e não dito (silenciamento) do sujeito in(ex)cluído.

ADENDO À METODOLOGIA DE PESQUISA DO PROJETO:

a) Amostra:

O universo da pesquisa envolverá o discurso das mulheres dependentes químicas atendidas no CAPS AD da cidade Três Lagoas, Mato Grosso do Sul.

Procedimentos para as coletas (previsto para março e abril de 2017)

A coleta, análise e discussão dos dados utilizarão distintos procedimentos, a saber: (1) pesquisa em bibliografia pertinente; (2) visita ao CAPS ad para contato e assinatura do termo de livre consentimento; (3) realização das coletas, pelo contato direto com a instituição; (4) seleção e interpretação dos recortes enunciativos, a partir da proposta teórica apresentada; (5) redação da dissertação; e (6) apresentação e divulgação dos resultados.

Três Lagoas, 34 de junho de 2018.

Acadêmica Aline Rodrigues da Silva
Pesquisadora responsável

Aline Rodrigues da Silva

[Assinatura]
Prof.^a Dr.^a Celina Aparecida Garcia de Souza Nascimento
Orientadora do projeto/Câmpus de Três Lagoas/UFMS

Na atividade de produção de texto e entrevistas, contamos com contribuição dos Senhores para que nos ceda o tempo que achar necessário, a fim de que as pessoas atendidas pelo CAPS ad possam escrever e falar sobre o que for solicitado. Fica assegurado que as informações dos textos serão tratadas com respeito, sigilo e ética profissional. Cabe assinalar ainda, que a participação dos envolvidos neste projeto é voluntária, o que não causará aos participantes qualquer prejuízo se resolver não colaborar.

Confiança e Anonimato:

Informamos que os nomes dos envolvidos na pesquisa não serão registrados.

Benefícios:

Os resultados possibilitarão estudos que buscam entender a constituição identitária da mulher dependente química por meio da interpretação das formações discursivas perpassadas em seus discursos, problematizando o que é silenciado no discurso da dependente química. Trata-se de ouvir o que está silenciado, o (não)dito, interpretando o que é ser dependente química e as múltiplas identificações imaginárias que constituem o Outro do inconsciente, valores que acabam por orientar as escolhas do sujeito, a sua identidade.

Faz-se necessário acrescentar que este projeto de pesquisa foi encaminhado e aprovado pela UFMS para a participação no mestrado em Letras, sob a orientação da Profa. Dra. Celina Aparecida Garcia de Souza Nascimento.

É preciso observar, todavia, que enquanto pesquisadoras, não nos cabe a resolução dos problemas que afligem o seu universo de vida, porém podemos contribuir para que questões apontadas que envolvem o processo identitário possam ser sistematizadas, tornando-se fonte para a comunidade acadêmica e externa, vindo a contribuir para o conhecimento dos problemas que envolvem o discurso da mulher dependente química.

A assinatura neste documento significa que os Senhores estão informados sobre o nosso projeto, seus direitos a respeito dele e que está de acordo com as pretensões do mesmo.

Nome e assinatura do pesquisador:

Aline Rodrigues da Silva Aline Rodrigues da Silva

Nome e assinatura do Coordenador do CAPS AD

Kátia O. C. Andrade

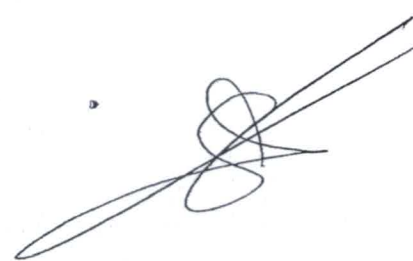
Kátia Oliveira C. Andrade
Coordenadora CAPS - AD

Endereço do pesquisador:

Rua João Mendes, 2755, Bairro Jardim das Paineiras 7964-1030 – Três Lagoas-MS.
Três Lagoas 34, de junho de 2018.

Para maiores informações:

UFMS/ CPTL, Av. Capitão Olinto Mancini, 1662, Unidade I, Três Lagoas, MS.
Fone: (67) 3509 3450 – 3425/3416





Serviço Público Federal
Ministério da Educação
Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO-TCLE

Eu, **Aline Rodrigues da Silva**, aluna do curso de pós-graduação em Letras, área de concentração Estudos Linguísticos e linha de pesquisa Discurso, subjetividade e ensino de línguas, na UFMS-CPTL e o Sr (a). Katia Divina Cavallero Andrade (coordenador (a) do Centro de Atendimento Psicossocial álcool e drogas - CAPS AD) entendemos e estamos de acordo com os termos explicados abaixo.

Introdução:

Bem-vindo (a) ao projeto: **IDENTIDADE E IN(EX)CLUSÃO: UM ESTUDO DISCURSIVO SOBRE A MULHER DEPENDENTE QUÍMICA**. Nós agradecemos a sua colaboração, seu interesse e seu apoio para o sucesso deste projeto.

Informações sobre o Projeto:

A pesquisadora principal é Aline Rodrigues da Silva, que realiza curso de mestrado em Estudos Linguísticos na UFMS sob a orientação da Profa. Dra. Celina Aparecida Garcia de Souza Nascimento, responsável pelo projeto e lotada no Câmpus de Três Lagoas/UFMS.

Pretendemos desenvolver um trabalho de pesquisa sobre a constituição do processo identitário da mulher dependente química que busca ser (re)incluída por meio do centro de recuperação, considerando noções subjacentes à noção-conceito de formações discursivas, com o objetivo de discutir como é constituído o processo identitário no discurso da mulher dependente química, mais especificamente: a) interpretar questões referentes às formações discursivas advindas das dependentes químicas em centros de recuperação; b) discutir os discursos da dependente química no campo de relações de saber/poder e resistência; e c) problematizar a relação do dito e não dito (silenciamento) do sujeito in(ex)cluído.

O corpus pesquisado consiste em textos escritos e entrevistas realizadas com mulheres dependentes químicas que são atendidas no Centro de Atendimento Psicossocial álcool e drogas (CAPS ad) da cidade de Três Lagoas, Mato Grosso do Sul.

Esta pesquisa se realizará por visitas ao CAPS AD para coletas durante três meses, conforme for a aceitabilidade dos dirigentes da Instituição. Assim, após o recolhimento dos textos serão selecionados os recortes enunciativos. Faz-se necessário esclarecer ainda, que o projeto tem finalidade acadêmica e não fins comerciais.

Direitos, riscos e desconfortos:

O sucesso deste trabalho depende da Coordenação do Centro de Atendimento Psicossocial álcool e drogas, funcionários e pacientes envolvidas no projeto. Com isto, gostaríamos de, durante a produção de textos, levantar questões a respeito do tema para a escrita.

IDENTIDADE E IN(EX)CLUSÃO: UM ESTUDO DISCURSIVO SOBRE A MULHER DEPENDENTE QUÍMICA

OBJETIVOS E INSTRUMENTO DE PESQUISA

Com a realização desta pesquisa, pretendemos enquanto objetivo geral: discutir como é constituído o processo identitário no discurso de mulheres dependentes químicas.

Enquanto objetivos específicos, pretendemos: a) Interpretar questões referentes às formações discursivas advindas das dependentes químicas em centros de recuperação; b) Discutir os discursos da dependente química no campo de relações de saber/poder e resistência; e c) Problematicar a relação do dito e não dito (silenciamento) do sujeito in(ex)cluído.

ADENDO À METODOLOGIA DE PESQUISA DO PROJETO:

a) Amostra:

O universo da pesquisa envolverá o discurso das mulheres dependentes químicas atendidas no CAPS AD da cidade Três Lagoas, Mato Grosso do Sul.

Procedimentos para as coletas (previsto para março e abril de 2017)

A coleta, análise e discussão dos dados utilizarão distintos procedimentos, a saber: (1) pesquisa em bibliografia pertinente; (2) visita ao centro de recuperação para contato e assinatura do termo de livre consentimento; (3) realização das coletas, pelo contato direto com a instituição; (4) seleção e interpretação dos recortes enunciativos, a partir da proposta teórica apresentada; (5) redação da dissertação; e (6) apresentação e divulgação dos resultados.

Três Lagoas, 12 de maio de 2017.

Acadêmica Aline Rodrigues da Silva
Pesquisadora responsável

Aline Rodrigues da Silva


Prof.ª Dr.ª Celina Aparecida Garcia de Souza Nascimento
Orientadora do projeto/Câmpus de Três Lagoas/UFMS

Na atividade de produção de texto e entrevistas, contamos com contribuição dos Senhores para que nos ceda o tempo que achar necessário, a fim de que as pessoas atendidas pelo CAPS possam escrever e falar sobre o que for solicitado. Fica assegurado que as informações dos textos serão tratadas com respeito, sigilo e ética profissional. Cabe assinalar ainda, que a participação dos envolvidos neste projeto é voluntária, o que não causará aos participantes qualquer prejuízo se resolver não colaborar.

Confiança e Anonimato:

Informamos que os nomes dos envolvidos na pesquisa não serão registrados.

Benefícios:

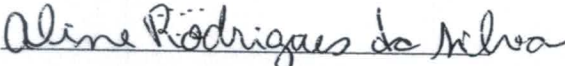
Os resultados possibilitarão estudos que buscam entender a constituição identitária da mulher dependente química por meio da interpretação das formações discursivas perpassadas em seus discursos, problematizando o que é silenciado no discurso da dependente química. Trata-se de ouvir o que está silenciado, o (não)dito, interpretando o que é ser dependente química e as múltiplas identificações imaginárias que constituem o Outro do inconsciente, valores que acabam por orientar as escolhas do sujeito, a sua identidade.

Faz-se necessário acrescentar que este projeto de pesquisa foi encaminhado e aprovado pela UFMS para a participação no mestrado em Letras, sob a orientação da Profa. Dra. Celina Aparecida Garcia de Souza Nascimento.

É preciso observar, todavia, que enquanto pesquisadoras, não nos cabe a resolução dos problemas que afligem o seu universo de vida, porém podemos contribuir para que questões apontadas que envolvem o processo identitário possam ser sistematizadas, tornando-se fonte para a comunidade acadêmica e externa, vindo a contribuir para o conhecimento dos problemas que envolvem o discurso da mulher dependente química.

A assinatura neste documento significa que os Senhores estão informados sobre o nosso projeto, seus direitos a respeito dele e que está de acordo com as pretensões do mesmo.

Nome e assinatura do pesquisador:

Aline Rodrigues da Silva 

Nome e assinatura do Coordenador do CAPS AD


Afrânio Augusto A. Azambuja
Diretor de Assistência à Saúde
SMS Três Lagoas

Endereço do pesquisador:

Rua João Mendes, 2755, Bairro Jardim das Paineiras 7964-1030 – Três Lagoas-MS.
Três Lagoas 12, de maio de 2017.

Para maiores informações:

UFMS/ CPTL, Av. Capitão Olinto Mancini, 1662, Unidade I, Três Lagoas, MS.

Fone: (67) 3509 3450 – 3425/3416





Serviço Público Federal
Ministério da Educação
Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO-TCLE

Eu, **Aline Rodrigues da Silva**, aluna do curso de pós-graduação em Letras, área de concentração Estudos Linguísticos e linha de pesquisa Discurso, subjetividade e ensino de línguas, na UFMS-CPTL e o Sr (a) Albérico Augusto A. Aguiar (coordenador (a) do Centro de Atendimento Psicossocial álcool e drogas - CAPS AD) entendemos e estamos de acordo com os termos explicados abaixo.

Introdução:

Bem-vindo (a) ao projeto: **IDENTIDADE E IN(EX)CLUSÃO: UM ESTUDO DISCURSIVO SOBRE A MULHER DEPENDENTE QUÍMICA**. Nós agradecemos a sua colaboração, seu interesse e seu apoio para o sucesso deste projeto.

Informações sobre o Projeto:

A pesquisadora principal é Aline Rodrigues da Silva, que realiza curso de mestrado em Estudos Linguísticos na UFMS sob a orientação da Profa. Dra. Celina Aparecida Garcia de Souza Nascimento, responsável pelo projeto e lotada no Câmpus de Três Lagoas/UFMS.

Pretendemos desenvolver um trabalho de pesquisa sobre a constituição do processo identitário da mulher dependente química que busca ser (re)incluída por meio do centro de recuperação, considerando noções subjacentes à noção-conceito de formações discursivas, com o objetivo de discutir como é constituído o processo identitário no discurso da mulher dependente química, mais especificamente: a) interpretar questões referentes às formações discursivas advindas das dependentes químicas em centros de recuperação; b) discutir os discursos da dependente química no campo de relações de saber/poder e resistência; e c) problematizar a relação do dito e não dito (silenciamento) do sujeito in(ex)cluído.

O corpus pesquisado consiste em textos escritos e entrevistas realizadas com mulheres dependentes químicas que são atendidas no Centro de Atendimento Psicossocial álcool e drogas (CAPS-AD) da cidade de Três Lagoas, Mato Grosso do Sul.

Esta pesquisa se realizará por visitas ao CAPS AD para coletas durante três meses, conforme for a aceitabilidade dos dirigentes da Instituição. Assim, após o recolhimento dos textos serão selecionados os recortes enunciativos. Faz-se necessário esclarecer ainda, que o projeto tem finalidade acadêmica e não fins comerciais.

Direitos, riscos e desconfortos:

O sucesso deste trabalho depende da Coordenação do Centro de Atendimento Psicossocial álcool e drogas, funcionários e pacientes envolvidas no projeto. Com isto, gostaríamos de, durante a produção de textos, levantar questões a respeito do tema para a escrita.

IDENTIDADE E IN(EX)CLUSÃO: UM ESTUDO DISCURSIVO SOBRE A MULHER DEPENDENTE QUÍMICA

OBJETIVOS E INSTRUMENTO DE PESQUISA

Com a realização desta pesquisa, pretendemos enquanto objetivo geral: discutir como é constituído o processo identitário no discurso de mulheres dependentes químicas.

Enquanto objetivos específicos, pretendemos: a) Interpretar questões referentes às formações discursivas advindas das dependentes químicas em centros de recuperação; b) Discutir os discursos da dependente química no campo de relações de saber/poder e resistência; e c) Problematicar a relação do dito e não dito (silenciamento) do sujeito in(ex)cluído.

ADENDO À METODOLOGIA DE PESQUISA DO PROJETO:

a) **Amostra:**

O universo da pesquisa envolverá o discurso das mulheres dependentes químicas atendidas no CAPS AD da cidade Três Lagoas, Mato Grosso do Sul.

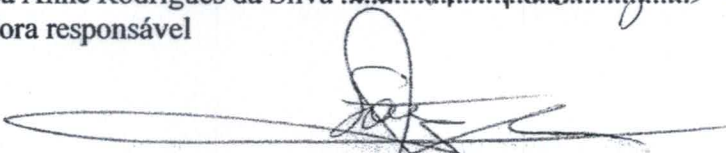
Procedimentos para as coletas (previsto para março e abril de 2017)

A coleta, análise e discussão dos dados utilizarão distintos procedimentos, a saber: (1) pesquisa em bibliografia pertinente; (2) visita ao centro de recuperação para contato e assinatura do termo de livre consentimento; (3) realização das coletas, pelo contato direto com a instituição; (4) seleção e interpretação dos recortes enunciativos, a partir da proposta teórica apresentada; (5) redação da dissertação; e (6) apresentação e divulgação dos resultados.

Três Lagoas, 17 de maio de 2017.

Acadêmica Aline Rodrigues da Silva
Pesquisadora responsável

Aline Rodrigues da Silva


Prof.ª Dr.ª Celina Aparecida Garcia de Souza Nascimento
Orientadora do projeto/Câmpus de Três Lagoas/UFMS

Na atividade de produção de texto e entrevistas, contamos com contribuição dos Senhores para que nos ceda o tempo que achar necessário, a fim de que as pessoas atendidas pelo CAPS ad possam escrever e falar sobre o que for solicitado. Fica assegurado que as informações dos textos serão tratadas com respeito, sigilo e ética profissional. Cabe assinalar ainda, que a participação dos envolvidos neste projeto é voluntária, o que não causará aos participantes qualquer prejuízo se resolver não colaborar.

Confiança e Anonimato:

Informamos que os nomes dos envolvidos na pesquisa não serão registrados.

Benefícios:

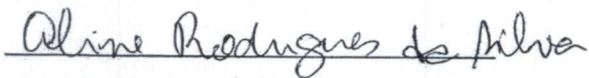
Os resultados possibilitarão estudos que buscam entender a constituição identitária da mulher dependente química por meio da interpretação das formações discursivas perpassadas em seus discursos, problematizando o que é silenciado no discurso da dependente química. Trata-se de ouvir o que está silenciado, o (não)dito, interpretando o que é ser dependente química e as múltiplas identificações imaginárias que constituem o Outro do inconsciente, valores que acabam por orientar as escolhas do sujeito, a sua identidade.

Faz-se necessário acrescentar que este projeto de pesquisa foi encaminhado e aprovado pela UFMS para a participação no mestrado em Letras, sob a orientação da Profa. Dra. Celina Aparecida Garcia de Souza Nascimento.

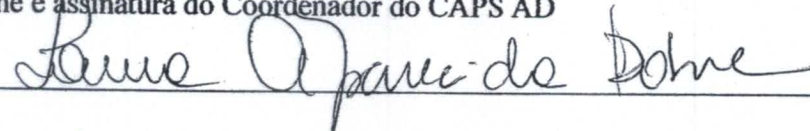
É preciso observar, todavia, que enquanto pesquisadoras, não nos cabe a resolução dos problemas que afligem o seu universo de vida, porém podemos contribuir para que questões apontadas que envolvem o processo identitário possam ser sistematizadas, tornando-se fonte para a comunidade acadêmica e externa, vindo a contribuir para o conhecimento dos problemas que envolvem o discurso da mulher dependente química.

A assinatura neste documento significa que os Senhores estão informados sobre o nosso projeto, seus direitos a respeito dele e que está de acordo com as pretensões do mesmo.

Nome e assinatura do pesquisador:

Aline Rodrigues da Silva 

Nome e assinatura do Coordenador do CAPS AD



Tânia Aparecida Dobra
Coord. CAPS AD
Assistente Social
CRESS 2206/MS

Endereço do pesquisador:

Rua João Mendes, 2755, Bairro Jardim das Paineiras 7964-1030 – Três Lagoas-MS.
Três Lagoas 17, de maio de 2017.

Para maiores informações:

UFMS/ CPTL, Av. Capitão Olinto Mancini, 1662, Unidade I, Três Lagoas, MS.

Fone: (67) 3509 3450 – 3425/3416





Serviço Público Federal
Ministério da Educação

Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO-TCLE

Eu, **Aline Rodrigues da Silva**, aluna do curso de pós-graduação em Letras, área de concentração Estudos Linguísticos e linha de pesquisa Discurso, subjetividade e ensino de línguas, na UFMS-CPTL e o Sr (a). *Celina Aparecida Garcia de Souza* (coordenador (a) do Centro de Atendimento Psicossocial álcool e drogas - CAPS AD) entendemos e estamos de acordo com os termos explicados abaixo.

Introdução:

Bem-vindo (a) ao projeto: **IDENTIDADE E IN(EX)CLUSÃO: UM ESTUDO DISCURSIVO SOBRE A MULHER DEPENDENTE QUÍMICA**. Nós agradecemos a sua colaboração, seu interesse e seu apoio para o sucesso deste projeto.

Informações sobre o Projeto:

A pesquisadora principal é Aline Rodrigues da Silva, que realiza curso de mestrado em Estudos Linguísticos na UFMS sob a orientação da Profa. Dra. Celina Aparecida Garcia de Souza Nascimento, responsável pelo projeto e lotada no Câmpus de Três Lagoas/UFMS.

Pretendemos desenvolver um trabalho de pesquisa sobre a constituição do processo identitário da mulher dependente química que busca ser (re)incluída por meio do centro de recuperação, considerando noções subjacentes à noção-conceito de formações discursivas, com o objetivo de discutir como é constituído o processo identitário no discurso da mulher dependente química, mais especificamente: a) interpretar questões referentes às formações discursivas advindas das dependentes químicas em centros de recuperação; b) discutir os discursos da dependente química no campo de relações de saber/poder e resistência; e c) problematizar a relação do dito e não dito (silenciamento) do sujeito in(ex)cluído.

O corpus pesquisado consiste em textos escritos e entrevistas realizadas com mulheres dependentes químicas que são atendidas no Centro de Atendimento Psicossocial álcool e drogas (CAPS-AD) da cidade de Três Lagoas, Mato Grosso do Sul.

Esta pesquisa se realizará por visitas ao CAPS AD para coletas durante três meses, conforme for a aceitabilidade dos dirigentes da Instituição. Assim, após o recolhimento dos textos serão selecionados os recortes enunciativos. Faz-se necessário esclarecer ainda, que o projeto tem finalidade acadêmica e não fins comerciais.

Direitos, riscos e desconfortos:

O sucesso deste trabalho depende da Coordenação do Centro de Atendimento Psicossocial álcool e drogas, funcionários e pacientes envolvidas no projeto. Com isto, gostaríamos de, durante a produção de textos, levantar questões a respeito do tema para a escrita.